7 P.-5-84/3

# PORTUGAL E A ITALIA

OU ENLACE

DA

# DYNASTIA DE BRAGANÇA

COM

## A DYNASTIA DE SABOYA

POR

JOSÉ MIGUEL VENTURA

**Italia**: I — Rei, Clero e Povo
**Portugal**: II — Passado, Presente e Futuro.
III — Excellencias moraes e politicas da união de El-Rei de Portugal com a Princeza de Italia.
IV — Biographia de S. M. a Rainha D. Maria Pia de Saboya.
V — Biographia de S. M. El-Rei o Senhor D. Luiz I.
VI — Festejos por occasião dos felizes desposorios de El-Rei de Portugal.

LISBOA
EDITORES — SILVA JUNIOR & COMP.ª
PRAÇA DE D. PEDRO

# PORTUGAL E A ITALIA

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
RUA DOS CALAFATES, 110

# PORTUGAL E A ITALIA

OU ENLACE

DA

# DYNASTIA DE BRAGANÇA

COM

## A DYNASTIA DE SABOYA

POR

JOSÉ MIGUEL VENTURA

[1862]

LISBOA

EDITORES — SILVA JUNIOR & C.ª

PRAÇA DE D. PEDRO

C. M. L.
BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA
INV5209

C.P. 1952

# ITALIA

## REI, CLERO E POVO

### I

A Italia é hoje o paiz para onde convergem todas as attenções da diplomacia, e onde fundam as esperanças de um feliz porvir todos os povos que almejam pelas doçuras da liberdade; e isto pela grandeza d'aquelle paiz, pela importancia da luta em que está empenhado, e pelo grande saber e celebridade dos chefes que a dirigem. A espectativa publica contempla com assombro as immutaveis fortunas da guerra. Uns presagiam áquelle paiz desastroso futuro, outros, auguram-lhe um futuro de flores e fructos! Não podemos deixar de seguir a opinião d'estes: é impossivel que se offusque o clarão dos triumphos, quando se trata de derrubar um poder injusto, e de resgatar a independencia de uma nação.

Ninguem hoje deixa de conhecer a superioridade que ha entre o governo de um rei constitucional e o governo de um rei absoluto. O governo do rei constitucional dirige o paiz segundo as leis vigentes, e o do rei despotico segundo o seu capricho.

Quando n'um estado existem leis constitucionaes, ha um marco distinctivo entre a liberdade e o despotismo, e se os ministros violam essas leis, a nação tem direito de appellar para o pacto primitivo, que faz a base da sua obediencia.

Victor Manuel tem um dos mais distinctos logares nos annaes da historia contemporanea, e outros louros de gloria ainda o esperam. Fiel aos seus desejos, ha-de affrontar os perigos, expirar mesmo pela liberdade do seu povo, sepultar-se antes debaixo das ruinas do throno, do que submetter-se ou curvar-se a um jugo execravel e vergonhoso.

Graças ao genio, graças á alta concepção e ao grande valor do filho de Carlos Alberto, a victoria, fiel ás suas armas, tem-se fixado debaixo das bandeiras nacionaes; em breve a liberdade predominará em toda a Italia, e com ella renascerá o socego, restabelecer-se-ha a ordem, suffocar-se-hão as conspirações, a justiça retomará seu curso, finalmente apparecerão a ventura e a prosperidade, que hão de elevar aquelle reino ao maior auge de felicidade.

Só a liberdade é que póde pôr um freio ao fluxo e refluxo das paixões, aos projectos da intriga, ao furor dos bandos, n'uma palavra só ella póde evitar para sempre a confusão, e o choque perpetuo que resulta d'estas monstruosas associações conhecidas pelo falso nome de *partidos populares*, e que se julgam arbitros dos destinos dos imperios.

A face que a Italia tem apresentado n'estes ultimos annos, tem de tal modo augmentado o cyclo dos acontecimentos, que não é possivel abrangel-o nem prever ainda os seus importantissimos resultados.

Sabe-se, porém, que a fórma do governo foi transtornada e substituida por outra, que imperiosas necessidades estavam reclamando para cuidar em sua propria segurança, a fim de sustentar o rei e offerecer garantias aos povos, livrando-os dos vexames a que estavam sujeitos, e de outros de que se achavam ameaçados. Tomaram-se depois graves medidas, que foram qualificadas pelos espiritos aleivosos de perfidia e ingratidão; isto por que ellas tendiam a pôr barreiras ao monopolio do despotismo, que, a todo o custo, desejava perpetuar-se debaixo de um nome, cuja missão é mui diversa da que parece querer arrogar-se; pois jámais devia pensar em excitar, ou em cooperar para excitar as multidões ignorantes, affectando interesse pelas suas circumstancias, deplorando os

males que lhes devem porvir de um governo liberal, apresentando-lhes o quadro feiticeiro dos bens que lhes pertencem na ordem da natureza, e que á força lhes querem usurpar. Não fazendo mais do que seguir o trilho trivial e commum aos conquistadores de má morte, que com tal systema, verdade é, chegam a desvairar a massa geral do vulgo, de ordinario credula e facil de conduzir-se ao som de palavras assopradas e enfeitadas, mas que não passam de palavras.

Todos aquelles que procuram augmentar a sua auctoridade querendo-a fazer derivar immediatamente de Deus, por meio de superstições que a santa religião condemna, enganam-se vergonhosamente; e se pretendem dar-lhe o despotico exercicio de sua potencia, commettem o mais sacrilego attentado, o mais insidioso abuso de poder.

Parece incrivel que n'este seculo haja ainda quem possa sujeitar-se a uma vontade injusta, desarrasoada e caprichosa; a um poder terrivel, a um mando que abusa de todas as forças confiadas á sua auctoridade; que não prefira estar ao abrigo d'essas vis paixões, e não se apresse a simplificar a machina, que, tornando-se complicada pelo grande atrito de suas rodas, e pelas molas que movem diversamente cada uma de suas partes, produz um trabalho repugnante, petestavel e inadmissivel.

Porque será que certos homens de pensar retrogrado e tyrannico, se conservam ainda, com geral admiração, nas eminencias do poder?—Será porque substituem com suas vis paixões as leis da natureza e da sociedade?—Será porque escravisam a sociedade com a mesma força que ella lhes confiára para sua segurança?—Será porque, despresando todas as leis da natureza, se fazem arbitros da vida, da liberdade e dos bens da nação?—Será porque, sem humanidade, esmagam os povos sob o peso de sua ambição?—Será, finalmente, porque pouco ou nada lhes importa que seus subditos os detestem com tanto que os temam?

Respondam-nos como quizerem ou entenderem; mas não nos cançaremos em repetir:—illimine-se para sempre a memoria de todos os barbaros, que escarnecem e zombam dos soffrimentos da humanidade.

Os grandes homens, os maiores sabios do mundo, teem conhecido que a liberdade e a prosperidade dos povos não são irreconciliaveis com os dogmas da religião christã. Está, pois, decidido, que só o homem se tornou social e feliz por influencia dos sagrados preceitos que ella impõe; motivo por que o ministro do seu culto, o missionario da sua doutrina, deve ter entre os povos aquelle gráu de consideração e respeito inherente a tão importante missão.

Os ministros da religião, teem sem duvida grave representação entre os povos,—são os orgãos por onde lhes é transmittida a voz de Deus; por isso teem jus ao primeiro respeito e veneração, é certo; mas se o povo tem deveres sagrados a observar para com os ministros da religião, estes, para sustentarem, para augmentarem a crença, para se fazerem respeitar, para se tornarem dignos da sua elevação e valimento, ainda teem muito maiores deveres a cumprir, muito maiores preceitos a guardar. No entanto, quem ousará negar que muitas praticas de virtude social, estão inteiramente despresadas pelo clero caindo, póde dizer-se, em relaxação de costumes?

Querem gozar os fóros respectivos á sua profissão? —Revistam-se do caracter que lhes é proprio, que deve estar em harmonia com o seu elevado encargo, e então serão respeitados até pelo impio, que, confundido, admirará a religião em si e nos seus ministros.

Se o clero tem por sua parte bastantes titulos para se tornar respeitavel, bom é que entre no espirito do tempo, e que os faça prevalecer; mais porém como fontes de uma felicidade religiosa e social, do que como mandamentos religiosos; tal respeito deve proceder sempre antes da boa convicção, do que da força de uma necessaria obrigação; o que conseguirá desterrando de si todo o espirito de contenção, e todas as maximas de divisão ou de intolerancia.

O clero já não póde ser, como era em outras epocas, por não se instruir nem estudar, a emanação de todas as luzes; mas deve, ao menos, procurar ser o centro d'ellas; prevenindo-se, porém, para que essas luzes só alumiem e não queimem; que se inclinem sempre para o presente e para o futuro, pondo ás escuras o passado que o deslustra e o menoscaba. Investigando, pois, as grandes mudanças que se tem operado em torno de si, e em virtude das quaes occupa hoje um logar inteiramente novo no espirito dos homens, acostumar-se-ha a respeitar os talentos e as virtudes do seculo, e, por intermedio d'esse respeito, alcançará o respeito do mesmo seculo.

É inquestionavel que os laços da religião apertam os laços sociaes; por isso ella se torna indispensavel a toda a sorte de governo, por que a moral que dictam as leis, não basta para conter certas classes da sociedade, eis o motivo por que é mister sustental-a no seu verdadeiro pé, e não a ter em confusão, em anarchia.

Victor Manuel vê claramente quaes são as influencias clericaes no seu reino, e todo o seu fim é evitar, que se torne aos tempos em que do centro dos claustros, saíam fracções que perturbaram por seculos a paz da Europa, e abalaram os principios sociaes.

A religião repelle as doutrinas dos que teem a audacia de se apresentar como seres privilegiados, que se inculcam uma emanação pura do poder supremo, e a quem tudo é permittido. Repelle-as por que não passam de um dominio desmoralisador, persuadindo os povos que devem submetter-se cegamente a todos os seus caprichos sem lhes ser permittido usar de nenhum de seus direitos; por que procuram fazer acreditar que são formados de um limo differente, e que suas despoticas e incongruentes vontades não devem experimentar obstaculo algum. Ora eis-aqui porque o rei de Italia sabendo que taes doutrinas nenhum apoio teem na religião, pretende extirpal-as a todo o custo.

Sabe ainda mais, sabe que a moral do Evangelho não permitte senão o poder limitado e circumscripto ao fim da sua instituição, que só assim se póde unir a nação aos seus chefes, e estes á nação; bem como promover a felicidade e conservação dos povos, e conseguir avançar na senda do progresso e da civilisação.

Todos os homens verdadeiramente christãos devem ser unanimes em despresar aquelles para quem a religião nunca foi outra coisa mais do que uma mascara de hypocrisia e uma machina de politica infernal.

É preciso que os espiritos sejam nimiamente fra-

cos, para que asserções tão convincentes, verdades tão claras não produzam outro effeito senão augmentar o crime, fazer sobresair a demencia.

A época de uma reacção universal ha muito que era esperada; para os reaccionarios a ordem do mundo civilisado está transtornada, e não será restabelecida em quanto se não tornar a opprimir e a desprezar o talento, para se fazer sobresair o clero e a nobreza! São conhecidos perfeitamente os seus bons desejos; mas que remedio senão conformarem-se com estas *violencias*, com estes *grandes males*. Os tempos vão assim, é o resultado de se poder fallar, pensar e respirar livremente.

Hoje aprecia-se muito mais o resplendor da virtude e do talento, que o da geração: allegar nobreza de parentes é allegar nobreza alheia.

« *Ceterum homines superbissimi procul errant. Majores eorum omnia, quæ licebat, illis reliquère, divitias, imagines, memoriam sui præclaram: virtutem non reliquère, divitias, imagines, memoriam sui præclaram: virtutem non reliquère, neque poterant: ea sola neque datur dono, neque acciptur* [1].

Chegou-se felizmente ao conhecimento de que é

[1] Discurso de Mario ao povo romano.

necessario auxiliar e não fazer esmorecer os talentos. Para todos os logares publicos, mesmo para os de mais elevada cathegoria, devem escolher-se homens, que mais provas tenham dado de sua capacidade e intelligencia, e isto sem injuria de nenhuma classe da sociedade, o contrario é uma affronta que se faz á razão, á natureza e á humanidade.

A doutrina que Jesus-Christo confiou á sua egreja diz que devemos ser generosos em todas as nossas acções; que devemos ser faceis em perdoar. Mas, é notavel, não é isso que nós vemos praticar áquelles que, por obrigação, deviam seguir á risca as leis de Deus! Que veneração, pois, se póde ter a um poder espiritual, que, em vez de servir de conciliador, empunha a espada da vingança, e espalha maldições em logar de bençãos?

Ouçamos o nosso respeitavel historiador o sr. Alexandre Herculano: «O successor do chefe dos apostolos, não póde esquecer o preceito do divino Mestre: — *Dae a Deus o que é de Deus, e a Cesar o que é de Cesar;* sentença eterna que separa o temporal do espiritual, e que é corolario pratico do sublime principio que torna o christianismo a unica religião humanamente possivel para todas as épocas, para todas as paixões, para todas as sociedades, para todas as instituições: *o meu reino não é d'este mundo.*»

«Sabeis o que fazeis quando adduzis essa razão deploravel da vossa incapacidade, senão de alguma coisa peior do que isso? Assimilhaes o papa ao salteador, a quem damos a bolsa para salvar a vida, ao invasor a quem vamos entregar o ouro que tinhamos escondido para que nos não incendeie a habitação. Loiolas ainda em folha, achaes-vos na situação do operario convertido em actor as primeiras vezes que sóbe ao proscenio a representar de galan. A roupeta embaraça-vos os movimentos. Estonteaes. Cuidando dar uma razão, fazeis um insulto áquelle que, como christãos, sois obrigados a venerar.»

Supponhamos ainda que a sua missão a tal o não obrigava, não seria antes muito mais prudente, e muito mais proveitoso, tratar de socegar os espiritos, de conciliar os animos, pedir que se deitasse um véo de esquecimento sobre todas as tyrannias passadas (foram effeitos da violencia, por isso não lhes podemos dar outro nome), e assim elevar esse reino á grandeza e prosperidade que lhe compete, e elle bem merece?

Tomar caminho diverso parece-nos que é ter desejos de imitar o proceder d'essa divindade dos antigos, que lançou entre elles o pomo da discordia.

Um poeta portuguez, assaz conhecido no mundo,

o sr. A. F. de Castilho, disse: «Ai do imprudente que a tempo se não aproveita dos avisos e se não põe a seguro! Aquelles que Deus quer perder primeiro lhes escurece a razão. Não foi el-rei Pharaó destruido com seus carros, cavallos e cavalleiros nas aguas do mar vermelho, senão porque o seu coração se havia endurecido contra os signaes com que lhe Deus mostrava que instituira resgatar a despeito seu o povo eleito da terra do Egypto. Amor aos povos e compaixão para com os reis, causas são d'este nosso fallar de homem que nem teme nem espera nada n'este mundo.»

O rei deve sem duvida respeitar os direitos sagrados; mas deve tambem estar vigilante para que o sacerdocio arrogando-se d'um poder que Deus lhe não deu, ou abusando do que por instituição divina lhe compete, não attente alguma vez contra a felicidade publica da nação.

Ouviremos ainda o sr. A. Herculano: — «Infelizmente é hoje necessario recordar estas doutrinas, que ainda não ha um seculo dominavam inconcussas nos paizes catholicos, e que debalde eram combatidas pela imprensa ultramontana. Hoje o ultramontanismo e as suas maximas são recebidas e sustentadas pelos nossos homens de estado, e a supremacia do papa sobre os direitos temporaes dos soberanos é formalmente reconhecida. Se o exercicio do direito

do padroado, e por consequencia este direito existem em virtude de bullas apostolicas, podem tambem deixar de existir em virtude de outras bullas que annullem as primeiras. Ora eis-aqui o que as corporações scientificas da Europa catholica respondiam em nome da sciencia aos quesitos que lhes eram propostos pelo governo inglez nos fins do seculo passado ácerca da auctoridade da egreja e do papa sobre as materias temporaes.

«Nenhum poder, seja qual fôr, ainda espiritual e instituido para a salvação eterna; nenhum cardeal, nem papa, nem o proprio corpo da egreja, reunido em concilio geral, pódem privar os soberanos dos seus direitos temporaes, das suas possessões, administração, jurisdicção e preeminencia, e nem sequer restringir ou modificar taes direitos.

«Era a faculdade de theologia da universidade de Lovaina que firmava esta doutrina, e com ella se associavam respondendo quasi nos mesmos termos, e uniformes no mesmo sentir, as faculdades de theologia e de direito da universidade de Paris, e as universidades de Alcalá, Valladolid e Salamanca. »

Disse Santo Agostinho: — « A igreja de Christo está debaixo da sujeição dos reis. »

O papa Gelasio disse ao imperador Anastacio:—

«Pelo que pertence á ordem da disciplina publica, os mesmos ministros da religião teem de obedecer ás tuas leis, reconhecendo o imperio que te foi dado.»

Apesar d'estas verdades serem tão luminosas, todavia são as que, ha já muitos seculos, a curia romana procura de mil modos escurecer e confundir, apregoando como impios e hereges os theologos e canonistas que as sustentam.

O papa deve ser totalmente estranho a todas as contendas e debates politicos, e viver debaixo da protecção do respeito do mundo christão, que é o que fórma a sua guarda e todo o seu exercito; não esquecer que só está destinado para pacificar toda a christandade e não para a dominar; e por isso acabar por uma vez com todas essas pretenções antigas de que já não ha vestigios, nem mesmo nomes para as designar; a ancianidade nem sempre é antiguidade.

Sem pretendermos correr mais do que o tempo, nem apressar-lhe a marcha, não o contrariemos tambem, acompanhemol-o instando para que se fixem os verdadeiros limites entre os dois poderes temporal e espiritual, de fórma que jamais possam tornar-se a confundir, mesmo porque nos tempos que vão, não é de esperar que os homens a titulo

de religião, se liguem a um principio, que póde desenvolver funestos resultados, principalmente quando por interesses temporaes, haja qualquer dissensão entre os reis e o papa.

Os homens já não podem crer que o espiritual deva ser sustentado pelo temporal, e o temporal vingado pelo espiritual, nem que a religião tenha de consagrar este manifesto transtorno da natureza das coisas. Exigir tal, seria offender seriamente a religião.

A côrte de Roma está hoje em circumstancias, que forçosamente deve ser obrigada a modificar as suas praticas ordinarias, a não sair dos seus verdadeiros limites; das suas infracções, está de sobejo provado, resultam sempre graves inconvenientes.

Pelas tristes ideias que predominavam em tempos remotos, mui vergonhosas para a egreja e ainda mais para os reis, o papa era quem dava muitas vezes o sceptro!

D'aqui veio, pois, a originar-se a ruina dos mais famosos direitos dos chefes das nações; porque agradecidos ao obsequio que recebiam do santo Padre, facilmente se promptificavam a desistir dos direitos regios que lhes pertenciam, e que tão necessarios hes eram para bem poderem gerir os estados.

Porem, alguns reis de Portugal persuadidos dos seus direitos, resistiram sempre ás ambições da curia, e legislaram para vedarem o uso de toda a disciplina ecclesiastica que se oppozesse aos interesses e felicidade de seus subditos, como se vê do nosso codigo, que está cheio das mais saudaveis e luminosas regulações tendentes a este fim, e a historia de Portugal bem claramente mostra os constantes factos dos nossos principes, que com o seu braço teem limitado os desejos da curia, pondo expessas barreiras aos seus intentos contra a tranquillidade do estado e bom regimen da egreja; factos estes que bastante honram os seus nomes, e enchem de immensa gloria a fama de Portugal.

«Ce qui est d'institution divine, fait partie de la foi, et doit rester à jamais intacte; mais ce qui est d'institution humaine, les souverains ont droit de l'examiner, avant d'en permettre l'usage; ils ont droit, ou de réjeter, s'il leur porte ombrage, et leur presente des conséquences incompatibles avec la paix de leur etat, et le bien de leurs sujets. Ils peuvent également l'abolir, quand l'usage s'en est introduit insensiblement, et sans leur participation; ou même quand ils l'ont permis expressement, si l'experience leur fait decouvrir du danger à le conserver[1].»

[1] De la Discipl. Ecclesiast. p. 1. — c. 7

Citamos estas palavras, por nos parecerem judiciosas e interessantes, e por inculcarem um preceito muito recommendavel.

É, pois, incontroverso que se póde não só obstar á introducção de uma má disciplina ecclesiastica, mas tambem fazer derogar e destruir todas e quaesquer constituições disciplinares, abusivas e prejudiciaes á egreja e aos interesses das nações.

Quem deixará de ter percebido as actuaes pertenções da curia em toda a Europa? Quem não terá observado os desejos que ella tem manifestado na introducção dos jesuitas no solo de Portugal? Mas deve lembrar-se que nós ainda os vemos com as suas santas roupetas ensanguentadas das boas obras que outr'ora por cá praticaram.

A religião jesuitica corrompe mais, faz maior mal á humanidade, do que todos os tyrannos de Roma juntos desde Nero até ao ultimo perseguidor dos christãos.

Todavia não era de crer que no seculo XIX a côrte de Roma se arrojasse a ter pretenções eguaes ás do seculo XII, d'esses tempos desditosos em que tanto escandalisou o mundo por sua insaciavel ambição.

Querer ainda hoje ser arbitro dos reis e dos po-

vos, e processar a uns e a outros, é um grande despotismo em materias religiosas, que não só ataca o christianismo como a justiça e o bom senso.

E, infelizmente, é tal sua cegueira, que nem sequer vê, que o mundo já chegou á idade da razão, que conhece formalmente quaes são os seus direitos e deveres, motivo este porque já não póde supportar que auctoridade alguma sobre a terra arrogue a si direitos que não tem, ainda mesmo que se escude de titulos forjados na infancia dos governos.

Hoje são mais que percebidas taes artimanhas; o que os povos querem são bons regimens, bons systemas de administração e equilibrios de interesses, que obriguem os governos a manter a paz e a independencia de todos. Até mesmo já passou o tempo, em que as concepções dos estadistas impunham á opinião publica, com o nome de — *equilibrio politico,* — pomposas illusões de gabinete.

A Italia bem evidentemente se declarou contra o que d'ella pretendiam. Os italianos de hoje não são os milanezes, os venesianos e os genovezes d'outras eras. Entre elles, bem como em toda a parte, mas talvez ainda em maior gráu, tem-se operado completas transformações.

A Italia até aqui dormitava, hoje porém, está bem

acordada. Aquelle paciente povo apenas tinha provado a independencia que lhe abria uma nova existencia, e já pretendiam desherdal-o d'esse bem, sem calcularem as consequencias da occasião, por que era exactamente aquella em que elle começava a saborear-lhe as doçuras.

Os italianos conhecem que são auxiliados não só pelos seus sentimentos, como pelos dos homens generosos de todos os paizes; conhecem a honra com que apparecem em todos os campos de batalha; conhecem que em si mesmos possuem tudo o que constitue e ennobrece as nações, por isso preferem continuar a fazer dos seus peitos escudos, do que deixarem de proseguir na empresa em cujo ultimatum teem a mira.

O sentimento de independencia tem ali feito tamanhos progressos, que não será coisa de admirar vermos dentro em pouco rebentar a reunião geral da Italia debaixo de uma só e unica soberania.

A necessidade de acabarem com todos os vexames, de deixarem de servir de alimento á cobiça de uns, e ás vistas interesseiras de outros, pode mui bem fazer com que se tome uma resolução, que salvo pequenas excepções, filhas de particulares interesses, será, sem duvida, applaudida por todos.

Decididamente podem convencer-se, que já ninguem ha que desconheça, que sem uma bem intendida liberdade não póde haver desenvolvimento possivel, que tudo é acanhado e rachitico.

Que foram os romanos em quanto tiveram liberdade, e que passaram a ser logo que a perderam?

Quanto não deve pois a Italia a Victor Manuel, a esse grande homem que alcunham de herege por não aceitar outra religião senão a fundada sobre a lei de Deus, a que nos manda ser bons, justos e indulgentes para com o nosso similhante, que é a mais conforme com a razão, e a que mais profundamente penetra no coração humano; que é tambem a mais principal e a mais poderosa mola politica, e a mais forte barreira que se póde oppor a toda a sorte de paixões?

Não é pois o interesse pessoal, a ambição de reinar, que o sustenta no combate de seus deveres; mas a excessiva vontade de ser prestavel aos seus subditos, util á patria, e de conseguir uma recompensa eterna.

Não tentem ainda assim os espiritos facciosos, com as suas injustas e aleivosas arguições, dar uma interpretação diversa ás nossas palavras. O que n'ellas unicamente se respira é o ar puro da liberdade e

da verdadeira religião. Desejavamos sinceramente que amanhã fosse o dia feliz em que se renovassem aquelles ditosos tempos em que só se resfolgava uma singela caridade e verdadeiro amor divino, que tanto realçavam uma religião tão respeitavel, tão grave, e tão modesta como é a que instituiu Jesus Christo.

Áquelles que se oppoem á causa do rei d'Italia, responde com um simples gesto a mão retribuidora e omnipotente que proteje a razão, que sustenta o equilibrio de todas as coisas, fazendo-lhes murchar a mais pequena esperança, e mostrando-lhes o precipicio d'onde teem de despenhar-se.

A hora ultima do poder temporal aproxima-se no meio dos louvores da opinião geral manifestada pela voz enthusiasta dos grandes estadistas e dos eminentes escriptores liberaes.

A tentativa frustada de Garibaldi que livrou a Italia da guerra civil, não conseguiu retardar a solução, antes a abreviou acabando com os pretextos que podiam desculpar as armas estrangeiras em volta do capitolio.

O valente caudilho da liberdade pôde ficar vencido mas a sua ideia, a grande ideia que abraza o coração da Italia, nem por isso ficou morta. *Roma será*

*nossa*, foram as palavras propheticas do valente general quando, rendido ao numero, entregáva a sua espada sem por isso desanimar da victoria.

Garibaldi é um d'esses homens gigantes que só as revoluções produzem em seu seio, que encadeam com mão forte as ondas populares; é um genio de ferro, uma razão imperiosa, uma vontade inflexivel. O seu nome hoje, repetido até á saciedade, não indicará o primeiro dos generaes modernos, não indicará mesmo um general consummado; mas indicará de certo na opinião publica da Europa, o primeiro dos mais destemidos e mais arrojados defensores da liberdade. Pena é que se animassem a deitar nodoa em alma tão pura e tão honrada!

Se fosse permittido, como algum dia, pôr a preço a cabeça dos grandes heroes, que somma se não ofereceria pela cabeça de Garibaldi?!

Admiremos, pois, esse campeão da liberdade, que se não tem descurado em vingar o maior ultraje que póde fazer-se a qualquer nação, a defender a maior prerogativa d'um povo, a sua independencia.

Saudemos esse homem extraordinario, que acaba de patentear aos seus contemporaneos o seu grande espirito liberal, e cujos pensamentos só teem por objecto resgatar o seu paiz da escravidão.

Não é, pois, para estranhar que sentimentos tão generosos, gosassem por tanto tempo a benefica influencia d'uma estrella protectora, e que o seu nome tão nobremente figure em toda a Europa.

Se a honra do elogio publico é só devida áquelles genios que enchem de raro e immortal luzimento qualquer paiz, que mais opportuna occasião se póde offerecer que appeteça louvar ardentemente a virtude e encarecer o merecimento sem servir a lisonja, sem contaminar a consciencia com falsos nem affectados louvores?

Garibaldi, esse que com o seu valoroso animo, e á força de ser util á sua patria, fez admirar em seus dias, nos bellos dias em que vivemos, aquelle solido e relevante serviço, que immortalisa os homens no conceito dos outros homens, e faz passar sua memoria cheia de triumphos á mais remota posteridade, foi victima de suas ideias liberaes, porque escabrosas circumstancias retardaram o impeto do genio, e fizeram desmaiar a alma mais constante em vista do seu incerto e arriscado exito.

Estes louvores consagrados unicamente á justiça não são feitos como para approvar os sanguinolentos espectaculos que sempre produz a mão do ousado guerreiro. A arte de destruir e assolar os povos deve fugir dos paizes onde se respeita a human

dade. A intenção de derramar sangue humano e de ver consummidas por vorases chammas louras cearas é a maior das calamidades que póde infectar qualquer paiz, mas, casos ha em que não é possivel evitarem-se taes desastres, especialmente quando se tracta de deitar abaixo o fardo de instituições viciosas e oppressivas.

Da educação, porém, se origina muitas vezes a idéia de comprar victorias a preço de muitas vidas.

Garibaldi lendo a vida e as acções dos grandes homens sentiu inflammar-se o seu genio, e, enchendo-se de nobres sentimentos de patriotismo e de emulação, conheceu logo que tinha nascido para os imitar. Não se formaram d'outro modo os gregos e os romanos: ouvindo no Areopago ou no Senado os seus eloquentes oradores retratar a virtude dos que ennobreciam a patria com seus briosos feitos, e bebendo como pelos sentidos a figura de seus fortes Themistocles e constantes Decios procuraram reproduzir suas bellas acções. Felizes tempos; mas não lhes devemos ter inveja.

Todas as bençãos que a ordem social confere ao homem quasi que as possue já o povo italiano; mas se ainda as não gosa como era para desejar, a Providencia não lhe fechou o caminho para a felicidade; e o que lhe resta fazer é redobrar os esforços de

sua resistencia para esses caminhos ficarem desobstruidos de todo o mais brevemente possivel.

A bandeira da independencia deve ondear dentro em pouco em todas as suas fortalezas; então a mais pura alegria, o mais ardente enthusiasmo e as esperanças mais lisongeiras ahi hão de reviver n'esse momento e estender-se por todo o solo de Italia. Oxalá que o feliz e anciosamente inesperado acontecimento seja o precursor de outros ainda maiores.

É, em verdade, digno de lastima ver individuos de uma mesma familia divididos em diversos principios e systemas politicos; uns por convicção, outros por instincto, fraqueza, maldade ou malicia.

Devem, pois, a liberdade e a paz do povo italiano, cuja pluralidade tem um caracter honesto e pacifico, estar em perigo pela culpavel cobiça de uns poucos de homens que para conseguirem seus fins não hesitam em tornarem-se nocivos e prejudiciaes á sua patria?

Parece-nos que deve ser negativa a resposta, por isso é mister procurar destruir e derrubar o instrumento primordial, pois está sobejamente conhecido, que foi forjado na fabrica do erro.

A nossa espectativa está em grande parte reali-

sada, e esperamos que em breve se ha de completar; isto é esperamos o total aniquilamento do poder absoluto, que ha de trazer comsigo a paz e o socego para essa boa nação. Temos como certo que tal não ha de falhar por mais duvidas e obstaculos que opponham á sua realidade. É impossivel que retroceda a ordem de movimentos progressivos, ou que a energia dos povos e a diplomacia dos gabinetes succumba perante o desalento e os delirios de um mando exhausto, convulsivo e expirante.

Cidadãos que vos estaes resgatando com o preço de vosso sangue, e soffrendo, ha já bastante tempo, com heroica resignação, os effeitos de uma grande guerra, não vos esqueçaes que a dissimulação e a hypocrisia, a seducção e a impostura, tendo encoberto sempre suas perfidas maquinações, vos tem cauzado grandes perdas, graves calamidades. Univos a esse eminente homem, a esse grande rei que tem dado immensas provas de possuir pelo povo italiano o mais terno e paternal cuidado, de que seus principaes disvelos se dirigem constantemente a alcançar-lhe o socego, a entregar-lhe o sagrado deposito de seus direitos, a livral-o do jugo do despotismo.

É já tempo de terdes conhecido como são amargos os fructos da sonhada felicidade que caracteres torpes e embusteiros vos annunciavam. Abraçae, pois,

a causa da honra e da justiça, que depressa ficareis livres d'essa abominavel dominação.

A queda dos oppressores, a expiação dos conspiradores restabelecerá a tranquillidade d'esse reino, e consolidará a sua independencia e liberdade; e o benefico influxo da constituição, n'um periodo de poucos annos, não só compensará todos os sacrificios, como tambem os infortunios que tem soffrido, e os pezados gravames que tem experimentado durante o decurso da guerra.

# PORTUGAL

## PASSADO, PRESENTE E FUTURO

# PORTUGAL

## PASSADO, PRESENTE E FUTURO

### II

O espirito e o sentimento de liberdade, que sempre nasce e rebenta do espirito e sentimento de oppressão, podemos dizer que se tornou geral n'este paiz. Não vão já muitos annos que nós davamos bens, sangue e vida para defender de uma vontade absoluta a patria e o throno: hoje, porém, que já não é preciso dar o tempo a essas lides, e que o temos de sobejo para reflectir, que todos contam o que fizeram e o que ganharam, o que foram e o que são, as indignidades que soffreram e a liberdade que hoje gozam, não admira que tenham lavrado raizes nos corações da geração moderna os sentimentos de independencia e amor patrio; que se consagre um odio inaudito e execravel a tudo quanto

tenha visos de usurpação aos direitos naturaes do homem.

E seria possivel pensar d'outro modo? Seria, talvez, se nos esquecessemos que somos portuguezes, se nos não lembrassemos das *forcas caudinas*, por onde obrigaram a passar nossos paes e avós, se não desejassemos ver bem longe de nossos olhos, tudo que possa recordar os insultos e ultrages que elles foram forçados a supportar.

A civilisação deu nova luz ao corpo social, aperfeiçoou-lhe as ideias, regenerou-o com fórmas mais iguaes, mais seductoras, vestiu-o de côres firmes, proprias, verdadeiras.

Os espiritos não se acham tão acanhados; a opinião é livre, o poder circumspecto, a sociedade protege-se pelo trabalho, a esphera da justiça começa, posto que lentamente a alargar-se, finalmente esta transformação social póde chamar-se uma reconstrucção de familia, da qual não ha a esperar senão o contentamento e o bem estar geral.

Os homens no primeiro remanso da paz, passadas essas cruentas lutas, depois de tantos flagicios, de tanto sangue vertido, fizeram inventario de seus bens e de seus crimes, d'ahi poseram-nos em hasta publica conjunctamente com as bandeiras

rasgadas que os tinham conduzido a esses renhidos combates, e á falta de compradores queimaram-nos a um fogo similhante ao de Vesta que quando se accende, é para nunca mais se apagar.

Conceberam a ideia das tendencias destes tempos, e todos procuram para se guiar a estrella cadente da prosperidade: o seu empenho é tomarem vulto entre as classes a que pertencem, e para isso chegam até a entregar-se a trabalhos estranhos á sua educação.

Estão, pois, em lucta os principios da verdadeira civilisação, aguardemos um pouco, e se o tempo se não enublar, havemos de gosar uma alvorada esplendida.

O patriotismo é a causa mais poderosa de toda a grandeza social; eis o motivo por que nós figuramos tão gloriosamente na historia do universo.

Quem mais do que os portuguezes póde e deve gloriar-se de seus ascendentes? O nome Lusitano sobresaindo por toda essa immensa gloria de Roma principiou a brilhar sem igual, logo que nos campos de Ourique se declarou independente; confundiu depois todo o poder mahometano, e para remate de tantos prodigios, foi abrir essa protentosa estrada através de verdes e estuosos mares, e quebrou

as portas do Oriente até ali apenas conhecidas pela fama.

Por muitas e gloriosas acções se immortalisou ainda a nação portugueza depois de abatido o grande e espantoso colosso do imperio romano.

Foi a primeira que abraçou e assentou seus poderes nas tres partes do antigo mundo, e não só excedeu os romanos na magnificencia de seus dominios e de seus admiraveis descobrimentos, como edificou um grande imperio que o valor fundou, e o desleixo, a incuria ou a desgraça deixou perder.

Em verdade, fizeram-se gentilezas nas armas, dignas da fama! Que portentosas não foram aquellas emprezas em que se descobriram novos mares e novas terras?!

Abram-se os livros da nossa historia, e ver-se-ha então que guerras se emprehenderam, que povos se conquistaram, que triumphos se adquiriram, que acções difficeis se ganharam, e com que denodo e coragem!

Nenhum povo possuiu menos meios para ser grande, é certo: todavia nenhum se elevou com um vôo mais rapido.

É realmente mui aprasivel renovar historias antigas, quando ellas nos trazem á memoria brilhantes recordações da nossa grandeza e prosperidade passada.

«Que nação tem havido, disse o abbade Raynal, que fizesse tanto com tão poucos meios? Consistia a sua força em quarenta mil homens; com elles fizeram tremer o imperio de Marrocos, todos os barbaros da Africa, os mamelucos, os arabes e todo o Oriente de Ormuz até ás fronteiras da China! Não tocava um a cada cem no ataque das tropas inimigas, que em geral usaram armas iguaes, na defensa da sua fortuna e da vida. Que homens! Que principios formaria uma nação de heroes!»

O amor pela liberdade e o odio á servidão é que exaltaram o nosso caracter militar ao mais alto ponto de gloria.

Portugal foi conquistado por D. Affonso Henriques, e defendido dos castelhanos por D. João I, e tanto estas como outras façanhas foram alcançadas só com portuguezes, que tambem se animaram a ir plantar nas margens do Indo e do Ganges as triumphantes quinas lusitanas.

E quando todas as nações do mundo se não lembravam já das nossas gloriosas batalhas de campo

de Ourique e Aljubarrota nos libertavamos com geral admiração do jugo de um usurpador, e recuperavamos a fama de guerreiros e heroicos, que um dominio estranho nos havia obliterado.

A revolução de 1640 tornou vigentes as leis da monarchia, e proclamou os direitos da casa de Bragança com tanta dignidade, tanto brio, e tão portuguezmente que é muito para desejar que os descendentes de tão illustres varões, procurem honrar sua memoria perpetuando na posteridade e nos seculos suas acções gloriosas.

A restituição de Portugal não se póde na verdade mencionar sem nos enchermos de gloria por sermos portuguezes, e por havermos tido homens que honrariam as melhores paginas da historia da Grecia ou de Roma.

Decorreram já duzentos e vinte um annos, depois que obrigámos a respeitar e a reconhecer pela terceira vez a soberania da pequena nação portugueza. Restauraram em um dia, depois de sessenta annos de captivos e despojados, o que se tinha vencido e conquistado em cinco seculos: e tudo foi apenas obra d'um grito, que se fez ressoar n'um immenso espaço!

Mas com que limitado apparato de guerra en-

traram em uma empreza tão cercada de difficuldades! Houve mais temeridade que audacia, ou antes, mais fé que confiança em todo aquelle arrojamento.

Não foram as nossas armas que venceram, foram os nossos principios. Todos á porfia arrostando com a resistencia que se presumia dever apparecer, concorreram para se adquirir tão feliz exito.

Entre o clero, a nobreza e o povo se encontraram propugnadores da independencia portugueza unidos no mesmo transporte de igualdade.

E digam que a liberdade não promove o enthusiasmo, e que o enthusiasmo não promove os grandes destinos.

Para demonstrar quanto em nós é natural o amor da independencia, basta saber que os portuguezes d'aquella epocha, haviam nascido quasi todos vassallos de monarcha hespanhol, alem d'isso que o reino achava-se falto de gente, cabedaes, armas e munições, que a marinha estava aniquilada, as colonias abandonadas ás suas proprias forças e invadidas pelos hespanhoes; mas que, apesar de tudo, nada foi capaz de reprimir a indignação e enthusiasmo nacional, logo que os portuguezes reconheceram que era só a força e não os direitos de successão, nem o direito pro-

clamado nas côrtes de Thomar e de Lisboa, que os tinha unido á monarchia hespanhola.

E que generosidade depois não houve para com os proprios oppressores! E não se pense que este procedimento nasceu de julgarem a liberdade definitivamente conquistada: tal maneira de proceder está na indole do caracter portuguez, que não desconhece que a vingança não é de heroes, e que se offende a si quem aos mais offende.

Todavia n'estes tempos que vão, em que todos os olhos se fitam no futuro, não devemos descuidar-nos, sempre que se offereça occasião, de tentar fazer succumbir uma ideia, que muitos desejariam ver prevalecer ámanhã, visto que ainda ha quem julgue, que somos tão inexpertos que deixassemos perder a nossa liberdade e segurança presente para nos ir-mos sujeitar a um jugo estranho com esperança em novas garantias para o futuro!

Podem crêr que não temos nada de ambiciosos, e se alguma ambição possuimos é a do engrandecimento moral de Portugal. Todos sabem que é grande o nosso amor da patria; e tamanho que até faz voltar aos que d'ella se vêem distantes olhos de saudoso patriotismo.

A fibra dos Albuquerques e dos Castros conserva

toda a sua elasticidade nos seus descendentes; a fé moral, esse principio que dá vida ás nações, não se esvaiu de entre nós; a nossa nacionalidade e independencia não são apenas uma pungente illusão, esse direito das gentes está concentrado na indole de um povo, que prefere morrer do que arrastar os grilhões da escravidão; e nada ha pois que nos obrigue a desatar os laços que unem mil recordações gloriosas, a brilhantes heroicidades de generosa dedicação e fama honrada.

Desenganem-se que o portuguez não quer ser outra coisa senão portuguez; porque jamais esquecerá que seus maiores foram os que arrojaram os mouros desde o Douro até ao Guadiana; o sceptro de ferro hespanhol desde Lisboa até Madrid, os exercitos da França moderna desde o Tejo até Garona, e que firmaram com suas vidas, depois de gloriosos feitos, a liberdade d'este reino.

Este testemunho das nossas idêas, das demonstrações que constantemente estamos dando a favor da nossa independencia, hão-de ter, sem duvida, desacoroçoado os que possuiam a disposição do plano para a subversão da liberdade que gozamos; pois de certo não esperariam ver assim rasgado o véo e aclarado o mysterio.

No emtanto não se julgue este nosso modo de

pensar como um incentivo para atear o fogo das discordias que ha tantos annos se acha extincto entre Portugal e Hespanha: ao contrario, o que desejamos é que se estreitem as nossas relações com uma certa sympathia de affectos, mas sem ambição de premio, e que se conserve eternamente com o socego mais seguro e a paz mais sincera, a excellente harmonia de boa amisade que deve haver entre os dois reinos, porque os mutuos interesses de relações commerciaes farão reinar em todos os seus dominios a maior prosperidade.

Estas nossas demonstrações não teem por motivo outra coisa mais, do que tentar destruir os artificios que se tem empregado para propagar a desharmonia entre nações tão visinhas, e abrandar o calor a uma politica estranha que podia ser entretida com as esperanças que alguem possuisse de merecer premios pela culpa. Não devendo porém tomar-se como offensa o que não é senão verdadeiro zelo pelo amor da patria, pois ninguem deixará de reconhecer que nos temos apresentado n'esta questão de independencia nacional, com uma attitude digna de nós, e digna da seria contemplação dos povos mais illuminados da Europa.

Não ha uma certa idade em que todos se emancipam?

Pois a essa idade já chegaram os portuguezes; por isso não se deve estranhar que elles tanto presem a sua emancipação.

O futuro emfim, julgará esta reacção patriotica e liberal, o futuro dirá, sobretudo, quaes eram os caracteres d'esta lucta.

A liberdade, companheira dos progressos da razão humana, protectora das sciencias e do desenvolvimento da agricultura, das artes do commercio e da industria, é a mais nobre prerogativa que foi concedida ao homem, é a heroica personificação d'esta grande epoca.

É pois com sobeja razão que Portugal fortalecido e ennobrecido pela liberdade que possue, sente em si tanta energia, tanta magnanimidade como nação, que não póde crer que seja possivel deixar, um só momento, de ser livre e independente.

A arvore da liberdade tem-se dado maravilhosamente n'este bello solo de Portugal, a sua reflorescencia não tem inveja á de qualquer outro paiz, e tão viçosa e formosa está, que parece mostrar eterna existencia.

Oxalá que já o mesmo podessem dizer todas as demais nações.

O nosso espirito publico não tende só em se regosijar e em manifestar a sua satisfação pelo que ennobrece os fastos portuguezes, vangloria-se tambem com os engrandecimentos e exaltações dos povos estranhos, e não se esquece de apreciar e apregoar o merecimento de quem os promove e os consegue.

Veja-se o enthusiasmo e o transporte com que nos apresentámos quando ha pouco satisfizemos o devido tributo de homenagem á alma do conde de Cavour!

Fallámos agora em o nome de um homem leal e puro, de coração nobre e grande, onde o patriotismo nunca foi esquecido! Fallámos em um nome que se não póde pronunciar sem admiração e saudade! Fallámos em Cavour!

Celebremos pois n'esta occasião, a memoria do primeiro dos ministros de Victor Manuel, que póde dizer-se morreu como o militar no seu posto de honra, porque difficeis e excessivos trabalhos de gabinete lhe abreviaram os dias da vida.

Os louvores que se prestam aos grandes homens depois da morte são verdadeiros porque os dita a voz da justiça, são sinceros porque já não podem equivocar-se com a adulação; apresentam o devido

tributo ao merecimento e preparam o mais bello triumpho da verdade. São esses louvores, é a reputação dos homens além da campa que os póde elevar a uma gloriosa immortalidade. Entre os heroes que nos offerece a historia moderna é sem duvida Cavour um dos de mais conspicuo exemplo; os seus relevantes serviços á causa da justiça são assás conhecidos para merecerem commentos; mas seria injustiça ficar mudo sobre cinzas que ainda arrancam lagrimas, que teem a seu cargo dourar as sombras da morte e reivindicar os fóros da eternidade. Seria mesmo grande descuido nosso se n'esta occasião tão solemne deixassemos de accender a lampada á memoria do heroe cuja perda a Italia tem a lamentar eternamente.

Procurem, pois, seus amigos e compatriotas honrar-lhe a sua sepultura e o amplo vulto de sua fama e nome, que nós não nos descuidaremos em assim desfolhar juntos, sobre elles, as rosas da vida, e as saudades do tumulo.

Portugal é uma nação que, proporcionalmente, mais brilhante figura fez na Europa moderna, e no emtanto é a que presentemente mais abatida se acha da sua primitiva grandeza.

É um facto que não carece demonstração; mas consulte-se a nossa historia, veja-se os males que

teem pezado sobre nós, e diga-se com franqueza se não ha motivo para dar-mos debeis mostras de vitalidade.

A origem da nossa decadencia todos sabem d'onde ella dimana, por isso seria superfluo referil-o; mas o que se não póde deixar de dizer, é que tambem devemos parte da nossa inferioridade á má organisação economica do paiz, e á fraqueza e incapacidade d'alguns de nossos governos que lhes tem faltado o genio para bem administrar, e a sufficiente energia para emprehender coisas grandes. São males que estão clamando um remedio energico e efficaz; o povo deve appellar para o direito d'aquelles a quem com mais ou menos consciencia, com mais ou menos liberdade, confia as suas procurações para advogarem os interesses da nação, compromettel-os a prestarem toda a sua attenção a taes males, a dar-lhes o mais adequado remedio.

Desenganemo-nos, pois, que não é das revoluções que nos ha de dimanar o balsamo para suavisar nossos males, mas do desenvolvimento do interesse material da sociedade, que produz o aperfeiçoamento moral e intellectual dos individuos que a compõem.

O desfalecimento em que nos achamos, e de que começamos a sair, diremos sempre, é devido ao atraso da nossa agricultura, ao pouco desenvolvi-

mento da maior parte dos ramos da nossa industria, ao abandono em que esteve por muito tempo a nossa navegação, á estagnação do nosso commercio, á desorganisação das finanças do estado, á insufficiencia dos estabelecimentos de instrucção publica, á carencia de obras publicas, de vias de communicação, e ao desleixo e confusão em que ainda hoje existem muitos ramos tanto de administração geral como de administração municipal, e tudo isto se poderia ter remediado, tudo poderia ter mudado de aspecto.

A decadencia em que permanecemos por muito tempo, e de que principiámos a desembaraçar-nos n'estes ultimos annos, com o applauso geral das nações que admiraram os nossos progressos n'esses dois grandes certames a que teem sido chamadas a industria e o trabalho de todo o mundo, procedeu principalmente de causas que se poderiam ter evitado, se aquelles em cujas mãos teem estado os destinos do paiz pensassem maduramente no modo de encaminhar as coisas para produzir os mais transcendentes resultados, para mudar a nossa situação economica, a harmonisar os interesses de fórma que todos os individuos que compõem a sociedade podessem desenvolver seus recursos sem se hostilisarem, sem se prejudicarem entre si; é n'isto que consiste a verdadeira sciencia do homem d'estado, e o que levaria a contar Portugal na lista das nações mais civilisadas.

Portugal, tendo á sua frente uma administração forte, illustrada, que prese o augmento de seu paiz, e moralisando-se pela instrucção e pelo trabalho, póde tornar-se, não diremos uma nação poderosa, mas uma nação activa, industriosa, commercial, rica e feliz.

Os males da sociedade quasi nunca dimanam do povo, provêem sempre da má gerencia d'alguns governos; o interesse do povo é o bem publico, e o interesse de certos ministros é o interesse individual. Tenhamos, pois, bem em vista os governos de politica sagaz e cavilosa, que lisongeando os monarchas com o intuito de os disporem para o que d'elles pretendem, e a pretexto do bem publico, se encaminham cegamente aos seus interesses particulares.

Nós, os portuguezes, podiamos causar ciume a qualquer das outras nações, que mais se tem opulentado; porém temo-nos illudido com promessas de bens, que teem sido verdadeiros males.

Temos perdido muito, todos o sabem, mas felizmente, ainda não perdemos o brio e a honra: e se esses prejuisos nos damnificaram, resta-nos o linitivo de nos não trazerem vergonha. E não julguem ainda assim os que nos teem expoliado as nossas riquezas, que tambem nos hão de empolgar a nossa

independencia e liberdade. Somos um paiz pobre de dinheiro, mas rico de opinião e de brios, e os nossos animos acham-se ainda tão resolutos, tão constantes, tão firmes, tão fortes e tão vigorosos como outr'ora o eram.

Possuimos muito segura e muito fundada esperança, que sempre se ha de pensar a este respeito de conformidade com o verdadeiro espirito nacional, e segundo os deveres do bom senso, é assim que havemos de contrastar a opinião dos que julgam mui superficial e erradamente a respeito do caracter dos portuguezes modernos.

Estas nossas idêas, esta harmonia de animos, tambem liadas por antigos e reciprocos deveres, veem-nos como ingenitas de nossos antecessores, razão por que nunca havemos deixar de contribuir fervorosamente, e de todos os modos que nos seja possivel, para conservar a liberdade e independencia d'esta boa terra.

Considerem pois as suas infructiferas lembranças como um sonho que rapido se esvaéce, e estejam certos que não deixaremos de empregar constantemente a nossa vigilia, mas com uma serenidade inalteravel, digna do epitheto que por lei nos pertence —de moderados e modestos.

*A liberdade e a independencia* são a base da segurança e da prosperidade d'este reino, são a nossa unica herança, são o nosso unico thesouro, por isso o preferimos e antepomos á nossa propria existencia.

Desenganem-se e d'uma vez para sempre, — Portugal é e será, em quanto existirem brios verdadeiramente portuguezes, um reino livre, separado e independente.

# EXCELLENCIAS MORAES E POLITICAS

## DA UNIÃO

DE

# EL-REI DE PORTUGAL

COM

## A PRINCEZA DE ITALIA

EXCELLENCIAS MORAES E POLITICAS

DA UNIÃO

DE

# EL-REI DE PORTUGAL

COM

A PRINCEZA DE ITALIA

## III

Se ha dois paizes na Europa que devam considerar-se irmãos, tanto pelas tradicções gloriosas de sua historia, como pelos laços de uma sympathia nunca desmentida, são esses dois paizes a Italia e Portugal.

Na sua alta munificencia dotou-os Deus com largo quinhão de virtudes e de heroicas qualidades. Ainda mais, como se quizesse enriquecel-os de quantos prodigios e maravilhas podem ser concedidos aos povos de sua eleição, deu a ambos o torrão abençoado, o clima fertilisador e o céo esplendido; esse azulado limpido e transparente céo, que não tem rival quando por manhãs formosas de inverno o sol se ergue no horisonte illuminando as margens do Tejo, ou re-

flectindo-se por sobre as aguas da bahia de Napoles.

Tão similhantes, tão irmãos, são estes dois paizes na indole dos seus habitantes e na excellencia da sua natureza, que não ha pagina gloriosa na historia de um a que não corresponda pagina de igual fulgor na historia do outro.

O mundo tem-os visto a ambos nos dias de adversidade, nos longos annos de martyrio, a braços com o despotismo estrangeiro, invocar o nome de seus maiores e lutar com denodo e heroicidade pela terra sagrada da patria.

Após tão gloriosos exemplos, quem poderá dizer no presente ou no futuro, que estes dois povos, que teem sido o berço de tantos heroes, poderão ser novamente, alguma outra vez, algemados pela escravidão?

A nossa independencia foi cimentada com o sangue dos cavalleiros christãos que palmo a palmo disputaram o territorio portuguez. A essas gerações, que dormem o somno eterno á sombra da cruz e da espada, que lhes haviam sido durante a vida symbolo de combate, pertencem os primeiros capitulos de grande epopêa. E se um dia, para sempre infausto, puderam ser esquecidos os antigos brios con-

junctamente com a provada lealdade portugueza, para dar entrada ás hostes do duque de Alba, essa mancha foi resgatada sessenta annos mais tarde nos campos de batalha, para sempre gloriosos, de Ameixial e Montes Claros.

Para a Italia foi mais longa e mais terrivel a provação. A edade media viu-a debater-se no meio das encontradas ambições de tantas familias rivaes, que retalharam o seu solo e espalharam por toda a parte os horrores da guerra. Correram-lhe depois os annos entre os sobresaltos de esperanças patrioticas e os temores que o despotismo estrangeiro impunha com mão de ferro. O seculo XIX raiou ainda testemunha de novas scenas de oppressão, e só depois de mais de uma revolução malograda, heroicas tentativas em que os martyres provaram a sua fé sobre o patibulo, é que a Italia, como acordada de seu longo somno, cheia de nova vida, aspirando a altos destinos, nobre, gloriosa, *uma e indivisivel,* se apresenta ahi, no congresso das nações a reivindicar entre ellas o seu logar de honra!

Sublime espectaculo o acordar de um povo!

Salve Italia. Salve rainha das artes, patria de poetas, mãe de heroes!

Grande lição, sublime exemplo estás dando ao

mundo! Entras no noviciado da liberdade, e a sensata moderação que só parece resultado de longa experiencia, é em ti indicio seguro, de que o povo capaz dos grandes enthusiasmos, é tambem o mais proprio para a obra pacifica, mas não menos gloriosa da boa governação.

A Italia que se fez admirar pela heroicidade, ganhou depois da victoria direito á admiração pela sua clemencia e illustrada iniciativa, que em todos os ramos de administração prepara a publica prosperidade.

A espada dos seus generaes não faz esquecer a palavra dos legisladores. O valor allia-se com a sciencia, e o trabalho glorioso do campo de batalha com o labor menos ruidoso, mas nem por isso menos util, do gabinete.

Quando uma nação, com taes elementos de vida e de prosperidade, vae entrar desassombrada na estrada dos grandes beneficios da liberdade, que outras nações mais felizes gosam já ha mais tempo, o que tem que esperar no futuro? O que não devem esperar as que forem suas alliadas? não de reforço para intento de loucas e impossiveis conquistas; mas para lição, para exemplo de rejuvenescimento, para estimulo de forças que se deixam estar adormecidas por julgarem, que depois de conquistada a liberdade não ha nenhuma outra conquista mais.

Sob este ponto de vista encaramos nós as excellencias politicas do casamento do rei de Portugal com uma princeza da casa de Saboya.

É de summa vantagem este enlace pela sua significação e alcance, por nos assegurar mais a certeza da successão e a continuação da dynastia que está solidamente unida com a patria e com as instituições constitucionaes.

A importancia dos casamentos reaes é hoje mui differente do que era outr'ora; póde talvez dizer-se que mal se póde acreditar na sua influencia politica.

A antiga organisação da Europa, que repartia entre as casas reinantes as nações como se fossem bens de familia, fazia com que n'aquelles tempos os casamentos dos principes fossem quasi sempre os que decidissem da sorte dos estados.

Leonor de Guyenna trouxe em dote a el-rei de Inglaterra uma parte das melhores provincias da França; porém este dote produziu trezentos annos de guerra entre os dois paizes.

Maria de Borgonha fez passar para a casa d'Austria uma magnifica herança, formada, quasi toda, dos despojos da França, o que deu logar a accen-

der-se uma guerra, que durou muitos seculos, entre as familias reinantes de França e d'Austria.

Os direitos de Luiz XII sobre o Milanez deram á França sessenta annos de guerra n'este paiz, que mil vezes foi occupado e perdido pelos francezes, sendo a final a natureza quem decretou a separação dos dois paizes,

Tudo isto, porém, succedeu, porque, n'estes contractos só se tinha em vista os calculos de ambição: o interesse sempre andava de permeio. Na epoca actual, graças á civilisação, os casamentos dos reis são considerados mais como um negocio de familia, do que como um negocio do estado; os affectos do coração é que teem o primeiro imperio.

A casa de Bragança não carece de procurar esplendor em qualquer alliança. O sr. D. Luiz I, no uso pleno dos seus direitos, escolheu para esposa a filha do rei d'Italia, porque viu n'essa escolha a felicidade domestica e os affectos de sua vida intima.

As vantagens da união de Portugal com a Italia são mutuas. Ambos os povos devem gloriar-se e applaudir-se com igual ufania. D'esta alliança não ha a esperar senão sazonados fructos para os dois paizes, e tanto mais sazonados quanto os laços da amizade se forem estreitando.

O casamento do rei de Portugal com a augusta princeza d'Italia deve ser apreciado como um verdadeiro negocio de familia. Ao povo portuguez essencialmente liberal, só compete applaudil-o; na esposa do seu rei só tem a ver a rainha do seu coração, a rainha festejada e adorada por todos, e a render-lhe homenagem de sympathia e respeito.

A princeza D. Maria de Saboya vem simplesmente seguir os destinos d'este paiz, tomar parte nas suas penas ou nas suas alegrias; basta esta idéa para não se dever considerar tal enlace senão como estranho á politica externa e ás allianças internacionaes. Todavia não deixou de apparecer quem attribuisse ao casamento do rei de Portugal uma certa e determinada significação politica.

Disse-se que significava um plano traçado nas côrtes de Turim, França e Lisboa para expulsar da Hespanha os Bourbons e realisar a união Iberica sob o sceptro da dynastia de Bragança.

Todos foram unanimes em combater estes boatos; e folgamos que mesmo na imprensa opposicionista se levantasse uma voz desprendida de quaesquer pequenos interesses de partido, e só inspirada pelo commum amor da patria.

São dignas de se reproduzir as palavras com que

ahi se suffocaram os impulsos mesquinhos e vis de odios inveterados e paixões rancorosas.

« Portugal não quer renunciar ao seu nome honrado e ás suas gloriosas tradicções por coisa nenhuma d'este mundo, e muito menos a troco de enganadoras promessas de augmento de territorio.

« Portugal não precisa de territorio, tem-no nas colonias larguissimo e fertilissimo, onde se póde expandir quando se sentir apertado na sua estreita cinta de terra continental. Para se collocar ao lado dos paizes mais cultos e prosperos, Portugal precisa apenas da dedicação de todos os seus filhos, do concurso de todas as suas intelligencias, d'um governo forte e illustrado.

« Se, pois, registramos a significação politica que se pretende attribuir ao casamento do rei de Portugal com a princeza D. Maria Pia é porque queremos exprimir na imprensa franca e lealmente os sentimentos do paiz, que são os nossos sentimentos [1].»

Amarga devia ser de certo esta repulsa para os que tratam de explorar o sentimento de nacionalidade em proveito da sua causa, porque além de

[1] *Revolução de Setembro.*

assentar em bases solidas dá de mão a idéas que devemos a todo o custo emendar e repellir para gloria e fama d'este nosso velho e honrado paiz.

Não temos ambições, nem estamos no caso de conquistar novos estados, nem derribar dynastias; não pretendemos ser mais do que o que somos, livres e independentes, e não se creia que temos idéas tão exaltadas que nos animem a tirar vingança de successos, de que nem sequer vestigios já existem. Só um louco como Xerxes, é que póde ter a lembrança de fustigar o mar depois d'uma tempestade. Temos por certo que essas exaltações febris não são mais que puros devaneios phantasiados por imaginações escandecidas; que a idéa da realisação da unidade iberica originada pelo casamento do sr. D. Luiz foi obra de um sonho.

Esperamos, pois, que o soberano de Portugal conhecerá sempre os maus conselhos, que saberá prestar-lhes a devida importancia, que nunca se lembrará de infringir os preceitos que nos foram transmittidos pelas santas tradicções, e que desejará poder dizer como dizia seu irmão o sr. D. Pedro v de saudosa memoria, referindo-se a offertas que lhe tinham sido feitas, e que elle regeitára, «que quando um dia se soubesse d'essas offertas, e do modo desfavoravel com que elle as acolhêra, se lhe havia de fazer a justiça de lhe attribuir mais probidade do que ambição.»

Todas as conveniencias nacionaes convidavam os italianos e os portuguezes a esta união, da qual não pódem provir receios a nenhum paiz; se é n'este presupposto que parte da imprensa do reino visinho, com a sua doutrina contraria a todos os principios de verdadeira politica, estigmatisa tão ditoso consorcio, engana-se completamente. Temos muito em que empregar a nossa sollicitude; as colonias que ainda possuimos, são uma grande riqueza inexgotavel, e d'onde nos podem resultar grandes e verdadeiros interesses.

Uma politica vulgar póde mui bem interessar-se em crear ciumes com alguma outra nação, mas uma politica séria e esclarecida cuidará antes em os dissipar, em nos unir amigavelmente, e esforçar-se a demonstrar que no estado actual da Europa tudo deve tender a uma sincera união.

Na nossa epoca, pois, as uniões matrimoniaes dos reis, não devendo ser indifferentes aos povos, não teem todavia a alta significação que d'antes tinham, quando a politica das nações estava só dependente do arbitrio dos monarchas e das relações entre as familias reinantes.

O triumpho da democracia europêa deu uma nova phase á politica geral. As nações hoje, pelo menos as nações liberaes, vivem por si, e os reis vivem por

ellas quando pela lealdade das suas idéas e dos seus sentimentos consubstanceiam a opinião mais geral.

Por estas razões, muito embora seja a escolha da princeza que deve participar dos esplendores do throno um acto de vida intima do monarcha, traduz-se sempre n'essa escolha as tendencias das suas idéas, que, sendo liberaes, são um penhor para o povo de que tem no seu rei o mais zeloso defensor das liberdades publicas.

Nunca seria bem acceita, em uma nação essencialmente liberal, a escolha do monarcha que recahisse em qualquer das familias reinantes, que, por tendencias politicas, fosse d'aquellas que tem acarretado para si a maldição dos povos sujeitos ao seu dominio.

Pelo contrario, quando o monarcha vae, como o senhor D. Luiz I, buscar para companheira de sua vida, para a educadora do successor do throno, uma princeza de uma das casas que tem provado com mais sacrificios o seu amor á liberdade, a filha de um rei liberal, neto do martyr de Novara, geração toda de heroes; quando essa princeza, educada no meio dos exemplos de austeras virtudes civicas, amando desde creança as idéas que bebeu com o leite, costumada a ver o grandioso espectaculo de um povo que idolatra o seu rei, sobe a um throno d'onde vem

encontrar iguaes virtudes, as mesmas idéas e o inexcedivel amor do povo portuguez, póde-se affoitamente dizer que nenhuma outra união haveria mais auspiciosa para a felicidade futura do monarcha e do reino.

Provou el-rei na escolha o seu amor á liberdade. O paiz agradeceu-lhe com o voto de louvor unisono e geral que se levantou em todos os seus angulos.

Quando o throno se cerca d'esta maneira pelas bençãos de todo um povo, ha razão para se exclamar sem receio de ser acoimado de lisonjeiro:

Feliz rei e feliz povo!

# BIOGRAPHIA

DE

## S. M. A RAINHA D. MARIA PIA DE SABOYA

# BIOGRAPHIA

DE

## S. M. A RAINHA D. MARIA PIA DE SABOYA

### IV

Uma princeza descendente da antiquissima e invicta casa de Saboya vem, pela vez terceira, encendrar a estirpe da casa real portugueza, e assentar-se no throno de um nascente reinado.

A primeira infancia é uma idade nulla para biographia, possue a innocencia, e n'esta sómente se encontra a virtude que lhe é propria; por isso não é necessario recorrer ao mechanismo da lisonja para formar o retrato da joven rainha de Portugal. Virtudes solidas e qualidades sublimes, se manifestam na sr.ª D. Maria de Saboya de uma maneira tão expressiva e tão brilhante, que de um simples traço se completa a pintura.

A augusta filha de Victor Manuel nasceu a 16 de outubro de 1847, e soffreu a irreparavel perda de sua mãe a rainha Maria Adelaide, de saudosa memoria, pouco depois de completar sete annos. Rainha santa lhe chamavam por antonomasia seus subditos, porque era adornada de todas as virtudes dignas de uma corôa immortal e celeste, que a tornariam merecedora do throno a que subiu, ainda que o berço em que nasceu não fosse real. Teve vida exemplar, zelo evangelico, caridade ardente e constancia nas adversidades.

É, pois, para acreditar que sua magestade recebêra d'estas fontes tão ricas e abundantes, não só o sangue mas os ornamentos do espirito; aquelle porte soberano que annuncia a magestade antes de ser conhecida, aquelle ar de imperio e de grandeza que não carece de homenagens para se sustentar, porque tem em si mesmo o prestigio que o conserva.

Conhece-se-lhe a educação mais nobre, o genio mais docil, a vida mais innocente, mais tranquilla e mais regular. A possessão d'estes dotes deve-a a joven princeza a ter recebido desde seus principios as premicias da fé e da religião; conservando-as e ajuntando a razão ao uso, e a reflexão á experiencia, poderá servir de modelo á posteridade e deixar ainda exemplos de perfeição e de virtude.

A soberania da casa de Saboya data do seculo XI. Ha setecentos e dezeseis annos que pela vez primeira uma princeza oriunda d'aquella dynastia veio assumir o logar de rainha de Portugal, unindo-se pelos laços nupciaes a el-rei D. Affonso Henriques, um dos maiores principes de que faz menção a nossa historia, porque deixou com heroicos triumphos firme e respeitada a sua corôa, como o attestam a celebrada victoria de Valdevez, os cercos de Guimarães e de Coimbra, e as batalhas de Trancoso e campo de Ourique.

A historia descuidou-se em registar as virtudes d'esta rainha: todavia para se tornar illustre e resplandecente a sua memoria, escaparam ainda algumas noticias, que servem para podermos formar um verdadeiro juiso sobre as virtudes e merecimentos que a ornavam.

Das acções benemeritas, da filha de Amadeu III legou-nos o passado como memoria a fundação de um hospital, a edificação de algumas egrejas, de um mosteiro em Guimarães e a noticia de que era dotada de rara piedade e devoção, acudindo com largas esmolas aonde era mais occulta a pobreza. É o que nos basta saber para testemunho irrefragavel da gloria de sua fama.

No anno de 1521 foi a dynastia de Aviz que deu

á Italia uma infanta filha de el-rei D. Manuel. Carlos III duque de Saboya esposou D. Beatriz a 27 de setembro d'este mesmo anno. As distinctas qualidades d'esta infanta attrahiram o respeito de todos os seus vassallos e lhe conquistaram o singular nome de *heroina*.

Era tal a estima que lhe dedicavam, que, quando em 1522 Carlos III resolveu ir para Saboya, em consequencia de ter perdido o ducado de Milão, todas as cidades possuidas do melhor enthusiasmo, prepararam para recebel-a explendidos festejos; porém a recepção que lhe fizeram em Genova é entre todas a mais memoravel. Era grande o alvoroço da população, a milicia formava em parada, esperava para a conduzir um rico e magnifico carro triumphante, e para a acompanhar trezentas mulheres vestidas de amazonas, deram-se batalhas navaes e á noite houve surprehendentes fogos de artificio.

Teve de vida esta princeza trinta e quatro annos; morreu em Nizza aos 8 de janeiro de 1538.

Tivemos ainda outra alliança com a dynastia de Saboya. O solio portuguez deu novamente logar a uma princeza de Italia.

D. Maria Francisca Isabel de Saboya se chamava ella, e chegou a este reino a 2 de agosto de 1666

acompanhada do duque de Estrees. Desembarcou em Belem a esposa de Affonso VI, que pouco tempo depois tinha de se sentar no throno ao lado de D. Pedro II, irmão do infeliz monarcha que viu em um dia quebrar-se-lhe aos pés a corôa real.

Pouco tempo tinha de succeder a mulher de D. Pedro II á morte de seu primeiro marido. O mesmo anno viu succumbir o prisioneiro dos paços de Cintra e a princeza que a morte d'aquelle fizera rainha ao lado do homem, escolhido pelo seu coração. D. Pedro, collocado entre o tumulo do irmão que lhe dera a corôa, e o da esposa que lhe levava a felicidade, gravou para sempre na memoria o dia funesto de 27 de janeiro de 1668 em que se finou a filha de Carlos Manuel de Saboya, duque de Nemours e Aumale, ainda florescente de todos os dotes de mocidade e de belleza.

Deixou em disposições testamentarias muitos legados para casamentos de orfãos, resgate de captivos e sustentação de hospitaes, e bastantes esmolas para as religiosas mendicantes; fundou um convento de freiras e mandou erigir duas capellas. É o que a historia nos refere para podermos fazer a apreciação de tão piedosa rainha.

Se a arvore genealogica saboyana tem produzido tão bellos e excellentes fructos, que conceito, pois,

não devemos formar das virtudes da joven princeza que acaba de acceitar o diadema real?

Aos quinze annos não é possivel poder-se avaliar as virtudes por factos, mas no entretanto lá transparece a religiosa e esmerada educação, que, sabido é, recebêra para nos ensinar o quilate de suas virtudes angelicas, que é de suppor nunca soffrerão quebra no futuro.

N'esta idade a vida não é mais do que uma esperança, e grandes esperanças temos a conceber da neta do desditoso Carlos Alberto.

Manda a historia que dediquemos algumas linhas á memoria de tão illustre personagem, cuja morte encheu de consternação os habitantes da cidade invicta.

Carlos Alberto, duque de Saboya e de Genova, principe do Piemonte e Monferrate, rei de Sardenha, Sicilia, Chypre e Jerusalem, nasceu em Turim em 2 de outubro de 1798 do principe Carlos Manuel de Saboya Carignan, e da princeza Maria Christina de Saxonia.

Os acontecimentos que assignalaram a volta dos francezes á Italia em 1799 obrigaram, pouco depois, os principes da augusta casa de Saboya a se retirarem dos seus estados hereditarios.

A familia real refugiou-se na ilha da Sardenha, e o principe de Saboya Carignan retirou-se a Chaillet em França, onde morreu pouco tempo depois, deixando uma mediana fortuna para a educação do real infante Carlos Alberto, que a recebeu liberal e esmerada.

Em 1815 a successão ao throno de Sardenha tornou-se, pelo caso mui provavel da extincção da linha primogenita da casa de Saboya, objecto de sérias discussões no congresso de Vienna, e o alvo de mil intrigas por parte da Austria e do duque de Modena; porém os principios da justiça prevaleceram, e o principe de Carignan foi solemnemente reconhecido como principe real e legitimo successor á corôa de Sardenha. Em 1827 casou com a virtuosa princeza Maria Thereza, filha do gram duque de Toscana, de quem teve dois filhos, Victor Manuel, actual rei de Italia, e Fernando duque de Genova.

Chamado a reinar sobre os povos do Piemonte e da Sardenha, bem entendeu Carlos Alberto a importancia de sua missão. Herdeiro do nome glorioso de Felisberto e de Victor Amadeu, dedicou desde a sua mocidade os seus estudos e as mais sérias meditações á execução de um vastissimo plano, que, infelizmente, tão malogrado foi nas margens do Tessino.

Em 1831, quando subiu ao throno, assignalou as

tendencias de seu nobre coração com diversas e consideraveis reformas, e prodigalisou a sua generosa protecção a homens eminentes nas artes, sciencias e letras. Assim Botta, Pellico, Gioberti, Giovanetti e muitos outros que tinham supportado todos os tormentos e vexames da prisão, do desterro e do ostracismo nos precedentes reinados, alcançaram a liberdade logo que Carlos Alberto foi proclamado rei de Sardenha.

Trabalhou sempre com infatigavel constancia na realisação do plano, concebido por seus illustres avós, para livrar toda a peninsula italiana do jugo austriaco e da influencia estrangeira.

A nacionalidade italiana era para Carlos Alberto um principio sagrado e á qual tudo sacrificava; porém a França e a Inglaterra para conservar seus interesses, a Austria para defeza de seus pretendidos direitos, os principes italianos por conveniencias pessoaes e um estulto partido se juntaram para conspirar contra Carlos Alberto, que havia trinta annos se esforçava em promover a expulsão dos barbaros de Italia.

Perdidas todas as suas mais risonhas esperanças, n'um bello dia depoz a corôa sobre a cabeça de seu filho primogenito, e veio buscar repouso entre os hospitaleiros e obsequiadores habitantes da cidade

invicta, a qual havia escolhido para seu asylo depois de perdida a batalha de Novara.

Na occasião de despedir-se Carlos Alberto chamou o duque de Genova, alguns generaes e soldados e disse-lhes «Eu parto; deixo-vos meu filho. Servi-o tão fielmente como me tendes servido a mim. Oxalá que elle possa ser mais feliz do que eu fui! Oxalá que elle possa ver a Italia livre.»

Fugindo da sua Italia, como quem fugia de um espectro, atravessando a França e a Hespanha sem o mais pequeno repouso, o Porto o recebeu em seu seio no dia 17 de abril de 1849.

Terminou o sr. conde de Barge em 28 de julho de 1849 a sua attribulada e procelosa carreira, tendo preenchido todos os preceitos da religião catholica romana, e podendo apenas fixar seus olhos moribundos n'um bello quadro da mãe de Deus, que foi o seu inseparavel e unico entretenimento durante a sua penosa residencia n'aquella cidade.

Depois de uma longa e complicada enfermidade, cujos incommodos o augusto desterrado sempre soffreu com evangelica paciencia, exhalou o derradeiro suspiro com aquella serenidade cheia de confiança que caracterisa o martyr christão.

Logo que se espalhou tão infausta noticia, a população do Porto patenteou o seu sentimento por tão permatura perda, porque, sem distincção de cores politicas, todos sympathisavam com o illustre e desventurado hospede, dando assim provas de agradecimento pela escolha que elle fizera de uma terra classica em virtudes e heroicidades.

Durante tres dias prestaram-se ali as honras funebres devidas a tão alta gerarchia, ficando depositado o real cadaver na Sé cathedral até que foi conduzido ao jazigo de sua patria.

O dia dezoito de setembro foi o destinado para a trasladação. O vapor Sardo *Goito* é que recebeu o cadaver do rei, cuja corôa tão pezada e de espinhos lhe fôra.

Não é nosso intento fixar aqui o elogio de Carlos Alberto, só diremos que o admiramos, não tanto nos vôos de uma ambição que a victoria inutilisou, e que a sorte da guerra ou talvez a traição despenhou na abdicação, no exilio e por fim na sepultura; como o admiramos n'esse desprendimento com que abdicou para obter condições mais vantajosas para o seu paiz.

Eis-aqui um breve resumo da vida do progenitor de Victor Manuel, d'esse rei constitucional que tam-

bem deseja a felicidade de seu povo, e adhere leal e fielmente ás idéas liberaes, que tem sustentado sempre a gloria de sua familia e observado as verdadeiras praticas religiosas.

Victor Manuel assumiu o poder em 1849, e tinha casado em 12 de abril de 1842; cinco filhos nasceram d'este enlace. A princeza Clotilde, os principes Humberto, Amadeu, Othon Eugenio e a princeza Maria Pia, que acaba de unir-se pelos laços matrimoniaes a D. Luiz I rei de Portugal.

O sr. visconde da Carreira teve a elevada honra de ser encarregado por sua magestade el-rei de ir pedir a mão da princeza a sua magestade el-rei Victor Manuel, que o recebeu em audiencia de formalidade.

A respeito d'este acto ceremonial a *Gazeta official do reino de Italia* publicou o seguinte:

«Hontem 3 de agosto ás dez horas e meia da manhã, s. ex.ª o visconde da Carreira, enviado extraordinario de sua magestade el-rei de Portugal, teve a honra de ser recebido em audiencia solemne por sua magestade el-rei Victor Manuel, a fim de, em nome de seu augusto soberano, pedir officialmente a mão de sua alteza real a princeza Maria Pia.

«O marquez de Breme, prefeito do paço, assim como o mestre de cerimonias o sr. conde de Sartirana, e o conde Panissera di Veglio, indo buscar o visconde da Carreira aos aposentos que lhe foram destinados no real palacio, o conduziram á camara real, onde já se achavam sua magestade o rei com sua alteza real a duqueza de Genova. Acompanhavam sua magestade n'esta cerimonia os cavalleiros da ordem suprema, altos funccionarios civis e militares da real casa, os ministros e outros dignatarios do estado.

«Sendo levado pelo prefeito do paço á presença de sua magestade, o enviado portuguez apresentou as suas credenciaes, e em seguida teve a honra de dirigir a el-rei o seguinte discurso em nome de sua magestade D. Luiz I rei de Portugal, a fim de pedir a mão de sua alteza a princeza real de Italia, Maria Pia:

« Senhor. — O rei, meu augusto amo, conhecendo as virtudes e eminentes qualidades da princeza Maria Pia, augusta filha de vossa magestade, dignou-se honrar-me com a importante e lisongeira missão de vos pedir a sua mão em seu real nome. El-rei teve nisto, principalmente, em vista fazer a sua propria felicidade, assim como a de sua alteza real; porém outras considerações tambem de grande importancia tornaram mais vivos e ardentes os seus desejos de

consolidar por esta nova alliança os antigos laços de parentesco da familia real de Portugal com a nobre dynastia de Saboya, que é tão illustre e tão grande, não menos por seus titulos antigos como por sua gloria recente. Esses laços respeitaveis datam do começo da monarchia portugueza, porque a nossa primeira rainha, a virtuosa esposa do nosso primeiro rei, o valoroso Affonso Henriques, foi a princeza Mafalda de Saboya, e el-rei apraz-se de que a consolidação d'esses laços, constituindo a felicidade dos jovens esposos, e renovando relações de intima amisade e de cordial harmonia entre as duas corôas, terá benefica influencia nos interesses e prosperidade das duas nações. »

Sua magestade respondeu a s. ex.ª o visconde da Carreira, que recebia da melhor vontade o pedido, que se lhe fazia em nome de sua magestade el-rei o senhor D. Luiz, da mão de sua prezada filha a princeza Maria Pia, convencido de que similhante consorcio assegurava a felicidade de sua alteza; acrescentando sua magestade que os novos laços de familia contrahidos entre as duas dynastias, consolidando antigas allianças, contribuiriam poderosamente para a prosperidade das duas nações.

Tendo-se concluindo d'este modo a audiencia solemne, o enviado portuguez foi conduzido pelo prefeito do paço á camara onde estava sua alteza real

a princeza Maria Pia com sua alteza real a duqueza de Genova, acompanhadas das damas do seu sequito, dos cavalleiros da sua côrte e dos altos funccionarios do estado; e sendo apresentado á serenissima princeza o visconde da Carreira, teve a honra de dirigir a sua alteza os cumprimentos, recebendo a mais gentil e delicada resposta.

O visconde da Carreira foi ainda depois conduzido aos aposentos de sua alteza real a duqueza de Genova, a quem igualmente apresentou as suas homenagens, e em seguida recolheu, acompanhado pelo marquez de Breme e o referido mestre de cerimonias, para as camaras do real palacio que serviam de aposento a s. ex.ª, observando-se em tudo o mais rigoroso cerimonial.

N'este mesmo dia sua magestade mandou convidar para jantarem no paço o enviado de sua magestade fidelissima, os officiaes do seu sequito e os membros da legação portugueza. Foram tambem convidados os altos funccionarios pertencentes á comitiva de sua magestade e de sua alteza real, e as demais personagens da côrte que assistiram á audiencia solemne.

O contracto matrimonial assignou-se no dia dez. A noticia do casamento da filha de Victor Manuel foi acolhida pelo povo italiano e pelos seus represen-

tantes com demonstrações que bem provam a consideração e sympathia que aquella briosa nação professa pela augusta dynastia de Bragança, e a nação portugueza.

O documento que vae ler-se comprova o que dizemos, é a traducção da mensagem que a camara dos deputados italianos dirigiu ao rei por occasião de lhe ser communicado o consorcio de sua magestade el-rei D. Luiz I com a excelsa princeza D. Maria Pia.

O general Durando ministro dos negocios estrangeiros, em sessão de onze de julho, fez a participação official á camara nos termos seguintes:

« Senhores, aproveito igualmente esta occasião para annunciar á camara outro acontecimento que, estou certo, será acolhido muito favoravelmente por esta camara: refiro-me ao casamento ajustado entre sua magestade el-rei de Portugal, e a princeza, a sr.ª D. Maria Pia. (*Signaes de geral satisfação.*) O sr. ministro dos negocios da fazenda apresentará hoje mesmo á vossa approvação, uma proposta de lei, na conformidade do estatuto, para a dotação de sua alteza real, a princeza. »

Effectivamente o ministro da fazenda n'aquella sessão mandou para a mesa o projecto da dotação,

na importancia de quinhentas mil libras. O projecto foi declarado urgente.

O deputado Chiavarina, tomando a palavra disse que ouvira com o maior prazer o sr. ministro dos negocios estrangeiros annunciar dois felizes acontecimentos, que collocam, finalmente, a Italia nas condições que esperava desde seculos, e que desgraçadamente e por circumstancias não merecidas, não tinha visto realisadas até agora. Que propunha a nomeação de uma deputação para cumprimentar e congratular a sua magestade el-rei de Italia, pelo venturoso acontecimento do consorcio de sua augusta filha, a princeza a sr.ª D. Maria, com o rei de Portugal.

« E de tanto melhor grado faço esta proposta, exclamou o orador, quanto que a união d'esta nossa princeza é feita com um rei constitucional, com o soberano de uma nação que gosa das sympathias de toda a Italia *(Bem! Bravo!)*»

A deputação foi nomeada immediatamente, saindo eleitos os srs. deputados Coppino, Udgulena, Zanolini, Mosca, Cugia, Spinelli, Camozzi, Nisco; e supplentes os srs. Possenti, Melegari, Luigi Massa, e Grixoni.

A mensagem, apresentada a el-rei Victor Manuel, é do theor seguinte:

«Á agradavel participação dos esponsaes de sua alteza real, a princeza D. Maria Pia, com sua magestade el-rei de Portugal, apressa-se a camara dos deputados em vir á presença de vossa magestade como interprete do jubilo e das congratulações de toda a nação.

«Com esta feliz alliança de familia offerece o rei de Italia um precioso penhor de affecto á illustre dynastia e ao povo generoso que foram nossos amigos leaes nos dias de desventura, e que foram dos primeiros a saudar a inauguração do novo reino italiano.

«Estreitando agora os laços de parentesco, as duas casas reinantes já unidas na communhão dos principes constitucionaes, e da fé illibada pela liberdade, cimentam a amisade entre dois povos, aos quaes são communs a origem e os instinctos nacionaes.

«Filha de um rei e de um povo que ensinaram ao mundo como se formam as grandes nações, a augusta descendente da casa de Saboya será no throno a digna companheira de um principe, a cujas virtudes prestam livre homenagem o amor do seu povo, e o respeito das nações civilisadas.

«Praza a Deus que por longos annos seja a futura rainha de Portugal ornamento do throno e sym-

bolo de constante amisade entre as duas augustas familias e os dois povos.

« Objecto de orgulho e satisfação para a Italia, este feliz consorcio é o presagio dos destinos gloriosos que guarda a renascente civilisação latina.

« Senhor. As acclamações de todo o paiz acompanham unisonas a vossa magestede no seu jubilo paternal.

« A camara dos deputados dá-se por muito feliz em poder apresentar n'esta occasião a vossa magestade os testemunhos do seu affecto e acatamento. »

Na camara dos deputados passaram-se depois as coisas com relação ao mesmo assumpto, pela maneira que passamos a transcrever:

« Senhores. — Deveis recordar-vos que o presidente do conselho de ministros annunciára, que el-rei se dignaria receber esta manhã a mensagem da camara pelo fausto motivo do destinado consorcio de sua alteza real a princeza Maria Pia, com sua magestade fidelissima D. Luiz I rei de Portugal.

« A presidencia e a deputação da camara desempenharam a grata missão que lhes fôra incumbida.

« Sua magestade recebeu a deputação com a mais graciosa cortezia, vendo-se brilhar em sua real fronte a dupla alegria de principe e de pae.

« Não vos saberei repetir as affaveis palavras de el-rei, respondendo á nossa mensagem.

« El-rei fez sentir quanto o penhorava a sincera effusão da camara pela nova alegria que inundava o seu paterno coração. Disse que lhe agradecia especialmente a espontaneidade com que tinha decidido offerecer-lhe um solemne testemunho do contentamento e dos felizes presagios da nação; que essa espontaneidade confirmavam o constante affecto que une o povo, o parlamento, e o rei; que são este affecto e harmonia a verdadeira causa do bom exito que a Italia tem alcançado, e aos quaes deverá o cumprimento de todos os seus votos; que comquanto esses votos não tivessem ainda obtido plena satisfação, não viria de certo longe o momento de os ver cumpridos, e terminou exprimindo o justo orgulho de que el-rei D. Luiz, para o qual lhe parte a filha querida, se sentirá possuido, vendo a luz que illumina um throno circumdado pelo amor da nação.

« Em seguida, a presidencia e a deputação tiveram a honra de apresentar a homenagem das suas congratulações á real desposada, á qual affirmámos que seria o esplendor e o amor do povo lusitano, como

sua augusta mãe fôra o esplendor e o amor do povo italiano.

« Sua alteza, com a mais peregrina suavidade, dignou-se responder que se sentia extremamente commovida com tantas provas de affecto da camara dos deputados, e que, afastando-se da sua terra natal, conservaria sempre gratą memoria do paiz de seus paes, e não cessaria nunca de dirigir ao céo os mais ardentes votos pela sua felicidade. (*Applausos*)»

O senado italiano compenetrado de sentimentos eguaes aos que animaram a camara dos deputados teve tambem a honra de depositar nas augustas mãos de Sua Magestade a respeitosa e affectuosa homenagem concebida nos seguintes termos, que, diz o periodico denominado *Italia*, o echo dos sentimentos de todo a cidade:

« Os regosijos da Familia Real de Italia são egualmente os de toda a nação.

« Não podia pois o senado, logo que teve conhecimento do consorcio que deve unir sua alteza real a princeza D. Maria Pia, com sua magestade fidelissima D. Luiz, rei de Portugal, deixar de manifestar o contentamento de que está possuido e de dar a mais respeitosa demonstração a vossa magestade, em nome de toda a Italia.

«Este enlace, é signal auspicioso das virtudes que resplandecem nos dois esposos, e do sagrado culto á liberdade commum aos dois paizes, e não menos de alta conveniencia politica.

«O senado não só espera, mas tem o presentimento de que o novo laço que vae unir as duas excelsas familias, hade ser fecundo em beneficas influencias, e que Maria Pia, sentada sobre o glorioso Throno Lusitano, renovará com os seus exemplos sublimes, a illustre memoria de Mathilde de Saboya mulher de Affonso I, rei de Portugal, e de Maria Izabel, esposa de D. Pedro II.

«Digne-se Vossa Magestade acceitar a respeitosa expressão destes sentimentos, juntamente com os votos da mais apetecida felicidade.»

O presidente do senado italiano participou a esta camara pelo modo seguinte, a maneira como fôra recebida por el-rei Victor Manuel a deputação encarregada de felicitar sua magestade pelo mesmo feliz motivo:

«Senhores senadores: — A deputação encarregada de apresentar a sua magestade a mensagem votada pelo senado, teve esta manhã a honra de ser recebida por el-rei.

«Sua Magestade depois de ouvir a leitura da mensagem, encarregou a deputação de agradecer ao senado a sincera parte que toma na alegria de sua familia, e a solicitude com que deseja ver effectuado o consorcio de sua alteza real a princeza Maria Pia.

«Sua magestade augura que uma estrella igualmente propicia presidirá aos destinos das duas nações, cujas relações se vão estreitar com os mais intimos laços.

«Finalmente encarregou a nossa deputação de exprimir ao senado a sua satisfação pelo zêlo que desenvolve nos seus trabalhos parlamentares.

«A deputação obteve em seguida uma honra que não esperava, qual foi a de patentear os seus respeitos a sua alteza real a princeza Maria Pia. Em consequencia do que ella apresentou a sua alteza real, em nome do senado, as suas cordiaes felicitações, pelo consorcio que sua alteza real está para contrahir com el-rei de Portugal.

«Sua alteza real a princeza Maria Pia quiz que a deputação agradecesse ao senado o sincero interesse que toma na sua felicidade, e accrescentou com a maior affabilidade e com phrases que não saberei repetir, que a sua nova patria nunca lhe fará esque-

cer a antiga, por cuja felicidade continuará fazendo incessantes votos. *(Vivas e geraes applausos.)*»

A Camara Municipal de Turim, interprete dos seus desejos, dirigiu tambem a mensagem seguinte:

**Mensagem da camara municipal de Turim**

«Senhor. — A auctorisada voz do parlamento italiano já solemnemente se tornou interprete da alegria experimentada pela nação ao saber do casamento de sua alteza real a princeza Maria Pia, vossa augusta filha, com sua magestade fidelissima D. Luiz I, rei de Portugal e dos Algarves.

«Mas a cidade na qual a augusta noiva, nasceu, e onde tem crescido em annos e em virtudes, não póde contentar-se com applaudir em segredo as nobres palavras do senado e da camara electiva.

«A cidade, alem de julgar isso um dever, sente a necessidade de testemunhar com a maior presteza, o prazer de que se acha possuida, por isso que, habituada ha oito seculos a considerar como suas as glorias da vossa real casa, considera o consorcio de uma princeza de Saboya bem menos como uma festa de familia, do que como um acontecimento que faz nascer espontaneamente a alegria publica.

«O povo de Turim, senhor, que sempre partilhou os destinos de vossos antepassados, e partilhará sempre os vossos, supplica-vos que vos digneis aceitar esta cordial expressão da sua alegria, este tributo da sua affeição.

«Vossa augusta filha, entrando, pelo seu consorsorcio, na casa de Bragança, será uma fonte de felicidade, porque levará comsigo um nome sem mancha, as virtudes que herdou de uma mãe angelica, a piedade das Margaridas e das Clotildes, a ineffavel bondade da filha do piedoso Amadeo, que foi, ha sete seculos, um objecto de admiração e de amor quando rainha do povo lusitano.

«E esse mesmo povo, que tem de commum com a Italia a sua origem, as suas aspirações de liberdade, e as suas esperanças de gloria, acolherá a joven rainha como um penhor e um presagio enviado pelo céo ao seu rei, em quem depositou com a maior segurança toda a sua confiança.

«Senhor, os cidadãos de Turim acompanharão com seus sinceros votos a augusta esposa até ao palacio real de Lisboa, regosijando-se por tão auspiciosa união, em que descobrem a fagueira esperança de que contribuirá para o engrandecimento das suas reaes casas, e dos dois povos.»

Folgamos em registrar estes factos tão honrosos para ambos os paizes e para as duas dynastias de Bragança e Saboya. Taes documentos revelam as sympathias que existem entre as duas nações, e, d'alguma fórma, confirmam a esperança que temos por certa, que sua magestade a senhora D. Maria de Saboya ha de saber ser rainha e protectora de todos os portuguezes sem distincção de partido, que a sua grandesa d'alma, elevação e nobresa de sentimentos, solidas e prestantes qualidades moraes; não hão de ter como a formosura uma duração ephemera.

Não são os acasos do merecimento nem os arminhos do mundo que hoje se impõe á veneração se a nobresa d'alma lhes não anda unida.

Não nos póde porem caber a censura de querermos encarecer as virtudes da augusta princesa de Saboya, e muito menos por não recorrermos a factos para exaltar o seu merecimento; não ha factos a commemorar n'uma existencia que se nos apresenta na epoca em que o espirito desabrocha para conceber as grandes aspirações, cheio de vida e com uma brilhante perspectiva de gosos.

Sabendo que sua magestade tem passado os annos de sua existencia applicados aos exercicios que suavemente inclinam á virtude, e ensinam os dicta

mes necessarios á magestade, não ha que receiar nem da sua indole, nem do seu caracter.

A natureza, dotando-a de excellentes qualidades moraes, nem por isso deixou de se esmerar na formação de sua estatura que é nobre e garbosa, gentil e sympathica. As feições que expressam o verdadeiro viço e frescura juvenil, são delicadas e meigas, inspiram todos os sentimentos de uma alma candida e cheia de innocencia. O seu olhar, o seu sorrir indicam a bondade de um coração puro e sincero. Nas suas maneiras ha um tal desalinho, um mixto de delicadesa e desdem, uma certa graça, um despertencioso donaire, que muito faz realçar todas as côres de sua real grandeza.

Devemos pois acreditar, que a excelsa princesa, vivendo no seio da constituição e da patria, e sendo illustrada por uma educação rigorosa, instructiva e liberal, offerece tudo quanto póde presagiar um bom reinado, o que é para Portugal uma brilhante promessa de prosperidade.

Eis o que por em quanto se póde dizer da nossa joven rainha, que tão brilhante pelas suas qualidades pessoaes, como pelas da alta posição que occupa, soube commover o amor por um d'esses rasgos de sentimento, que são o verdadeiro segredo de um bondoso coração.

# BIOGRAPHIA

DE

## S. M. EL-REI O SENHOR D. LUIZ PRIMEIRO

# BIOGRAPHIA

DE

## S. M. EL-REI O SENHOR D. LUIZ PRIMEIRO

### V

Ainda não ha muito que a noticia da morte de um rei veiu prostrar todos os animos, não pelo explendor do sceptro quebrado sobre um athaude, mas pelo respeito devido ás virtudes e ás raras qualidades com que realçava a magestade do throno. Esta grande dôr, que opprimia os corações de todos os portuguezes, só podia ser suavisada pela lembrança de que era ainda um filho da virtuosa rainha a senhora D. Maria II, que ia cingir a corôa de soberano.

É de justiça rendermos desde já a homenagem devida aos grandes dotes do sr. D. Luiz I. Herdeiro da corôa de seu chorado irmão, vae dando

provas de se tornar digno dos altos destinos que as virtudes preparam.

O reinado d'este principe inaugurou-se no meio de pungentes dôres e entre saudades; todavia, como era de esperar, o joven monarcha tem trilhado com a maior firmeza a verdadeira senda das prerogativas liberaes. O neto de D. Pedro IV não ignora a influencia das instituições constitucionaes, e comprehendendo a sua posição, todos os seus desejos são conciliar as sympathias geraes e adquirir uma gloria duradoura e brilhante.

O risonho horisonte que o seu reinado descortina, annuncia que o sol da liberdade nos ha de illuminar sempre com os seus raios, e vivificar, com o seu benefico calor, o progresso e o engradecimento d'este reino.

Immediato successor da corôa de Portugal, pensando que seria talvez um dia forçado a cingil-a em sua cabeça, conheceu a obrigação em que estava de se instruir nos altos deveres e nas grandes responsabilidades que acompanham o exercicio da soberania. Perparou-se com a lição e com os conselhos de alguns personagens que mais affeiçoados lhe eram e em quem depositava confiança. Entendeu que a sciencia de governar era difficil, e desde então o estudo e a meditação lhe absorvem as horas que os

negocios do Estado lhe deixam livres. As provações da adversidade, são os mais leaes conselheiros dos principes, e as saudades recentes, que florescem sobre os tumulos dos irmãos adorados, devem ter levantado o espirito do joven monarcha ás regiões onde se perdem de vista as vaidades do mundo, para se divisar sómente o dever apontando um glorioso futuro.

No meio das bençãos de todo um povo descia ao tumulo um mancebo, que era já um grande rei. Das trevas em que lhe entrou a alma, surgiu a aurora da sua immortalidade. Que outro exemplo e que maior estimulo podia ter o principe, que, com os olhos arrasados de lagrimas tinha de levantar o sceptro de junto do sarcóphago, que era tambem um monumento.

Mais porém do que o exemplo, muito mais do que aquelle estimulo, lhe havia de ser a alma que era irmã em ambos. Herdeiro da corôa, foi-o tambem das virtudes. São hereditarias na casa de Bragança a justiça e a clemencia, e no sr. D. Luiz a clemencia mostrou-se logo em volta do seu throno, consolando os tristes e alliviando os desgraçados. Quantos innocentes não elevam as suas preces aos céos pelo seu bemfeitor e pelo seu rei!

A realeza tem ainda decidida influencia nos des-

tinos dos povos, na felicidade social: o descendente da augusta casa de Bragança ha de fazer por se assimilhar a seus maiores, não nas conquistas nem nas descobertas, porque as idéas hoje diversificam, nem nós as podêmos nem devêmos intentar, mas auxiliando com o seu grande prestigio as artes, as lettras e as sciencias, tudo quanto possa ajudar e concorrer para a felicidade de Portugal.

Nasceu o sr. D. Luiz em trinta e um de outubro de mil oitocentos e trinta e oito, e obedecendo á sua vocação, a carreira que escolheu foi a de marinha, para a qual parece que o votára a natureza. Por diversas vezes foi espairecer por esse oceano em que tanto se haviam outr'ora illustrado os nossos heróes, cujas façanhas exaltam a fama d'este reino.

N'esse respirar livre no meio de dilatados horizontes que se perdem no firmamento, na contemplação das variadas e interessantes scenas da vida maritima, é que o joven monarcha adquiriu a experiencia que tem do mundo, na verdade rarissima em tão curtos annos.

Assentou praça na armada aos oito annos e foi nomeado guarda marinha por carta regia em 9 de outubro de 1846. (ordem da armada n.º 148) sendo ministro da marinha D. Manuel de Portugal. Promo-

vido ao posto de segundo tenente em 19 de maio de 1851 (ordem n.º 203) sendo ministro o sr. visconde da Luz; ao de capitão tenente em 29 de outubro de 1854 (ordem n.º 263) sendo ministro o sr. visconde d'Athouguia; assumiu o commando do brigue *Pedro Nunes* por carta regia de 12 de setembro de 1857, sendo ministro o sr. visconde de Sá; como commandante d'este brigue fez as seguintes excursões e viagens:

No dia 21 de outubro de 1857 saiu a fazer o primeiro exercicio geral de artilheria, fundeando em frente de Caxias; voltou á amarração em 27 do mesmo mez.

A 19 de novembro foi para a Cova da Piedade fazer exercicios ao alvo até ao dia 2 de dezembro.

Saiu de Lisboa a 18 de janeiro de 1858 e foi navegar entre o Cabo da Rocha e Espichel, fazendo exercicios de panno. Recolhendo no dia 21, foi outra vez para a Cova da Piedade continuar os exercicios ao alvo até ao dia 1 de fevereiro.

Saiu em 19 de março de 1858 para Gibraltar, onde ancorou no dia 26; recolheu a 16 de abril, tendo sido promovido a capitão de fragata em 24 de março, sendo ministro o sr. visconde de Sá.

Deixando de commandar aquelle brigue, foi nomeado, por carta regia em 12 de junho de 1858, commandante da corveta *Bartholomeu Dias*, onde fez as viagens seguintes:

A 5 de outubro de 1858 saiu para a ilha da Madeira aonde chegou no dia 8. Em 27 do mesmo mez largou d'ali para a ilha Terceira e ahi fundeou no dia 30. Do 1.º de novembro até ao dia 13 navegou entre esta ilha e a do Fayal; fazendo-se de vela para Lisboa, entrou no Tejo no dia 17.

Foi promovido a capitão de mar e guerra em 9 de março de 1859.

Saiu em 10 de abril de 1859 para Southampton aonde chegou no dia 15, e recolheu a 7 de maio, conduzindo a seu bordo o principe George, noivo da serenissima infanta a sr.ª D. Maria Anna; tornando a repetir a viagem em 14 do mesmo mez, acompanhando os augustos conjuges. A 25 partiu para Anvers d'onde largou a 25 de junho para o Tamisa, e sahindo d'ali a 9 de julho, chegou a 19 d'este mesmo mez.

Saiu no dia 14 de setembro para Tanger, sendo commandante em chefe das corvetas *Bartholomeu Dias*, *Estephania* e *Sagres* aonde fundeou a 16 recolhendo d'esta viagem no dia 21 do mesmo mez.

No 1.º de março de 1860 foi para a cova da Piedade fazer exercicio ao alvo, voltando a corveta á sua amarração no dia 10.

Saiu no dia 1 de agosto com destino para Loanda, tocando na ilha de Cabo Verde, onde chegou no dia 31. Largou de Loanda no dia 14 de setembro, e entrou a barra de Lisboa em 15 do mez de outubro.

A 15 de abril de 1861, saiu de Lisboa para a ilha da Madeira, e de lá foi para Cadiz e Gibraltar, regressando ao Tejo no dia 13 de maio do mesmo anno.

Saiu para Southampton em 3 de agosto, em cujo porto entrou no dia 7. Foi buscar o principe Leopoldo, recolheu em 16 do mesmo mez.

Saiu em 4 de setembro fóra da barra para ir ao encontro d'el-rei o sr. D. Pedro v que voltava da sua visita á exposição industrial do Porto, e entrou, acompanhando-o, no dia seguinte.

A 18 do mesmo mez saiu para Southampton conduzindo a senhora infanta D. Antonia e seu augusto esposo aonde chegou no dia 22, partindo depois, em 26 de setembro, para Anvers e d'ali para o Tamisa. Regressou no vapor *Oneida* sendo já rei, deixando o commando da corveta *Bartholomeu Dias* no dia 9 de novembro de 1861.

*

Foram, alem das excursões, nem menos de onze as viagens que el-rei fez sujeito aos incommodos e obrigações do serviço como simples official, e assim passou em plena actividade parte da quadra da sua juventude, tendo sempre ás suas ordens o capitão de fragata Antonio Sergio de Sousa.

Por decreto de 19 de março de 1862 assumiu ainda o titulo de coronel de caçadores n.º 5, e o de Lanceiros n.º 2, cujas fardas usa.

Usa tambem as fardas de marechal do exercito, ..nirante, e é:

G. Cruz das ordens Portuguezas de Christo, Aviz, S. Thiago, da Conceição, e Torre Espada do valor Lealdade e Merito.

G. Cruz das ordens Brasileiras de Pedro I e do Cruzeiro do sul.

G. Cruz de Ernesto rei de Saxe Coburgo Gotta.

G. Cruz do Falcão branco de Saxe Weimar.

G. Cruz da corôa de Saxonia.

Cavalleiro da Annunciada de Italia.

Cavalleiro da Aguia Negra da Prussia.

Commendador da Aguia Vermelha da Prussia.

Cavalleiro do Tosão de oiro de Hespanha.

G. Cruz de S. Jorge e Guelfos de Hannover.

G. Cruz de Seraphins da Suecia.

G. Cruz da Legião de honra da França.

G. Cruz das ordens de St'Anna, S. Alexandre e S. Estanislau da Russia.

G. Cruz da Aguia branca da Polonia.

G. Cruz de St. Estevam da Austria.

G. Cruz de Leopoldo da Belgica.

G. Cruz de Leão das praias baixas, condecorado com a medalha de oiro de commandante em chefe das forças navaes na expedição da Africa em 1860.

Seja-nos, pois licito transcrever, não só por ser curiosa, mas por ser devida ao aprimorado engenho do sr. Rebello da Silva, a discripção do modo por que em Angola foi recebido o sr. D. Luiz em 1 de agosto de 1860.

«Clamam tão alto por todos nós as possessões ultramarinas, ricas em si mesmas, abençoadas de todos os beneficios, que a providencia a poucas liberalisou com mão tão larga, que a nosso ver fôra reprehensivel omissão o deixarmos de commemorar os jubilos, que a presença do infante dispertou, e que, segundo esperamos, o seu reinado confirmará de certo, estendendo um braço valedor áquellas remotas regiões, que suspiram por quem queira conhecel-as e possa ajudal-as.

«A corveta *Bartholomeu Dias* aportou a Loanda com vinte e nove dias de bonançosa navegação. Á noticia da sua chegada e do real hospede, que ia

receber, toda a cidade, mudada a usual tristesa nas galas e festejos da mais sincera alegria, póde dizer-se que acudiu ao caes e logares visinhos, inquieta e anciosa por ver o primeiro principe portuguez, que de tão longe vinha augurar-lhe mais felizes dias.

«Fecharam-se as repartições, embandeiraram-se espontaneamente os navios nacionaes de guerra e mercantes, e com elles embandeirou-se a corveta franceza *La Recherche*, que não quiz desmentir a cortezia do seu pavilhão em occasião de geral regosijo. O senhor D. Luiz saltou em terra ás nove horas da manhã do dia 9 de setembro no meio do cortejo formado pelo conselho do governo, camara municipal, corpo consular, corpo do commercio, empregados civis e militares, e por todos os cidadãos distinctos.

«No rosto juvenil do infante, tão parecido nas feições e na expressão da physionomia a sua mãe, a rainha D. Maria, luctavam os encontrados affectos, provocados pela novidade da scena e dos logares, pela idéa de tantas grandezas decahidas, e pelo legitimo orgulho de se julgar talvez fadado a reparal-as, continuando na aventurosa carreira, que mal sabia então, que cedo havia de encerrar-se para elle depois d'estas risonhas promessas.

«A voz das multidões repetiu por muito tempo a acclamação do nome do principe, e os cordiaes emboras á sua vinda, e unida ao estalar das numerosas girandolas, que subiam aos ares, annunciou que o irmão do rei de Portugal, o descendente de D. João II, de D. Manuel e de D. João IV, acabava de pizar aquellas praias, em que mãos victoriosas tinham erguido primeiro um dos eternos padrões ás nossas glorias navaes. As casas e varandas, que olhavam para as ruas por onde havia de passar o prestito, armadas de colchas de seda, e de estandartes, que a brisa desdobrava lentamente, matisavam o quadro pela variedade de suas côres, e com os adornos trajados pelas damas, que n'este dia povoavam as janellas de ordinario quasi sempre desertas.

«Offerecidas as chaves da cidade e depositadas pela camara municipal nas mãos do infante, depois de uma breve allocução, que elle agradeceu em concisas e urbanas phrazes, sua alteza encaminhou-se debaixo do pallio á igreja cathedral. Ás portas do templo estava-o aguardando o vigario capitular rodeado do cabido e da collegiada, de cruz alçada; e cumprida a costumada cerimonia religiosa de oscular o devoto crucifixo, apresentado sobre uma almofada de veludo, entrou o lusido cortejo na Sé, aonde assistiu á missa solemne e ao Te-Deum cantado em acção de graças pela feliz chegada do infante portuguez,

«Terminadas as funções do culto, o senhor D. Luiz, à cavallo, levando ao seu lado o governador geral, e seguido do chefe e mais officiaes do estado maior, e de uma força de cavallaria dirigiu-se ao palacio do governo, aonde ao meio dia se verificou a recepção official. Ahí o principe, cujo agrado lhe havia já captivado as vontades, desde que se achava no centro d'aquella população, tão leal e fervorosa no seu affecto, respondendo ao discurso recitado pelo presidente da camara em nome do municipio de Loanda e dos habitantes da provincia, rematou a conquista dos animos pela prudencia e discernimento da sua replica, na qual, inculcando as necessidades publicas da localidade, a que mais instava prover de prompto, assegurou aos vereadores e a todos os moradores em geral, que nunca se esqueceria d'este dia, um dos mais bellos da sua vida, nem da promessa, que lhes fazia de se lembrar, a fim de a favorecer, de uma terra, que só carecia da protecção e vigilancia da metropole para convalescer da sua prostração e competir com as mais invejadas colonias na riqueza do commercio e prosperidade da cultura.

«Ás cinco horas da tarde, ao levantar-se da mesa, onde lhe fôra servido um refresco sumptuoso, a benignidade da temperatura convidou o infante a não demorar para outra occasião a sua visita ao hospital da misericordia, do qual faz tambem parte o hos-

pital militar; e seguido dos funccionacios e das pessoas, que o estavam acompanhando, para lá se encaminhou a pé. Entrado nas enfermarias e nas diversas officinas, manifestou em todas a piedade do seu coração, e os mais vivos desejos, de que o estabelecimento podesse corresponder aos fins da sua instituição.

«Regressando depois ao palacio, e tornando a montar a cavallo, desceu á cidade baixa, e apeou-se á porta do *recolhimento pio de D. Pedro V*, que percorreu com a mesma benevola e esclarecida solicitude. Por fim desceu ao caes e despediu-se ali do conselho do governo, da camara, e das auctoridades, que não se separaram, em quanto o não viram metter no escaler e voltar ao seu navio.

«Um brinde generoso logo no seguinte dia veio avivar a grata presença do hospede, que Loanda festejava com tanto amor. O senhor D. Luiz offereceu sessenta libras para serem distribuidas pelos prezos pobres e pelas instituições de caridade. Foi a sua despedida aos infortunios e padecimentos, que a vista do irmão de el-rei começará a suavisar, e que humano por indole e educação, elle não soube contemplar sem se condoer profundamente.

«Pouco tempo podia conceder a esta excursão tão digna de um principe navegador, e tão util em si

mesma como testemunho e penhor do affectuoso cuidado, que a provincia de Angola deve merecer ao governo de Portugal. Quiz ao menos aproveital-o; e cortando pelas proprias commodidades, ainda mal repousado das fadigas da viagem para affrontar os ardores e os perigos do clima, voltou de novo a terra, mas quasi incognito, e prohibindo qualquer ostentação, com o intento de ver pelos seus olhos os quarteis militares e a fortaleza de S. Miguel. Encontrou em quasi todos ruinas, desamparo, e pobreza; e a melancolia do semblante, mais ainda que a das palavras, attestou o pesar que lhe causava o espectaculo d'esta assolação. Os males, filhos de antigas negligencias, e mais ainda da culpa dos acontecimentos, do que do erro de ministros e empregados incapazes de vencerem difficuldades, que se não debellam sem vigorosos esforços e uma serie de providencias dictadas pelo exacto conhecimento do estado e recursos das nossas possessões, teem-se ido agravando como succede sempre, com os annos, e hoje, mais do que nunca, o dilema aperta e urge imperiosamente por uma solução.

«Ser, ou não ser!» eis a unica e concisa significação de uma decadencia, a que não podemos, a que não devemos deixar de acudir sem arriscarmos com inercia indesculpavel a integridade d'aquelle solo tão extenso e tantas vezes regado do sangue portuguez, as tradições da nossa bandeira, hasteada

em triumpho n'aquellas ameias, que se desmoronam por si mesmas, e as grandesas, não phantasiadas, mas realisaveis, que a rainha da Africa occidental promette a quem não lhe adormecer ao lado descrente e fatigado antes de metter a mão na empresa, de que outros povos nos estão dando o exemplo, e de a enriquecermos, enriquecendo-nos com os fructos da industria e da civilisação.

«No dia 14 de setembro disse o senhor D. Luiz o ultimo adeus á cidade de Loanda, e às tres horas da tarde a corveta *Bartholomeu Dias* suspendia ancoras, e principiava a sua navegação para volver á patria no meio das salvas das fortalezas e navios de guerra nacionaes e estrangeiros, e da viva saudade dos habitantes, que seguiam com os olhos humidos o navio, que para tão longe lhes levava o principe, que tinham visto surgir no seu porto como uma esperança radiosa, e que se recolhia agora, coberto de bençãos, para ser no reino o protector, e o defensor dos grandes interesses, que suspiram desvalidos por mão poderosa, que os afague, dirija, e fortifique.»

Mostrou sempre o senhor D. Luiz os mais vivos desejos por engrandecer a arma a que a sua propenção o votára, porque reconhecia que Portugal necessitava de ter uma forte e bem organisada marinha para ser verdadeiramente independente, que era de

urgencia dar-lhe uma completa reorganisação, por isso tratava de tomar verdadeiros conhecimentos e idéas sãs sobre este assumpto: tarefa na verdade difficil, mas que, levada a cabo, muito cooperaria para regenerar o estado em que nos achamos; sendo alem d'isso uma grande protecção que tambem se ia dar á marinha mercante e á classe commercial, que de certo tomariam notavel desenvolvimento.

E que temos, pois, a esperar, visto que uma tão esclarecida intelligencia dirige actualmente os negocios d'aquelle ministerio? — Que brevemente se exponha ao parlamento, com a possivel franqueza, qual o estado da nossa marinha, que se apresentem as bases para a sua reorganisação, e que se peçam os meios precisos para a levar a effeito; que devem ser votados uma vez que se destinam a um serviço d'onde depende a prosperidade, gloria e verdadeira independencia d'esta nação.

Da historia tambem tinha o principe aprendido quanto vale uma bem organisada marinha de guerra a qualquer paiz.

Sabia — como a soberba Veneza fôra opulenta até que o desenvolvimento da India inutilisou as galés senhoras do Mediterraneo — como Lisboa foi (por intermedio de Amsterdam) o imperio da Europa até á sujeição de Castella — como a Hespanha toda na-

dou em oiro, e teve poderio, em quanto a *invencivel* armada não foi *vencida* — como a insignificante Hollanda impoz terror a nações poderosas, em quanto os Bátavos republicanos viveram menos nos seus pantanaes, que nos lenhos boiantes do Occeano — como finalmente a Grã Bretanhã devia ao senhorio do mar não só o seu auge de prosperidade; mas tambem o ter escapado á dominação do seculo [1].

O senhor D. Luiz, vigessimo quinto na serie dos monarchas de Portugal e unico no nome, cingiu a corôa na idade florente dos vinte e tres annos.

Quando uma cidade inteira procurava os templos, e fazia preces ao Altissimo pela conservação de uma vida, entre todas preciozissima; quando a morte cobria de luto os paços dos nossos reis, achava-se o senhor D. Luiz legitimo, successor da corôa portugueza, acompanhado do senhor infante D. João, na côrte do imperador dos francezes para assistir aos festejos de Compiègne.

Na noite de cinco de novembro estava para dar-se ali um baile, que não se realisou em consequencia de já se saber que se achava gravemente doente seu augusto irmão o senhor D. Fernando; e tão gravemente que no dia seguinte um telegramma expe-

[1] Elogio historico por um socio da Academia.

dido pelo ministro dos negocios estrangeiros ao visconde de Paiva veio annunciar a morte do infante.

O despacho enviado aos principes passou primeiro pelas mãos de Luiz Napoleão, que lhes occultou por momentos esta triste noticia; apezar d'isso immediatamente abandonaram Compiègne, e só depois da sua chegada a Paris é que lhes constou a morte de seu prezado irmão; saindo a sete para Calais, onde embarcaram para regressar ao seio da sua inconsolavel e desolada familia.

No dia onze pelas sete horas e um quarto da noite el-rei o sr. D. Pedro v, o principe illustrado e caritativo que fundava e dotava estabelecimentos para educação do povo e conforto dos necessitados e enfermos, tambem já não era d'esta vida, a enfermidade a peoria, a desconfiança, a morte, tudo foi n'um momento; e n'um momento tambem o paiz se achava sepultado na mais profunda e sentida magoa, cheio de tristeza e desolação.

Durante a ausencia d'el-rei o sr. D. Luiz, para que não houvesse a menor interrupção da acção governativa, entrou sua magestade o sr. D. Fernando, no dia onze de novembro de 1861, no exercicio da regencia d'este reino por convite do conselho d'estado.

Tres dias depois já se achava entre o seu povo o novo rei de Portugal.

Sua magestade el-rei o sr. D. Luiz I e seu augusto irmão, sua alteza o senhor infante D. João, desembarcaram em Belem no dia quatorze depois das oito horas da manhã, encontrando toda a população de Lisboa trajando crépes e vertendo lagrimas.

O caes e o largo de Belem estavam apinhoados de povo. Foi realmente uma scena pathetica e digna de se admirar, vêr a impressão que simultaneamente receberam o monarcha que desembarcava e o povo que o fôra esperar.

Nas manifestações dadas n'aquella tão solemne occasião ao joven rei havia um mixto inextricavel de sentimento e de alegria que fôra inutil tentar descrever. Era grande a satisfação pelo apparecimento dos principes que voltavam á patria, e grande tambem a saudade pela perda do moço rei que para sempre desapparecêra da terra.

A regencia entregou logo nas mãos do novo soberano o governo d'este reino, o qual immediatamente prestou juramento, e, empunhando o sceptro e occupando o throno, entrou na posse dos seus direitos hereditarios e manifestou os seus sentimentos politicos jurando a constituição e confirmando

o ministerio presidido pelo sr. marquez de Loulé.

O primeiro acto politico de sua magestade foi a seguinte

**Proclamação**

Portuguezes! Pelos decretos imperscrutaveis da Providencia Divina, e na conformidade das instituições politicas do reino, fui chamado a presidir aos destinos da nação.

A dolorosa surpreza que soffro pela perda immensa, que todos acabâmos de experimentar, consterna o meu coração. O paiz chora a morte do mais justo e illustrado dos soberanos, e eu derramo lagrimas sobre a sepultura do mais caro dos irmãos.

No desempenho da difficil missão que me é confiada procurarei seguir os nobres exemplos que me legou o virtuoso monarcha, tão prematuramente roubado á affeição do seu povo. Observar fielmente as instituições politicas do meu paiz é tão conforme á prescripção dos meus deveres, como ao dictame dos meus sentimentos. Em cumprimento da carta constitucional da monarchia — juro manter a religião catholica, apostolica romana, a integridade do reino, observar e fazer observar a constituição politica da nação portugueza e mais leis do reino, e prover ao bem geral da nação, quanto em mim couber.

Este juramento será por mim ractificado em breve na proxima reunião das côrtes geraes da nação portugueza.

Tenho resolvido que os actuaes ministros e secretarios d'estado continuem no exercicio das suas funcções.

Paço de Belem, em 14 de novembro de 1861 — REI. — *Marquez de Loulé — Alberto Antonio de Moraes Carvalho — Antonio José d'Avila — Visconde de Sá da Bandeira — Carlos Bento da Silva — Thiago Augusto Velloso de Horta.*

Nota-se n'esta immeditada resolução do novel rei, que os seus actos hão de ser sempre calculados e medidos pela bitola da moderação, e que, apesar de novo no officio, não deixou de ter em vista o bem estar de seus concidadãos. Este seu primeiro acto, esta sua primeira impressão, significam que o seu reinado perpetua as tendencias generosas do que o precedeu, offerecendo ao mesmo tempo o exemplo do verdadeiro rei constitucional com todo o realce e prestigio, tendo assim a fortuna e o engenho de tornar-se estimado do povo, merecendo-lhe confiança.

É muito para admirar como o fogo enthusiastico, que a mocidade inspira, se lhe transformou logo na

fria reflexão da idade madura, e como amoldou o seu genio alegre e folgasão ás conveniencias de tão alta posição.

Elevou sua magestade, em sete de dezembro, á cathegoria de condestavel do reino ao sr. infante D. João, de gloriosa memoria, como se vê da carta regia seguinte:

« Serenissimo infante D. João Maria Fernando Pedro de Alcantara Miguel Rafael Gabriel Leopoldo Carlos Antonio Gregorio Francisco de Assis Borja Gonzaga Felix de Bragança e Bourbon Saxe Cobourg Gotha, Duque de Beja, gran-cruz das tres ordens militares de Nosso Senhor Jesu-Christo, S. Bento de Aviz e S. Thiago da Espada, e da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada do valor, lealdade e merito, meu sobre todos muito amado e prezado irmão. Eu D. Luiz, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc., envio muito saudar a vossa alteza real como áquelle que muito amo e prezo.

«Desejando por occasião da proxima inauguração do meu reinado dar a vossa alteza real um solemne testimunho do fraternal affecto e amisade que consagro a vossa alteza real, e do subido apreço em que tenho as suas distinctas qualidades e o nobre desvélo com que vossa alteza real ha procurado

dentro e fóra do paiz satisfazer ás obrigações do seu alto nascimento; e considerando que o titulo e dignidade de condestavel do reino, fazendo recordar as épocas mais gloriosas da monarchia portugueza, e os illustres feitos e preclaras virtudes religiosas e civis dos reaes ascedentes da casa de Bragança, desde o grande e santo condestavel D. Nuno Alvares Pereira, não póde deixar de alimentar no coração de vossa alteza real o sagrado amor da patria e o intenso desejo de imitar sempre, em sustentação dos principios constitucionaes e da independencia d'este paiz, as acções heroicas dos principes portuguezes que mais se interessaram pela prosperidade e gloria nacional: hei por bem e me apraz conferir a vossa alteza real o titulo e dignidade de condestavel do reino, cujas funcções vossa alteza real exercerá nos actos publicos e solemnes, como é de uso e estylo, e pela maneira por que as exerceram os principes e infantes da real casa de Bragança, gosando de todas as preeminencias e prerogativas que em tal qualidade competirem a vossa alteza real.

«Serenissimo infante D. João Maria Fernando Pedro de Alcantara Miguel Rafael Gabriel Leopoldo Carlos Antonio Gregorio Francisco de Assis Borja Gonzaga Felix de Bragança e Borbon Saxe Cobourg Gotha, duque de Beja, gram-cruz das tres ordens militares de Nosso Senhor Jesu-Christo, S. Bento de Aviz e S. Thiago da Espada, e da antiga e muito

nobre ordem da Torre e Espada do valor, lealdade e merito, meu sobre todos muito amado e prezado irmão. Nosso Senhor haja a augusta pessoa de vossa alteza real em sua continua guarda.

« Escripta no paço de Belem, em 7 de dezembro de 1861. = De vossa alteza real extremoso irmão = LUIZ. = *Marquez de Loulé.*»

Nomeou tambem para seus ajudantes, cavalheiros respeitaveis. O sceptro e a corôa não lhe fizeram esquecer os seus preteritos camaradas; não valeram empenhos, escolheu d'entre elles, tres que mais queria e que mais se faziam recommendar pelo seu saber, porte e qualidades, o que tudo sua magestade teve occasião de apreciar no trato que com elles fez em algumas viagens; note-se, porém, que não são altas patentes, e que dois ainda se acham no verdor da idade: reverta esta observação em abono do maduro pensar do senhor D. Luiz, que tambem se sabe identificar com o espirito e as tendencias do seculo. O sr. Antonio Sergio de Sousa, é capitão de mar e guerra, e os srs. Antonio de Sampaio Pina de Brederode, e Carlos Augusto de Sousa Folque Possollo, são segundos tenentes da armada.

Chegou o dia decretado para a acclamação, e para que a alegria dos povos correspondesse á festividade

do acto concedeu-se que se despisse o luto e que todos trajassem galas.

O ceremonial da inauguração do reinado de sua magestade el-rei o senhor D. Luiz I teve logar no dia 22 de dezembro de 1861. Foi annunciado ao nascer do sol por uma salva de artilheria em todas as fortalezas de mar e de terra e navios do estado.

A celebração d'esta solemnidade que se fez com a pompa e ceremonial dignos do acto, effectuou-se n'este mesmo dia, que foi considerado de gala, pelas onze horas da manhã, em sessão real extraordinaria das cortes geraes da nação portugueza, reunidas ambas as camaras na sala das sessões dos senhores deputados, no palacio das côrtes, sob a direcção do presidente da camara dos dignos pares do reino.

Este acontecimento politico foi saudado por todos os portuguezes com testemunhos de affectuosa dedicação e demonstrações de respeitoso acatamento, o que cooperou para dar mais tocante realce á allocução que o sr. D. Luiz pronunciou no seio da representação nacional.

Eis o discurso que sua magestade fidelissima dirigiu á assembléa:

«Dignos pares do reino e senhores deputados da

nação portugueza. — Chamado inesperadamente a reger os destinos da nação portugueza, aprecio do fundo do meu coração a circumstancia solemne de me encontrar no meio da representação nacional.

«Ao povo portuguez, que aprendi a amar desde a mais tenra infancia, dedicarei toda a minha solicitude, a fim de concorrer, quanto em mim caiba, para lhe assegurar o grau de prosperidade de que é tão digno. Seguirei com empenho os nobres exemplos que me deixou um irmão querido, cuja falta dolorosa tão profundamente sentimos. A saudade que a todos nos inspira o fatal acontecimento que deplorâmos, sendo o mais honroso testemunho consagrado á memoria de el-rei o senhor D. Pedro v, é ao mesmo tempo o mais forte estimulo para que todos procuremos, como elle, cumprir os deveres que nos incumbem.

«A el-rei, meu augusto pae, tributo n'esta occasião todo o reconhecimento pela dedicação com que, nas mais dolorosas circumstancias, acceitou a regencia d'estes reinos durante a minha curta ausencia. É mais uma prova que eu e a nação recebemos do seu zelo e boa vontade.

«Este povo, a que tenho a honra de presidir, é um povo illustrado e digno, pelo amor ás instituições constitucionaes, de occupar um logar distincto

entre as nações mais cultas. O apoio que elle tem sabido prestar a todas as idéas de civilisação, demonstra que o seu destino não póde deixar de corresponder aos vivos desejos de todos os portuguezes.

«O juramento que acabo de prestar exprime sinceramente os sentimentos do meu coração. A observancia fiel das instituições que temos a fortuna de possuir assegura-nos a tranquillidade do presente, e promette-nos a prosperidade do futuro. Permitta Deus Todo Poderoso que o reinado que começa possa merecer as bençãos do céo e as sympathias nacionaes.

«Muito espero da illustrada cooperação dos representantes da nação a favor dos interesses publicos, facilitando-me assim o desempenho da missão que me foi confiada. A gratidão do povo portuguez, digno objecto da mais elevada ambição, será a justa recompensa de tão nobre solicitude.»

Terminado o real discurso, tendo o alferes mór do reino desenrolado a bandeira real, o ex.$^{mo}$ presidente das côrtes geraes, dirigindo-se respeitosamente ao throno, leu o seguinte discurso:

«Senhor.—O apreço que faz o rei de se encontrar no meio da representação nacional foi sempre considerado pelos portuguezes como uma garantia de ordem e de paz.

« Esta garantia sobe porém de valor quando vossa magestade do alto de sou throno, e em occasião tão solemne, nos promette toda a sua real solicitude para levar este paiz ao grau de prosperidade de que o julga digno; e quando nos affiança que seguirá os nobres exemplos de seu augusto irmão o senhor D. Pedro v,

« Estes exemplos, em que vemos reunidas todas as virtudes do perfeito rei constitucional e do bom cidadão, hão de ser para todos nós o mais poderoso incentivo para o fiel cumprimento dos nossos deveres.

« Á memoria pois do senhor D. Pedro v os dois corpos legislativos, não obstante a gala d'este dia, não podem deixar de acrescentar, na expansão do sentimento geral, mais um tributo de amor e de saudade.

« Ás expressões de reconhecimento que vossa magestade consagra a seu augusto pae el-rei o senhor D. Fernando II, pela dedicação com que aceitou a regencia d'estes reinos, durante a ausencia de vossa magestade, juntam as duas camaras os votos de sua mais extremada gratidão, e os protestos de que nunca se esquecerão do grande sacrificio com que sua magestade, vencendo os affectos de pae que o dilaceravam, se prestou ao serviço do paiz n'uma

das crises mais graves e afflictivas por que este tem passado.

« Se vossa magestade julga que o amor que o povo portuguez tem ás garantias constitucionaes o tornam merecedor de occupar um logar distincto entre as nações mais cultas; se o apoio por elle prestado a todas as idéas de civilisação lhe assegura a sua futura prosperidade; muito prazer sentem os representantes da nação, confessando que todo esse arduo empenho teria sido mallogrado sem o esforço do coração e do braço do seu augusto avô o senhor D. Pedro IV, e sem as inclitas virtudes dos seus illustres descendentes.

« O juramento que vossa magestade acaba de prestar, pela sua significação religiosa e como a expressão sincera dos sentimentos do seu real coração, é o forte vinculo que ha de ligar ao throno todos os portuguezes. E as nobres e elevadas qualidades que vossa magestade tem patenteado desde a mais tenr a edade, captivando de ha muito as sympathias publicas, dão-nos a esperança de que o Todo Poderoso abençoará o reinado de vossa magestade.

«Os pares do reino e os deputados da nação, observando fielmente as instituições que temos a fortuna de possuir, cumprirão quanto em suas forças couber o grato dever de auxiliar a vossa magestade no des-

empenho da sua alta missão, e se darão por bem galardoados se merecerem a approvação de vossa magestade e a do paiz.»

Em seguida o mencionado presidente, em alta voz e por tres vezes, acclamou ao muito alto, muito poderoso e fidelissimo Rei de Portugal o sr. D. Luiz I, a cuja acclamação correspondeu a assembléa e todos os espectadores, dando as mais significativas demonstrações de jubilo e contentamento.

Concluido o acto da real acclamação perante as côrtes geraes, o alferes mór do reino, fazendo a devida reverencia a Sua Magestade, desceu do degrau do throno com a real bandeira desenrolada, e com os reis d'armas de Portugal, os porteiros da canna e maça, arautos e passavantes, passou á varanda central d'este palacio a annunciar, na conformidade do real programma, a acclamação de sua magestade fidelissima el-rei o senhor D. Luiz I. Depois de alguma demora, voltando á sala aquelles funccionarios, e achando-se na devida ordem o prestito, seguiram para o templo de S. Domingos onde teve logar um solemne *Te Deum Laudamus* em acções de graças pela inauguração do novo reinado.

Ás duas horas da tarde o troar do canhão novamente annunciava que el-rei de Portugal entrava no pavilhão real, que se tinha armado na Praça do Com-

mercio, para receber da camara municipal as chaves da cidade.

Querendo o sr. D. Luîz solemnisar a epoca da sua real acclamação com um acto de clemencia, tão ampla quanto fosse compativel com a segurança commum e com a disciplina do exercito; amnistiou varios crimes, e perdoou outros, promulgando para este fim o decreto de 12 de fevereiro de 1862.

Depois da solemne festa de acclamação, que o foi de verdadeiro regosijo e contentamento, reverdeceu a dôr publica em consequencia da enfermidade de sua alteza o sr. infante D. João.

O povo portuguez, cuja dedicação á familia reinante é decidida e estavel, deixou-se dominar repentinamente pela magoa, dando ouvidos a boatos absurdos, que não tinham nenhuma razão de ser; mas a sensatez que o distingue e de que tem dado sobejas provas em occasiões extraordinarias depressa conseguiu debellar essas falsas impressões.

O senhor infante D. João estava destinado para ser a ultima victima da fatal enfermidade que já havia eclipsado um rei e dois principes.

Os inevitaveis progressos da doença que accommetteu este infante digno, a todos os respeitos do

amor que lhe era dedicado, fôram tão rapidos, que a sciencia, apesar de todos os seus esforços, não pôde vencer, e no dia 26 de dezembro pelas 8 horas da noite, deu sua alteza real a alma a Deus, contando apenas dezenove annos, nove mezes e quatorze dias de edade.

O senhor infante D. João era o quarto duque de Beja, duque de Saxe Coburgo Gotha, condestavel do reino, tinha sido major de cavallaria n.º 4 e ultimamente era coronel do regimento de lanceiros n.º 2.

Era grã-cruz e alferes das ordens de Nosso Senhor Jesu-Christo, de S. Bento de Avis e de S. Thiago da Espada, e grã-cruz de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

No dia 30 do dito mez os restos mortaes do moço principe, foram conduzidos para a egreja dos Jeronymos onde ficaram em deposito até serem trasladados para o real jazigo de S. Vicente.

Sua magestade el-rei o sr. D. Luiz approveitou o dia 29 de abril, anniversario da outhorga da carta constitucional, para declarar ás deputações de ambas as camaras que tinha resolvido escolher esposa, que se não demoraram em manifestar a el-rei o regosijo de que estavam possuidas pela fausta noticia do casamento do seu soberano.

As allocucões que as duas camaras dirigiram a sua magestade são as seguintes:

### Da camara dos dignos pares do reino

«Senhor. — Contâmos já trinta e seis annos desde que o avô de vossa magestade, o immortal D. Pedro IV, realisou as aspirações d'este povo generoso, manifestadas mais ou menos vehementemente quasi desde o principio d'este seculo.

As circumstancias em que lhe adveiu a corôa dos seus maiores eram novas na historia das nações, e assim tambem o foram os acontecimentos que se seguiram, até que o braço do guerreiro sanccionou a obra de legislador.

A obra ahi está, senhor! e tão bem cimentada foi ella, que a sorte adversa, que abreviou os dias da melhor das rainhas e do melhor dos reis, não tem podido abalal-a.

O glorioso anniversario da outhorga da carta constitucional foi sempre saudado entre nós com effusão de piedosos sentimentos: sel-o-ha hoje tambem por todos os amigos da patria, que aquella preciosa dadiva emancipou.

A camara dos pares felicitando o rei e a real fa-

milia por este anniversario, não faz mais do que associar-se aos votos de gratidão de toda a nação portugueza, e ás esperanças que toda ella deposita no feliz reinado de vossa magestade. »

### Resposta de sua magestade

«Agradeço á camara dos dignos pares do reino a expressão dos seus sentimentos de dedicação pelo throno e pelas instituições symbolisadas na carta constitucional, cuja outhorga commemoramos n'este dia. Comprazo-me extremamente em ouvir o testemunho de respeitosa gratidão prestada pela camara dos dignos pares á memoria d'aquelle principe illustre, cujo nome glorioso ficou para sempre vinculado á monarchia constitucional e á historia das liberdades nacionaes.

O desejo de contribuir pela minha parte para a consolidação e segurança das instituições ligadas essencialmente á corôa constitucional é, tem sido e será sempre o meu mais fervoroso desejo.

A camara dos dignos pares ouvirá, pois, de certo com jubilo as palavras em que lhe annuncio a minha intenção de eleger uma esposa, que, assegurando a minha felicidade domestica, mereça, pelas suas qualidades e virtudes, o sympathico respeito da nação. »

### Da camara dos senhores deputados da nação portugueza

«Senhor.—Ha trinta e seis annos que sua magestade imperial o senhor D. Pedro IV, o grande legislador, outhorgou aos portuguezes a carta constitucional, que felizmente nos rege.

Este acto espontaneo, inspirado pelo espirito elevado, previdente e philantropico do grande monarcha, firmou a alliança indissoluvel da liberdade com a realeza. Nem a acção corrosiva do tempo, nem a mão sacrilega do homem no desvario de suas paixões ambiciosas, tem sido assás poderosa para nem sequer abalar esse venerando monumento.

Progredindo sempre na carreira da civilisação no desenvolvimento de sua prosperidade, a nação tem encontrado constantemente no throno a melhor garantia da liberdade, assim como o throno tem encontrado na liberdade a sua mais segura e solida garantia.

Vossa magestade honrando a memoria d'este dia, testemunha á nação o seu firme proposito de manter incolume esse penhor sagrado de nossos mais caros interesses; e a nação que aqui nos envia perante vossa magestade, como seus legitimos representantes, exulta e felicita-se com vossa magestade

na esperança do mais lisongeiro porvir; e pede ao céo que abençoe o seu reinado e prolongue a sua preciosa vida por dilatados annos. »

### Resposta de sua magestade

« N'um dia tão solemne e tão fausto para o throno e para a nação, n'um dia em que se commemora o principio d'este glorioso periodo em que se lançaram os fundamentos da alliança sincera entre a coroa e o paiz, entre a dynastia constitucional e as liberdades publicas, é para mim em extremo agradavel ouvir as palavras, com que a camara dos senhores deputados vem significar-me a sua dedicação á minha pessoa e familia, e o seu amor á monarchia representativa.

Os interesses e a prosperidade da nação, cujos destinos a Providencia me confiou, serão sempre o objecto de mais constantes desvellos; e annunciando eu á camara dos senhores deputados a intenção, em que estou, de escolher uma esposa digna da corôa de Portugal e do proprio paiz, persuado-me de que respondo assim a um dos mais ardentes desejos do povo portuguez.

Tenho a lisongeira esperança de que a Providencia se dignará de abençoar a dynastia e a nação; e de que, depois das provações e adversidades, virão

dias de bonança em que possamos colher, no seio da paz e da civilisação, todos os fructos das nossas instituições politicas. »

A camara municipal, como representante do povo de Lisboa, tambem patenteou os seus sentimentos pelo feliz consorcio de sua magestade.

### Da camara municipal de Lisboa

«Senhor. — A camara municipal de Lisboa apresenta-se hoje n'este recinto para ratificar mais uma vez os protestos do seu profundo respeito, acatamento e fidelidade que consagra a vossa magestade e a toda a real familia. O dia 29 de abril recorda á nação portugueza os altos feitos do augusto avô de vossa magestade, que espontaneamente concedeu a liberdade a um povo que se tornou digno d'ella, por isso que com heroismo, que nunca poderá ser excedido, tem sabido sustentar a dadiva generosa de um magnanimo principe que abdicou duas corôas para manter illeso aquelle venerando codigo.

A camara, dando hoje os parabens a vossa magestade por tão fausto anniversario, tem a convicção de que os acceitará com a sua bondade usual, acreditando na sinceridade com que o povo de Lisboa festeja este dia, como o primeiro que lhe re-

corda o começo de uma nova era de progresso e civilisação de uma nação outr'ora tão feliz e respeitada nas quatro partes do mundo.

A camara, ecco fiel dos sentimentos do municipio que representa, vem cheia de prazer patenteal-os a vossa magestade, confiando que os receberá benevolamente, acreditando na fidelidade constante de um povo que jamais deixou de amar ao seu rei e á sua patria.

Deus prospere e dilate por muitos annos a augusta pessoa de vossa magestade, de seu extremoso e excelso pae, e do serenissimo senhor infante D. Augusto.»

**Resposta de sua magestade**

«Ouvi com a maior satisfação as palavras com que a camara municipal de Lisboa me offerece as suas congratulações pelo anniversario da outhorga da carta constitucional e os protestos da sua veneração ao throno e á familia real.

Receba a camara municipal, como representante do povo de Lisboa, a expressão cordial do apreço em que tenho as nunca desmentidas provas da sua lealdade á dynastia, e do seu respeito ás instituições politicas do paiz.»

A camara municipal da invicta cidade do Porto dirigiu igualmente a sua magestade el-rei as mais gratas e lisongeiras expressões de sympathia e contentamento pela acertada escolha que o sr. D. Luiz fizera da filha do rei Victor Manuel para rainha de Portugal.

### Ministerio dos Negocios do Reino

Foi presente a sua magestade el-rei a felicitação que a camara municipal da invicta cidade do Porto lhe dirigiu, em data de 7 de agosto corrente, pelo fausto motivo do annunciado consorcio do mesmo augusto senhor com a princeza Maria Pia; e em resposta manda sua magestade significar á mencionada camara, que lhe foram gratas as expressões de veneração e respeitosa homenagem que ella tributa á futura rainha de Portugal, a virtuosa filha do rei Victor Manuel, neta do grande monarcha Carlos Alberto, que nas provações do seu infortunio encontrou nos honrados portuenses, a par do mais desvelado interesse, a mais esmerada sympathia.

Sua magestade, confiando em que a escolha que fez, contribuirá não só para a sua felicidade, mas para a ventura d'este paiz, que já antevê as prosperidades de tão auspicioso enlace, folga de reconhecer que a camara municipal do Porto, fiel ás tradições do brioso povo que representa, une as expressões

da sua alegria ás do paiz inteiro, por um acontecimento que ha de estreitar os antigos laços que prendem as duas dynastias e os dois povos, tão dignos de serem irmãos.

Paço da Ajuda, em 13 de agosto de 1861.—*Anselmo José Braamcamp.*

**Felicitação a que se refere a portaria supra**

«Senhor.—A camara municipal da antiga, muito nobre, sempre leal e invicta cidade do Porto, interprete dos sentimentos de acrisolado amor e lealdade que os povos d'este concelho tributam á augusta pessoa de vossa magestade, não póde deixar de levar á presença de vossa magestade, emquanto o não póde fazer por meio de uma deputação sua, a homenagem do seu mais profundo respeito e acatamento e as suas sinceras e leaes felicitações pelo auspicioso consorcio de vossa magestade com a augusta princeza a sr.ª D. Maria Pia, filha do muito virtuoso rei Victor Manuel, e neta do excelso monarcha Carlos Alberto, a quem esta cidade deveu a honra de ser escolhida para seu domicilio, depois do infortunio de Novara.

A cidade do Porto, que é sempre das primeiras a interessar-se em tudo o que póde glorificar as quinas portuguezas, e concorrer para o maior explendor do

throno constitucional, identificada com a augusta dynastia de vossa magestade na escolha que lhe aprouve fazer da augusta princeza de Saboya, a quem adornam as mais singulares virtudes e a esmerada educação de uma côrte que justamente gosa da veneração da Europa inteira, quiz augmentar o extenso catalogo das virtuosas rainhas de Portugal, e assegurar-nos, na successão da corôa, a continuação das virtudes domesticas que sempre distinguiram a preclarissima dynastia reinante, cujas tradições gloriosas vossa magestade dignamente representa para ventura dos povos que a Divina Providencia confiou aos paternaes cuidados de vossa magestade, que por suas preciosas qualidades e os mais brilhantes dotes do espirito ha conquistado o amor e veneração dos povos e a admiração dos estranhos.

A camara, felicitando a vossa magestade pelo fausto acontecimento que se annuncia, e que deixa antever no futuro uma aurora de paz, civilisação e progresso para este paiz, roga a vossa magestade se digne aceitar com benevolencia esta sincera manifestação de jubilo e os protestos de sua fidelidade e respeito pela augusta pessoa de vossa magestade.

Deus guarde a preciosa vida de vossa magestade por dilatados annos como todos havemos mister. Porto e paços do concelho, 7 de agosto de 1862. — O presidente, *Visconde de Lagoaça* — *Visconde*

*de Pereira Machado — Joaquim Ribeiro de Faria Guimarães — Alexandre Soares Pinto de Andrade — Antonio Wenceslau da Costa Dourado — Joaquim José de Figueiredo — Raymundo Joaquim Martins — Arnaldo Ribeiro Barbosa — José Carlos Lopes.* »

Os sentimentos de amor, de fidelidade e de respeito que os portuguezes testimunharam em todos os tempos aos seus soberanos, apparecem agora com vigorosa energia no contentamento que todos mostram pela successão que lhes segura a felicidade que se deve gozar sempre sob o governo da augusta familia que nos rege.

Todos os cidadãos se apressam á porfia a dar prôvas da alegria de que estão compenetrados pelo feliz consorcio do seu monarcha, porque elle é o primeiro que se interessa na felicidade geral de seus súbditos.

Fervoroso em instruir-se, a leitura é um dos seus melhores passatempos, e possue um vasto conhecimento dos auctores nacionaes e estrangeiros. Não passava dos treze annos quando já dava individual razão de muitos livros, occupação a que sempre se dedicou, e com que antecipadamente se consummou homem. Victor Hugo tem sido um dos poetas de sua maior paixão, e não se contenta de o lêr a miudo

e conservar versos de cór, como tem traduzido d'elle muitas poesias com grande felicidade.

A educação do rei actual realçou do mesmo modo como a de todos os filhos da sr.ª D. Maria II: é a obra mais bella e desvellada dos seus extremos de mãe e de soberana. A illustre memoria d'esta rainha ha de ser sempre saudosa nos fastos de Portugal, porque foi ornada de todas as virtudes que levam a alma a ser coroada na eternidade.

Só a filha de D. Pedro. Só outra rainha mulher e mãe como ella admiravel, exemplo de princezas e tambem de virtudes, podia tornar-se tão querida da saudade popular. Educou seus filhos na pratica das melhores acções, dando-lhes com ellas mais alto nascimento, e dispertando-lhes o amor ás lettras e ás sciencias, e sairam em um e outro estudo tão insignes, que teem merecido os louvores de eminentes talentos.

Mestres habeis, escolhidos com summa penetração, e honrosamente abonados pelos seus escriptos, persuadiram-lhe a necessidade de se distinguir não só pelo berço como pelas luzes do espirito e qualidades do coração.

As primeiras noções de leitura, calligraphia e

lingua franceza foram administradas a el-rei por sua augusta mãe.

O conselheiro Carlos Dietz dirigiu durante os primeiros annos a sua educação; depois esta missão foi encarregada ao exm.º visconde da Carreira e ao conselheiro Moreira. Leccionaram a el-rei os seguintes professores:

*Musica.* — M. Innocencio dos Santos.

*Desenho.* — Manoel Antonio da Fonseca.

*Esgrima.* — Henry Petit.

*Inglez.* — Gravelly.

*Latinidade.* — Francisco Antonio Martins Bastos.

*Humanidades.* — O conselheiro Viale.

*Gymnastica e Allemão.* — A. H. Roeder.

Das sciencias mathematicas foi o sr. conselheiro Filippe Folque o seu preceptor. É o decano dos nossos homens scientificos. Junta á sua elevada sabedoria, ser um soldado valoroso, um prudente politico e quasi ascetico despresador das galas do mundo. Nunca se entregou ao puro ocio e o res-

tante de seus dias, depois de dar justo e integerrimo cumprimento aos seus deveres, passa-os no gabinete, procurando ainda tirar vantagem no estudo das sciencias naturaes e positivas.

O reinado do sr. D. Luiz I, deve, pois, ligar as glorias d'esse tempo que passou das conquistas, das viagens e das descobertas, ás das lettras e das sciencias, das artes e das industrias, e ás dos talentos e da civilisação.

Os artistas e homens de saber disputam a verdadeira attenção do joven rei que considera irmãas inseparaveis, as artes e as lettras; por isso entende que a protecção que se deve dar tanto a uns como a outros é precisamente a mesma. E na verdade que differença ha entre Miguel Angelo e Dante? A de terem apresentado seus pensamentos um por meio do pincel, e o outro por meio da rima.

Um dos mais celebres poetas d'este seculo, o sr. visconde d'Almeida Garrett, disse:

«A sciencia, a arte de governar, que hoje chamamos politica, teve sempre por alliadas intimas e indispensaveis as lettras e as artes: é impotente sem ellas, são repugnantes e odiosos os seus esforços quando os não acompanham e suavisam aquellas. É preciso emendar os homens, alterar as suas institui-

ções, corrigir os seus erros, devassar de suas malfeitorias, torcer suas propensões viciosas?... Deixae a politica só, a executar, por seus unicos meios, esta grande tarefa, e vereis os crimes, as atrocidades que é forçada a commetter, as resistencias que acha, as difficuldades que duramente corta e tenazmente lhe renascem, os odios que suscita, e a cançada desanimação com que por fim, gasta em suas proprias fadigas, cáe desalentada e convencida de sua impotencia nas primeiras jornadas do caminho que encetou com tão nobres tenções, mas em que não podia caminhar só.

«De sua natureza é dura e aspera a machina da governação, e tanto maiores são as resistencias que encontra quanto é mais recto o seu trabalhar: tende e caminha á civilisação, mas não civilisa ella. A politica exige perfeição nos homens, mas não os sabe aperfeiçoar; demanda virtudes no coração, enthusiasmo no sangue, clareza no cerebro, esforço no braço, e nenhum d'estes predicados póde dar a sua acção directa; preciza-os, gasta-os, consome-os; devora, como o minotauro, estas bellezas da perfeição humana, e não as póde gerar nem cultivar ella. O seu alimento é mister que lh'o produzam, que lh'o ministrem outros. É a abelha mestra do enxame; não vive sem mel, não governa, não reina sem mel, e não pode ir buscal-o ás flores do prado, e não o sabe fabricar ainda que lh'o tragam.

«D'aqui a necessaria, a indissoluvel alliança de toda a politica com a litteratura e com as artes, sem a qual a civilisação é impossivel, o progresso falso e os fins da sociedade humana frustrados. D'aqui vem que nenhum principe ainda foi grande e glorioso, nenhuma republica feliz, nenhum povo livre devéras, se esta alliança não foi perfeita — e decaíram os maiores estados, e vieram á servidão as mais livres nações onde quer que o poder, de alliado se fez tyranno, e opprimiu, ou — o que ainda é peior — desprezou as suas auxiliares.

«D'aqui, no modo de ser das nações actuaes, a formação das academias e sociedades litterarias e artisticas que todos os governos illustrados — e ainda os que só fingem sel-o — teem sempre fomentado, protegido e honrado.

«O espirito de associação caracteristico da sociedade moderna desde que começou a reagir do feudalismo para o governo da egualdade, logo junctou na hansa da republica das lettras todos os elementos, todos os meios, todos os poderes civilisadores que, mais dispersos e mais raros ao começar, por essa mesma juncção que lhe dobrou a força, se dilataram e augmentaram ao ponto que hoje vemos por toda a superficie do globo civilisado, em cujos limites nós queremos e havemos de estar legitimamente — tenho confiança em Deus! — apesar dos es-

torvos e difficuldades que por toda a parte encontramos.

«E não quebra esta alliança na independencia da republica litteraria, antes a fortifica fertilizando-a. Como as grandes associações de riqueza material, cujos montes de oiro seriam fracamente productivos se não negociassem com o governo, porque só o grande consummo do estado pode dar emprego a tamanhos cabedaes: assim são as academias, bancos de riqueza intellectual, cujos vastos depositos precisam ser explorados e negociados em grande, para darem cento por um como o talento da parabola.

«Triste e mesquinha arrogancia de barbaros a d'aquelles governos, a d'aquelles pretendidos homens d'estado que despresaram a ajuda das artes, e quizeram construir os muros de Thebas sem o auxilio da lyra d'Amphion! Triste e mesquinho ciume de falsos litteratos os que recusaram associar-se com os ministros da potencia civil, e desprezaram o auxilio do homem d'estado, do homem d'espada, do homem da industria na edificação do grande templo em que tanto é preciso o trabalho do escriptor como o do artista e do estadista, como o do general e do industrial.

«O poder é nullo sem a intelligencia; a intelligen-

cia é fraca sem o poder. Reunidos, a sociedade progride; isolados, é a revolução.»

É para notar como o sr. D. Luiz conhece a importancia da missão que a Providencia lhe confiou, é para admirar como a razão se lhe adiantou á edade, como tem aprendido da naturesa como homem e da experiencia como prudente, não podendo, pois, encaminhar-se senão para o bem porque caminha á luz da verdade.

A tranquillidade que ora se lhe divisa não é filha de um caracter impassivel, mas da consciencia de sua força; tem sabido sujeitar o seu natural á energia de sua vontade: progride nos seus fins sem grande agitação e raras vezes muda da primitiva impressão. É um rei que impera sobre muitos, e rei que impera sobre si, o que o torna duas vezes rei.

Quanto mais popular e menos apparatoso apparece qualquer monarcha, tanto mais seguro terá o seu throno; e tanto mais solidas serão as bazes d'este, quanto mais fundos alicerces tiverem no coração e no amor de todos os subditos.

Pedro Grande nunca se fez tão grande e tão querido dos russos, como quando trabalhava no estaleiro e passava por todos os postos do exercito ao gráu de general.

Augusto no meio da immensa magestade do imperio romano, não deixava de ser Augusto quando se sentava ao pé de Virgilio e Horacio, de Mecenas e Agrippa.

Para el-rei o Senhor D. Luiz se tornar merecedor da amisade de uma nação que mira ao progresso e preza a sua liberdade, basta saber que além das provas de affecto e de dedicação que manifesta por ella, o joven rei se mostra estranho ao embate dos partidos, e que procura caminhar d'accordo com as indicações da opinião publica; na alta esphera dos seus deveres, comprehendeu bem qual era a missão de um rei constitucional, extranho ás lutas que dividem o paiz em campos partidarios.

A princeza que sua magestade escolhêra para esposa e futura rainha de Portugal, é filha d'um rei, escusado era dizel-o, catholico, e d'uma rainha a quem o povo italiano chamava a santa. As suas tradições de familia, a sua esmerada educação religiosa, os seus já provados sentimentos de piedade e caridade christã, tudo persuade que a escolha fôra acertada.

Entretanto alguem tem pretendido proclamar, no tribunal da opinião publica, este enlace da dynastia de Bragança como uma grande desventura para este paiz! Todos, porém, reconhecem que n'esta

tentativa não ha senão uma baixa politica a explorar o sentimento religioso em proveito do despotismo e contra os direitos liberaes.

Victor Manuel é tão firme no respeito devido ao chefe da egreja, como no respeito devido á magestade das nações. A historia politica da actual questão italiana é que ha-de ser o melhor testemunho da sua religião, do seu zelo e do seu amor á patria.

O neto do libertador de Portugal, d'aquelle que desembainhou a sua espada de dois gumes para fazer cahir o véo tenebroso que resguardava os triumphos da tyrannia e da corrupção, escolhendo para esposa a filha d'aquelle grande rei, mostrou-se digno representante do povo portuguez e das gloriosas tradições dos reis de Portugal.

Eis afinal o conhecimento que em tão pouco tempo de reinado se tem podido adquirir d'este monarcha portuguez.

Os vindouros é que naturalmente teem de pôr o remate á corôa de suas glorias.

# FESTEJOS

# FESTEJOS

NA CIDADE DE LISBOA POR OCCASIÃO DOS FELIZES DESPOSORIOS DE EL-REI DE PORTUGAL

## VI

Não ha penna que possa descrever a deliciosa expansão de alegria a que se entregou toda a cidade, logo que as torres de S. Lourenço e S. Julião da Barra deram as salvas geraes como annuncio da felicissima chegada a este porto da rainha de Portugal.

Todos se alvoroçaram a esta desejada nova; não desmentimos a verdade, dizendo que a população de Lisboa, na exaltação do enthusiasmo e nobre manifestação de seus generosos sentimentos, parecia estar como possuida de um grande excesso de loucura; corria enlevada e absorta, de umas para outras ruas, sem saber para onde se dirigir, para onde fosse

que mais se lhe proporcionasse, e mais accessivel lhe podesse ser á vista a magestosa entrada da filha do grande rei Victor Manuel.

Que maravilhoso espectaculo se não apresentou a nossos olhos! A pompa do Tejo, d'esse porto, d'esse magnifico panorama, que podia annunciar a capital do mundo inteiro, excedia toda a expectação. O troar das bombardas, o estalar das girandolas, os repiques dos sinos, o bulicio da cidade, os sons harmoniosos das musicas, tudo concorria n'esse momento para dar especial feição a este successo que era desejado com tanta anciedade.

O mar estava que—em nenhuma outra occasião como esta—se podia chamar de rosas.

Que bonito era ver navegar os vapores precedidos de centenares de barcos, de um sem numero de escaleres e outras embarcações, todas empavesadas e embandeiradas, cheias de flamulas e galhardetes de diversas côres, em que se embarcaram os que quizeram ser os primeiros a saudar a princeza que vem ser nossa rainha.

Que applausos, alvoroços e festas não houve, apenas avistaram a ligeira armada, que, florescente sobre as aguas, vinha costeando e cortando magestosa e triumphalmente o Tejo.

Como depois a alegria e o contentamento, avivado pela natureza dos dias, e animado pela influencia da athmosphera, que era agradavel e risonha, se manifestava, com arrebatado deleite e geral alacridade, nos theatros, cafés, passeios, em todas as assembléas publicas! Verdadeiro enthusiasmo proprio de um povo que se acha gozando todos os privilegios de uma liberdade pacifica, estavel e vigorosa, e que póde servir de estimulo muito particularmente para os que se acham empenhados na importante conquista do nosso progresso e da nossa civilisação.

Cerca das 10 horas da manhã, do dia 5, largaram das amarrações os vapores de guerra portuguezes *Argos* e *Lince*, e recebendo o primeiro a seu bordo, defronte de Belem, sua alteza real o sr. infante D. Augusto, acompanhado do ministro da marinha, o sr. José da Silva Mendes Leal, e dos officiaes móres da casa real em exercicio, e dos que, da parte das outras pessoas reaes, estavam encarregados de apresentar felicitações a sua magestade em nome d'el-rei, seguiram em direcção á foz do Tejo.

Pouco tempo depois levavam a mesma vereda os vapores da real companhia União Mercantil, *Torre de Belem*, *D. Antonia*, *Açoriano* e *D. Luiz*, que, a convite da direcção, conduziam grande numero de convidados; apresentando todos as mais vivas de-

monstrações de impaciencia por verem e saudarem a nova rainha de Portugal.

O vapor *Argos* não passou de Oeiras, porém os outros, pedindo licença para se lhe adiantarem, sairam a barra. Todos estes vapores iam soberba e brilhantemente empavesados, levando o *D. Antonia* a musica de caçadores n.° 5, e o *Açoriano* e o *D. Luiz* as melhores phylarmonicas de Lisboa, que tocavam sempre alternadamente os hymnos reaes.

Defronte de Cascaes é que se verificou o encontro. Não é possivel descrever-se a sensação e o enthusiasmo que houve, assim que se aproximaram os vapores do cortejo com a esquadrilha, que se compunha dos seguintes navios: corveta *Bartholomeu Dias*, conduzindo a seu bordo sua magestade a rainha D. Maria Pia de Saboya; *Stephania*, corveta portugueza do commando do sr. Pinto, conduzindo a seu bordo o sr. visconde de Paiva, ministro de Portugal em França, e o sr. conde de Thomar, filho, secretario da legação portugueza na Belgica; Faustino de Queiroz Guedes, addido a legação portugueza em Turin; D. Antonio Xavier Teixeira de Brederode, addido a mesma legação; D. José Benso, consul de Portugal em Gibraltar; *Sagres*, corveta portugueza do commando do sr. Caselli, e conduzindo a seu bordo o principe real d'Italia e sua comitiva;

*Duca di Genova*, fragata italiana do commando do sr. Wrighe; *Garibaldi*, fragata italiana do commando do sr. Canetto; *Antion*, vapor de guerra italiano de commando do sr. Berio.

As embarcações do real sequito deram logo uma salva de artilheria a que corresponderam os vapores *Argos* e *Lince;* a marinhagem subiu ás vergas, levantaram-se clamorosos e incessantes vivas á rainha e ao rei de Portugal, a Victor Manuel, a Garibaldi, e á liberdade italiana e portugueza. Depois, os vapores do cortejo, fizeram-se na volta e seguiram atraz da esquadrilha, á qual ia abrindo caminho a corveta *Bartholomeu Dias*, que trazia nos topes dos mastros as bandeiras italiana e portugueza, o que indicava ser ali que vinha a excelsa filha do rei d'Italia, que, apenas soaram as primeiras saudações, appareceu no tombadilho, acompanhada das suas damas, a agradecer com os modos mais sympathicos tanta festa e tanta alegria.

Ao chegarem os doze barcos a vapor defronte da Torre de Belem, ahi deram fundo; e os navios de guerra nacionaes e estrangeiros, surtos no Tejo, e o Castello de S. Jorge, receberam a corveta real com salvas de vinte e um tiros.

Todos os vapores que tinham ido ao seu encontro foram depois passar pelo lado da corveta, e su-

bindo ás vergas grande numero de convidados, saudaram a joven rainha com freneticos vivas; vindo sua magestade agradecer novamente á amurada do navio, bem como os commandantes de quasi todos os navios que chegaram aos portalós a applaudir as saudações.

Seriam tres horas da tarde quando sua magestade el-rei o sr. D. Luiz embarcou no caes de Belem na grande galeota a quarenta remos e oitenta remadores, que o conduziu para bordo da corveta *Bartholomeu Dias*. Houve novas salvas dadas por todas as fortalezas, Castello de S. Jorge e vasos de guerra nacionaes e estrangeiros. El-rei demorou-se a bordo da corveta até ás sete horas da tarde. Esperavam-o no caes de Belem tres philarmonicas tocando hymnos, e um immenso concurso de povo, que agitava os chapéos e os lenços atroando os ares com enthusiasticas acclamações. Até alta noite alguns dos vapores do Tejo illuminados, atulhados de povo e com musicas a bordo, foram passar differentes vezes proximo da corveta onde se achava sua magestade, dando sempre demonstrações do seu natural regosijo.

No dia 6, ás 9 horas e meia da manhã a corveta *Bartholomeu Dias* veio fundear em frente do caes do Sodré e todos os mais navios de guerra nacionaes e estrangeiros formaram, como em linha de batalha, até defronte do caes da alfandega.

Ás oito horas da manhã do dia 6 todos os corpos de caçadores e infanteria começaram a formar nas ruas por onde devia passar o cortejo real. Constituiam tres brigadas, sendo a primeira composta pelos batalhões de caçadores n.os 2, 4, 5 e 8, commandada pelo sr. brigadeiro Taborda; a segunda composta pelos regimentos de infanteria n.os 1, 2, 10 e 11, commandada pelo sr. brigadeiro Horta, e a terceira composta pela guarda municipal e regimento de infanteria n.º 16. Commandava a divisão o sr. tenente general conde da Ponte de Santa Maria.

Sua Magestade el-rei saiu do paço da Ajuda depois das 10 horas da manhã. O transito do cortejo real foi pela calçada da Ajuda, rua da Junqueira, Calvario, S. Francisco de Paula, Janellas Verdes, Boa Vista, S. Paulo, travessa dos Romulares, caes do Sodré, rua do Corpo Santo em direitura á do arsenal, praça do Commercio, rua do Oiro, praça de D. Pedro pelo lado occidental, frente do theatro de D. Maria II até ao templo de S. Domingos.

No cortejo desde o paço até á praça do Commercio, iam somente os coches d'estado.

Á entrada desta praça entre o caes das Columnas e a estatua equestre, havia um pavilhão para suas magestades receberem as felicitações da camara municipal de Lisboa.

Quando o cortejo chegou em frente da embocadura da rua do Oiro, entrou logo no quadro central da praça do Commercio pelo lado occidental, e voltando na altura conveniente para a estatua equestre, ahi, entre esta e o pavilhão, se apearam suas magestades e altezas e toda a real comitiva; os coches foram postar-se em duas linhas unidas na rua oriental da praça.

Suas magestades e altezas foram recebidos no pavilhão pela côrte e tribunaes, pela camara municipal e mais corporações, e por todas as pessoas do cortejo, que para esse fim já ali se achavam.

Desde o pavilhão até ao embarcadouro, no caes das Columnas, fazia a guarda de honra uma companhia do corpo de aspirantes de marinha.

No mar, desde o desembarcadouro até á corveta real, havia alas formadas de embarcações do estado e de pessoas particulares, para assistirem ao acto solemne do desembarque de sua magestade a rainha.

A officialidade de marinha, sob as ordens do inspector do arsenal, estava encarregada de prever á formação das alas no mar, e a toda a policia do porto afim de facilitar o transito real.

Sua magestade el-rei, acompanhado de toda a sua

augusta familia, embarcou no bergatim real de 60 remos, ricamente armado, para ir buscar a rainha a bordo da corveta.

Quando a familia real embarcou no bergantim, salvaram o castello de S. Jorge e os navios de guerra; a côrte acompanhava sua magestade entre as alas, na ida para a corveta e na vinda para terra.

Para que fosse mais solemne a entrada da joven rainha n'esta cidade, muitas pessoas, em escaleres e em outros barcos vistosamente enfeitados, a foram esperar acompanhando-a até ao desembarque, patenteando-lhe as maiores provas de affecto, sympathia e respeito; e tão magnifico era este apparato, como inexplicavel o alvoroço com que no mar e na terra foi celebrado o seu desembarque. Até o Tejo parecia sorrir-se com ineffavel ternura e respeitosa humildade.

Logo que sua magestade a rainha pisou o solo de Portugal, annunciou-se tão fausto acontecimento com repiques de sinos, girandolas de foguetes, e salvas de artilheria, cujo marcial estrondo fazia sonoro echo a nossos festivos jubilos.

No acto do desembarque suas magestades foram recebidos debaixo do pallio pela camara municipal de Lisboa.

Rodeados pela corte e mais pessoas do cortejo, suas magestades e altezas entraram no pavilhão real, tomando assento no throno para receberem as homenagens da camara municipal que lhes apresentou a felicitação seguinte:

«Senhor.—A camara municipal de Lisboa saùda com verdadeira satisfação a entrada de sua magestade a rainha n'estes reinos, como aurora esperançosa de inefaveis felicidades para vossa magestade e para esta nação!

Portuguezes, que temos como nossas as felicidades do nosso rei, não podêmos deixar de celebrar com o maior jubilo este dia solemne. Apraz-nos deveras ser interprete fiel d'estes sentimentos do povo, que representâmos, offerecendo a vossas magestades as chaves da muito nobre e sempre leal cidade de Lisboa como penhor de sua hereditaria fidelidade.

Graças infinitas ao Deus todo poderoso! Estão cumpridos os nossos mais ardentes votos—mais um ornamento de virtude no solio portuguez; mais um penhor de amisade para dois povos tão ricos de tradições gloriosas!»

**Resposta de Sua Magestade**

«São para mim de subido apreço as expressões de

jubilo e de verdadeira satisfação que me dirije a camara municipal de Lisboa n'este acto solemne.

As manifestações espontaneas de amor e de respeitosa sympathia com que esta capital acolheu a rainha, minha muito amada esposa, ao entrar no paiz que ella elegeu, virão sem duvida a estreitar ainda mais os laços que ha muito ligam Portugal á briosa nação italiana.

Agradeço-vos cordialmente em meu nome e no da rainha as palavras que me dirigis; e podeis assegurar ao povo que representaes que, se elle tem como suas as felicidades do seu rei, o seu rei tem como proprias as venturas de todo o seu povo.

Restituo á camara municipal de Lisboa as chaves da cidade que me offereceu, e que ella sempre soube guardar com tanta lealdade.»

Em seguida o presidente da camara entregou as chaves da cidade a sua magestade el-rei, que, tomando-as da salva dourada em que lhe foram apresentadas, offereceu-as de sua regia mão á rainha sua augusta esposa, confiando-as depois novamente á camara.

Acabadas as ceremonias da recepção, suas magestades e altezas saíram da praça do Commercio após o cortejo, que ía disposto na ordem seguinte:

Á frente marchava um piquete de cavallaria servindo de batedores.

Logo os porteiros da canna, os reis de armas, arautos e passavantes a cavallo, vestidos, acompanhados e descobertos e com as insignias correspondentes á sua graduação, segundo os estylos da côrte, e todos precedidos de quatro moços de estribeira.

As carroagens das pessoas e funccionarios não pertencentes á côrte, nem aos tribunaes ou corporações;

As carroagens das corporações e tribunaes;

A carroagem do governador civil do districto de Lisboa;

As carroagens da côrte, as dos barões e viscondes, ministros e secretarios de estado honorarios, officiaes móres honorarios e effectivos, dignatarios não titulares com honras de grandeza, barões e viscondes com honras de grandeza, bispos e condes, arcebispos e marquezes, duques, conselho d'estado e ministerio.

Seguiam-se os treze coches de estado.

No ultimo é que iam suas magestades.

Este coche, tirado a oito suberbissimos cavallos, ia guarnecido por ambos os lados com triplicadas alas de moços da real camara, archeiros e moços da estribeira, todos a pé, indo a cavallo dois ferradores com pasta.

Ao lado de cada um dos cavallos do tiro ia um criado a pé.

Proximo á portinhola do coche, do lado direito, tomava logar, a cavallo, o commandante da guarda real, acompanhado de criados a pé; e á portinhola do lado esquerdo ia o general commandante da força militar.

Atraz do coche real e da guarda real, fechando o cortejo, iam a cavallo os officiaes generaes de terra e os de mar, o estado maior do marechal Saldenha, e a guarda de honra composta dos esquadrões de lanceiros n.º 1 e 2 e de cavallaria 4, 5 e 8.

Segundo as regras do programma o cortejo seguiu pela rua do Ouro, lado occidental da praça de D. Pedro e frente do theatro de D. Maria II para a egreja do extincto convento de S. Domingos, onde as pessoas do cortejo se apearam, entrando para dentro da igreja a fim de formarem o prestito para a recepção de suas magestades e altezas, que entraram no vestibulo do templo, debaixo de um pallio

sustentado pelos vereadores da camara municipal, e foram recebidos á porta principal, debaixo de outro pallio, pelo patriarcha e cabido, com as ceremonias e orações do costume.

Desde a entrada do templo até á capella-mór caminhou ordenadamente o prestito entre duas alas de archeiros da casa real.

Atraz e ao lado de suas magestades e altezas, iam o camareiro-mór, gentis-homens e ajudantes de campo, a camareira-mór e as damas de serviço, exercendo suas respectivas funcções junto dos mesmos augustos senhores.

Assim que suas magestades chegaram á capella-mór tomaram logar no throno, principiando a celebração d'esta festividade religiosa.

Acabada a missa, o patriarcha desceu do solio á cadeira gestatoria collocada em frente do altar mór.

Por esta occasião os augustos esposos, acompanhados das pessoas reaes presentes, dando a mão um ao outro, foram apresentar-se ante o prelado, o qual se levantou ao aproximarem-se suas magestatades.

O prelado, depois de uma profunda venia a suas

magestades, fez os devidos interrogatorios a el-rei e á rainha sobre a rectificação do seu real consorcio celebrado por procuração na côrte de Turim no dia 27 de setembro corrente, recebendo as declarações que os mesmos augustos senhores lhe fizeram na presença das testemunhas para este acto nomeadas.

Em seguida subiu o prelado ao altar-mór, e d'ali, em canto festivo, lançou as bençãos nupciaes sobre os regios conjuges, os quaes, para as receberem, estavam ajoelhados em frente do mesmo altar.

Depois d'esta ceremonia, suas magestades e altezas voltaram ao throno, e o prelado, passando ao solio, entoou em canto solemne o hymno *Te Deum Laudamus*, que foi continuado pela orchestra e cantores da capella e casa real.

Seguidamente o prelado rezou as orações do estylo, concluindo estas ceremonias com a benção final.

O templo estava rica e magestosamente armado, fazendo mais realçar os veludos e doirados, as fardas dos grandes da côrte e de todas as pessoas que tem entrada em similhantes actos, que estavam vestidas da mais luzida gala.

As damas porfiavam no luxo de seus vestidos e explendor de seus adereços.

O vasto e magestoso aspecto do interior da igreja a repercussão da musica sagrada, as nuvens de fragrancia que se elevavam dos thuribulos, o repicar dos sinos, accendiam as mais fortes emoções de devoto respeito a tão solemne celebração.

Apenas os reaes conjuges receberam as bençãos, atroava os ares o estrondo das bombardas que se disparavam em todas as fortalezas de mar e de terra, para applaudir tão festival solemnidade. As torres de todas as egrejas faziam tambem revolutear pelos ares estremecidos os sonoros sons dos sinos.

Terminada a funcção religiosa, suas magestades e altezas acompanhados processionalmente até á porta do templo pelo prelado e cabido, e sendo precedidos do real prestito, segundo a ordem e ceremonial da recepção, subiram aos coches d'estado para se dirigirem á praça do Commercio afim de ahi receberem a continencia das tropas.

O real cortejo seguiu pelo lado oriental da praça de D. Pedro, rua Augusta até ao arco triumphal, e entrando no centro da praça da Commercio, voltaram pelo lado occidental da mesma até ao pavilhão onde foram recebidos pela côrte, camara municipal e mais corporações.

Todas as musicas reunidas foram collocar-se em

frente do pavilhão real, e tendo o marechal Saldanha montado a cavallo, passou em continencia, com todo o seu estado maior, em frente d'el-rei, indo depois tomar o logar que lhe competia de commandante de toda a força.

Á proporção que as tropas passavam em continencia, iam desfilando para quarteis, e logo que acabaram de sair da praça do Commercio, suas magestades e altezas precedidos sómente dos coches d'estado, regressaram ao paço da Ajuda.

Acompanhou-os um immenso concurso até ao palacio entre clamorosas e enthusiastas acclamações, e logo que os reaes esposos ali chegaram, não podendo occultar por mais tempo a sensibilidade que dominava em seus corações ao ver que toda a população os victoriava com verdadeiro amor e enthusiasmo, dignaram-se chegar á janella e com vivos signaes de reconhecimento expressaram a sua satisfação e regosijo.

Pelas ruas do transito não havia janella que não estivesse mais ou menos ricamente ornada de tapeçarias e guarnecida de damas que lançavam flores para os reaes conjuges; porém aonde o luxo e a grandeza das festas mais se ostentavam era na rua bella da Princeza, que desde principio a fim, os moradores dos primeiros andares collocaram nos inter-

vallos de janella a janella tropheus com as bandeiras dos dois paizes.

Na rua do Oiro e praça de D. Pedro tremulavam em quasi todos os edificios vistosas bandeiras das nações dos jovens esposos, que teem em prespectiva uma das mais mimosas coroas do continente.

O cortejo ia brilhante, muito apparatoso. O antiquissimo feitio dos coches despertava a curiosidade; d'esta vez appareceram quatro, que ha muito não serviam e aonde iam as principaes personagens.

O coche que levava suas magestades e o principe Umberto é um monte de oiro, apresenta um admiravel e magnifico apparato. A caixa e o jogo são todos doirados, sendo primorosa e surprehendente a obra de talha. Por dentro, tejadilho, costas e ilhargas, é forrado de riquissimo tissu, guarnecido de passamanes e franjas de oiro; e as cortinas de seda verde bordadas a oiro e prata.

Sobre o tejadilho levantam-se quatro quartellas, ou imperiaes, firmadas nos quatro angulos aonde se vêem quatro genios sustentando no meio a corôa real.

A almofada é de veludo verde lizo agaloado com duas ordens de palheta de oiro, tendo os quatro can-

tos oito borlas tambem de oiro, e aos lados, no centro, armas reaes.

Este coche era tirado a oito formosissimos cavallos, emplumados, entrançados de fitas azues e brancas, e a jaezados com a mesma preciosidade, não deixando de dar realce a tudo isto as ricas e bonitas fardas dos criados que eram encarnadas e todas guarnecidas de largos galões de oiro.

O coche de respeito, que era dos da ordem chamados estufas, tem o jogo magnificamente lavrado e doirado. A caixa é de tres vidros por banda. Os vãos que lhes ficam por baixo são todos doirados com figuras allegoricas, ornatos de flores e outros enfeites dispostos com uma certa graça e belleza. Todas as molduras, como tambem a cimalha da mesma caixa, são lavradas e doiradas com egual magnificencia. A almofada é de veludo carmezim liso, agaloado com duas ordens de palheta de oiro, tendo aos cantos oito borlas.

Por dentro é todo forrado de veludo carmezim lizo com o tejadilho agaloado de oiro em cupula, e em toda a sua extremidade com uma preciosa franja de cachos e borlas do mesmo oiro, aos quatro cantos, apanhando as cortinas de seda carmezim agaloadas tambem.

O outro coche, em que iam el-rei o sr. D. Fernando e o sr. infante D. Augusto, era quasi da mesma grandeza e magnificencia no feitio lavor e doirados. Todos as molduras, como tambem a simalha da mesma caixa são lavradas e doiradas com egual esmero, sendo coroada a cimalha com uma renda formada de varios ornatos, simulando ser de oiro. O tejadilho, encosto e lados são forrados de veludo carmezim.

Os senhores duques de Saldanha e de Loulé iam n'outro coche tambem rico, posto que não tanto como os outros; e muito similhante a elles na grandeza feitio e lavor, o jogo é encarnado e todos os seus filetes dourados, os vãos por baixo dos vidros teem uns pequenos quadros de fina e esmerada pintura.

O coche que conduzia as damas de sua magestade a rainha tinha tambem o jogo pintado de encarnado, e era de bonita vista. Todas as molduras delicadamente lavradas e bem doiradas, a almofada e forro da caixa era de veludo carmezim, guarnecido de uma só ordem de galão, as cortinas de setim da mesma côr apanhadas aos lados por cordões de fios de seda.

Não descrevemos os oito coches que ainda se viam no cortejo porque pouca differença se lhes distingue no seu lavor, pinturas e guarnições; parece-nos que para formar o seu elogio basta dizer que quasi todos foram feitos á ordem do sr. D. João v,

rei incomparavel na grandeza com que satisfazia seus caprichos.

Extractamos a seguinte noticia ácerca dos coches reaes, do periodico hebdomadario *O Archivo Pittoresco*, por ser de grande verdade historica; é escripta, segundo nos consta, pelo sr. Silva Tulio.

«Entre os preparativos que se fazem para o auspicioso consorcio de el-rei o sr. D. Luiz I, com a serenissima princeza de Italia a senhora D. Maria Pia, avultam os que dizem respeito aos coches reaes.

«Nesta solemnidade hão de sair no prestito real, além dos dez coches antigos, que desde o baptisado da senhora infanta D. Antonia costumam servir nas grandes funcções da côrte, mais quatro que se estão doirando e restaurando completamente. Dois são denominados *estufas*, e os outros dois dos que se chamam *berlindas*.

«Alguns jornaes desta capital, dando esta noticia, acrescentaram que dois d'estes coches eram do tempo de el-rei D. Manuel, segundo uma tradição que ha na respectiva repartição da casa real. A segunda parte da noticia é inteiramente inexacta, assim como a tradição é destituida de fundamento.

«Tanto no reinado de D. Manuel, como nos tres

seguintes, de D. João III, D. Sebastião e D. Henrique, não se usou, nem se viu em Portugal especie alguma de coche ou carroagem. Até á morte do cardeal rei, succedida em 31 de janeiro de 1850, todas as vezes que os nossos monarchas tinham de sair em prestito solemne pelas ruas da cidade, iam montados em cavallos e do mesmo modo a rainha e infantes, sendo levados de redea por infantes, ou, na falta destes, pelas principaes pessoas da côrte.

«A primeira carroagem ou coche que appareceu em França foi no meado do seculo XV, no tempo de Carlos VII; e mandou-a de presente Ladislau IV, rei da Hungria á rainha Maria de Anjou, esposa d'aquelle soberano.

«Entretanto não se póde attribuir a esta época a introducção do uso dos coches em França. No casamento de Francisco II com Maria Stuart, rainha de Escocia, que foi celebrado em Paris no anno de 1558 com extraordinaria pompa, a joven e formosa noiva foi conduzida á cathedral de Nossa Senhora, cavalgando em soberbo palafrem. Continuou esta pratica nos dois seguintes reinados de Carlos IX e de Henrique III, e só no immediato, de Henrique IV, que subiu ao throno no anno de 1589, é que se começou a generalisar em França o uso dos coches, sendo desde então admittidos nos prestitos reaes em todas as grandes funcções da côrte. Se nos não en-

ganamos, a primeira vez que tal succedeu foi no casamento de Henrique IV com a rainha Maria de Medicis no anno de 1600.

«Na Inglaterra principiou tambem o uso dos coches por meiado do seculo XVI. Foi a rainha Isabel, que empunhou o sceptro em 1558, a primeira pessoa que passeou de carroagem pelas ruas de Londres.

«Em Hespanha foi D. Filippe II o introductor deste uso; e quando, depois da conquista de Portugal, pela morte do cardeal rei, veiu a Lisboa em junho de 1581, para completar e dar certa legalidade á usurpação do thono portuguez, trouxe os primeiros coches que se viram nesta capital. Os castelhanos chamavam-lhes *estufas*, e este nome se ficou dando entre nós aos que se fabricaram conforme o modelo daquelles.

«Os duques de Bragança adoptaram immediatamente o uso dos coches, e após elles os duques de Aveiro e os principaes fidalgos.

«Do que deixamos dito concluimos, que as *estufas* são muito mais antigas que as *berlindas*. El-rei D. João IV usou das primeiras, mas não nas grandes solemnidades em que tivesse de ser conduzido em prestito de grande ceremonial.

«No casamento de sua filha a infanta D. Catharina, com Carlos II, rei de Inglaterra, que se effectuou no seguinte reinado de D. Affonso VI, correndo o anno de 1666, foram a dita infanta e mais familia real em coches no meio de lustroso acompanhamento, desde os paços da Ribeira até á Sé d'ali ao caes do Terreiro do Paço, onde a augusta desposada se embarcou na galeota que a conduziu á nau em que seguiu viagem. Foi o primeiro casamento regio em que serviram os coches.

«No mesmo anno appareceram, por occasião do consorcio de el-rei D. Affonso VI com a rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya. Esta princesa trouxe de França um coche, que lhe deu de presente o rei Luiz XIV, obra de muita riquesa, de muito primor em pinturas e talha doirada, e além d'isso de muito bom gosto. É este coche um dos dez que tem servido nestes ultimos tempos nos prestitos reaes.

«As estufas são uns coches mui pesados e desengraçados, guarnecidos na maior parte com pregaria grossa e doirada, e com pouca obra de talha relevada. As berlindas tem a fórma mais esbelta. Primam por todos os lados em lindas figuras e brincados ornatos de talha doirada, e em formosos paineis, devidos a eximios pintores. Os grandes vidros, que as cercam, deixam vêr perfeitamente, como se fôra descoberto, todo o seu rico interior.

« A nossa casa real possue uma avultada quantidade de coches antigos, mais ou menos ricos. Os mais sumptuosos pertencem ao reinado de D. João v, e foram mandados fazer para o casamento deste soberano e para o de seu filho, o principe D. José, depois rei. »

Os divertimentos e demonstrações de regosijo foram muitos e variadissimos, durante as noites festivaes.

A alegria em toda a capital era extrema, todos os habitantes illuminaram as janellas, buscando muitos o distinguirem-se com variedades novas e agradaveis á vista. Lisboa revestiu-se da presença mais magestosa e mais elegante que lhe temos conhecido até hoje; pois não houve um só portuguez que se não apressasse a patentear os sentimentos de jubilo e prazer de que estava possuido por ver realisado tão auspicioso consorcio.

Na Praça do Commercio, em frente do caes das columnas, como já dissemos, levantou-se um pavilhão ou templo de hymeneu destinado a receber ao desembarque suas magestades e, durante a cerimonia da recepção, todos os altos corpos constituintes, a côrte e a camara municipal. A area d'este pavilhão era de 350 metros superficiaes, continha mais de quatrocentas pessoas, além das que estavam agrupadas nas escadarias e nas plata-formas.

O pavilhão, além da sua decoração, estava embandeirado e flanqueado por oito grandes mastros venezianos com galhardetes, tropheus, cestos de flôres e folhagens.

A praça achava-se cercada por fileiras de mastros com tropheus a meia altura, e cestos de flôres illuminados na parte inferior.

Sustentavam o pavilhão 44 columnas compositas formando um quadrilatero, tendo as faces 22 metros. Sua altura era de 18m,3 contados desde a base até á parte superior da cupula. As fachadas do lado do sul e norte eram decoradas por dois tropheus com escudos d'armas portuguezas e festões d'ornato rematando ambos pela corôa real que assentava sobre uma almofada de veludo cramesim. Todo o edificio era cingido por um grande *acroterio* tendo nos angulos serpes coroadas, timbre das armas de Bragança. A cupula, era decorada com festões de flores artificiaes; e cercada na base por uma grinalda formada por 24 escudos, 16 representando provincias do reino, e os restantes a Italia e Portugal tendo enlaçadas as iniciaes dos nomes dos regios esposos.

O remate da cupula era uma corôa real. Sobre o friso que ficava por cima das entradas do edificio, estavam gravadas as inscripções seguintes:

Do lado do mar

Da bella Italia estrella soberana
Sejas bem vinda á praia Lusitana.

Do lado do norte

Filha de reis heroes, de reis heroes origem
Em nova Italia, os céos throno te erigem.

O tecto do edificio formava um *sophyto* cujas molduras eram perfiladas de oiro e fundos côr de rosa e os ornatos doirados, d'estes centros pendiam pequenos lustres. Os capiteis e bases das columnas eram doirados. Nos centros das intercolumnas, tanto do lado interior como exterior, pendiam *floreiros* ornados de flores. As mesmas intercolumnas do lado interior estavam guarnecidas de sanefas e cortinas de seda azul e branca com arabescos de franjas de oiro e ligadas ás columnas por braçadeiras e *pateras* doiradas das quaes saiam braços de metal com globos de vidro para illuminação; o interior da cupula era igualmente ornatado. Do feixo pendiam 8 fachas de veludo carmezim ornadas de oiro, que vinham prender-se ás 8 columnas que sustentam a mesma cupula formando um docel ao throno, que se elevava sobre um estrado. Na frente d'estas estavam collocadas 8 estatuas. Todo o pavimento era tapetado inclusivè as escadas em cujos lados collocaram sobre plinthos grandes fogaréos. Ao nascente

e poente do pavilhão, e a 8 metros afastados d'este, havia 2 galerias de 44 metros de comprimento, por 9 metros de largura cada uma, e sustentada a cupula das mesmas por 32 columnas decoradas de sanefas e cortinados azues e brancos, marchetados e franjados de oiro, ligados ás columnas por braçadeiras e pateras, das quaes saiam como no pavilhão braços de metal ornatados com globos de vidro para illuminação, tendo, além d'estes, 10 ou 12 pequenos lustres e outras decorações. O interior da cupula era em listas azues e brancas, e coroada por acroterios cujos remates eram serpes coroadas, timbre das armas de Bragança, e das prumadas elevavam-se mastros decorados de escudos, bandeiras, galhardetes, e grinaldas; cada uma d'estas galerias continha para cima de 1000 pessoas. Nos intervallos das janellas, e em volta da praça do Commercio, collocaram alternadamente escudos de armas reaes portuguezas e italianas, e bem assim os das provincias do reino, circumdados todos de bandeiras portuguezas e italianas enlaçadas, e nos cantos sobre os peitoris das sacadas estavam collocados vasos ornatados e com flôres, pendendo das sacadas colxas de diversas côres marchetadas de arabescos de oiro e prata e orladas de franjas, nos intervallos das janellas do andar superior pozeram grandes medalhões com grinaldas de flôres, bandeiras e festões na platibanda geral da praça, e em volta, junto aos passeios, arvoraram grandes mastros venezianos.

Nas embocaduras das ruas que partem da praça estavam collocados egualmente grandes mastros venesianos e decorados por corôas, linhas de festões, grinaldas, e bandeiras simulando arcos, e d'estes pendiam grandes candelabros formados de folhagens, flores e globos.

Nos arruamentos e em parallelo aos passeios havia tambem mastros decorados de escudos, bandeiras, festões, e galhardetes, e nas encrusilhadas, linhas de flamulas, grinaldas etc.

Os projectos e desenhos do pavilhão de recepção e decoração geral das fachadas dos edificios da praça do Commercio e embocaduras das ruas que partem da mesma, são exclusivamente de invenção do desenhador da repartição technica, José Giraldo de Felgueiras Junior.

As galerias e plano geral da illuminação na praça do Commercio, do engenheiro Pedro José Peserat, e bem assim a decoração da praça de D. Pedro. A columna que se via n'esta praça, era no gosto Trajano, a sua decoração comprehendia o cortejo desde o desembarque até ao templo de S. Domingos, representava ser de bronze, tinha 9 metros de altura inclusivè o capitel, rematando por uma estrella illuminada a gaz, e aos lados da base fogareos bronzeados ornados de bandeiras e festões.

O pavilhão era illuminado no interior por grandes lustres, doirados e armados de crystaes, de 35 a 40 luzes, e no centro dos vãos exteriores por dezeseis lustres de 2 a 4 lumes.

Cada columna exterior era illuminada á altura das braçadeiras dos pannos com uma serpentina de duas luzes com seus meios globos, sendo por tanto trinta e seis as serpentinas. Para illuminação das cimalhas assentaram por cima dos cunhaes doze arroucarias de um metro a 1,20 de altura, com todo o comprimento das cimalhas e dos frontões assentavam cento e vinte metros de canos furados de 480 bicos de leque. Á roda da cupula, a faxa de escudos era illuminada com 64 luzes e a corôa que forma o remate d'esta cupula, tanto no aro como nos braços das imperiaes, esphera e cruz, com cincoenta bicos de leque.

Os tripes ou thyrsos assentes nos pegões das escadarias eram illuminados com fachos de 7 luzes, sendo estes pegões 16; tanto no pavilhão como nas galerias ou palanques, empregaram, já se vê, 112 luzes. Para a illuminação das galerias ou palanques cada columna tanto exterior como interior tinha uma serpentina de dois bicos assente na braçadeira dos pannos; eram por conseguinte 66 serpentinas ou 132 luzes.

As cimalhas estavam illuminadas com 228 metros lineaes de tubos furados a 33 centimetros de distancia tendo os que ficavam por cima do acrotario uma facha de tres bicos, e os 8 cunhaes vinte e quatro bicos.

A illuminação do centro da praça ou da memoria, apresentava grandes pyramides e circulos com quatro ou 5 metros de altura furados a bicos de perola e a distancia de dois a tres centimetros, que representa pelos menos 800 bicos de leque.

Via-se depois a illuminação da fachada do arsenal da marinha, que era as luzes collocadas em vidros de diversas côres, tendo pintadas em transparentes as armas que usaram desde o principio da monarchia os reis de Portugal.

O arco triumphal mandado construir pelo corpo do commercio era magestoso e de um gosto architetonico completamente novo. O seu elogio está em dizer-se que foi obra do celebre e apreciavel artista Cinati; tinha de altura, até á cornija do attico, 15,$^{m}$ era elevado sobre a planta de um paralellogrammo de 10,$^{m}$4 por 8,$^{m}$ nos dos lados maiores estavam as aberturas de dois arcos de 6,$^{m}$ de largo sobre o eixo da rua principal, e nos dos lados menores as aberturas de dois arcos de 3,$^{m}$2 de largo sobre o eixo transversal, a elevação dos arcos maiores era

de 9,$^{m}$6 e dos menores de 5,$^{m}$58; os angulos eram formados por 4 pilastras de 1,$^{m}$6 por 1,$^{m}$2 decorados com emblemas de commercio e navegação, sobre as empostas dos arcos grandes assentava um entaboamento composto de architrave, frizo e cornija; o frizo era decorado de folhas de palma e pateras e a cornija tambem entalhada, nos espaços comprehendidos entre as empostas dos arcos e as pilastras estavam collocadas umas corôas; sobre o entaboamento assentava um attico com as inscripções

**O Corpo do Commercio**

**31 de Outubro 1838**

**16 de Outubro 1847**

Arrematavam o attico nas frentes maiores uns grupos de decoração com as armas unidas e coroa de Portugal e Italia, e nos quatro angulos, sobre outros grupos de ornato formado de coroas com as lettras L. M., saiam uns mastros com as bandeiras portugueza e italiana; o tecto interior era formado de uma abobada de caixotões, decorada com florões que assentavam sobre os arcos pequenos; nas oito frentes das pilastras estavam encostados oito grandes pedestaes sobre os quaes assentavam oito estatuas representando uns genios na acção de coroar, e cujo modelo se deve ao distincto esculptor Bastos.

A illuminação d'este excellente arco não produzia o effeito que devia, por que era incompleta, a falta de tempo concorreu para que o trabalho do encanamento deixasse de ter a precisa solidez, e de certo haveria a lamentar algum desastre se por ventura se insistisse em o illuminar como devera ser.

Os festejos appresentados pela associação o Gremio Popular consistiram n'um *portico ou perystillo* sustentado em arcadas e decorado de ornamentos, festões, e grinaldas douradas, e bronzeadas. O remate era as armas de Portugal e Saboya circumdadas de bandeiras portuguezas e italianas e seis pequenos mastros com os escudos e iniciaes dos regios esposos, cercados de laureis e pequenas bandeiras das duas nações. Sobre os capiteis, e como formando as *empostas,* escudos com armas reaes e as iniciaes dos regios esposos, e as bases d'estes escudos rodeadas por balões de côres. No *frizo* e pela parte superior do *feixo* do arco do centro, achava-se collocada esta inscripção:

AO REGIO CONSORCIO DE D. LUIZ E D. MARIA PIA

O GREMIO POPULAR

O projecto foi do sr. Josè Geraldo Felgueiras Junior, e a direcção dos trabalhos de José Maria da Silva.

*

Sobre o portico, nas noites de illuminação, varias philarmonicas tocaram escolhidos trechos musicaes.

As salas achavam-se convenientemente decoradas, e na principal collocado sobre uma *misula* doirada o busto de D. Pedro v cercado de bandeiras nacionaes e coroado de louros, cujo busto foi inaugurado pelo anniversario da installação da associação.

Duzentos lumes illuminavam este portico, que produziam um magnifico effeito.

Todos os regimentos fizeram illuminações nos seus quarteis; sobresaindo a da guarda municipal que apresentava uma bonita vista.

O quartel dos marinheiros militares em Alcantara tambem illuminou toda a frente com lanternas de differentes côres.

Na varanda ao centro lia-se em grandes letras *Armada Real*. Todas as outras janellas estavam decoradas de transparentes apresentando emblemas allegoricos. Em frente da porta principal formaram dois coretos no gosto chinez onde a charanga dos marinheiros e a musica de infanteria 12 tocavam diversas peças de musica

A companhia lisbonnense de illuminação a gaz mandou levantar na rua da Boa Vista, pelo seu engenheiro J. Harens, um arco cuja archictetura parecia pertencer á ordem jonica; illuminado fazia um bello effeito.

Do lado oriental apresentava uma palma de carvalho e outra de loiro com uma corôa pela parte inferior, circumdando tudo a data do regio consorcio: lia-se ao lado direito em letras de fogo *Portugal*, e ao lado esquerdo *Italia*. Uma especie de filetes, tambem de fogo, formando um quadro, fechavam esta allegoria.

Do lado occidental as iniciaes *L. M.* substituiam a data dos reaes desposorios, e em vez de filetes uma cercadura de fogo com quatro estrellas nos pontos centraes dos florões, que faziam parte da decoração do mesmo arco. As cimalhas tinham uma estrella no centro e eram guarnecidas de bicos de gaz. As pilastras do lado occidental formavam um encanastrado com riscas de fogo; do outro lado os soccos e as cimalhas eram guarnecidas de estrellas. Bandeiras, festões e outros ornamentos completavam o aformoseamento d'este apparatoso arco.

O largo do conde de Barão apresentava tambem uma vista deleitavel, devido a direcção da companhia *Perseverança*, que incumbiu o seu gerente, o

sr. José Pedro Collares, de illuminar a fachada do predio onde é a sua fabrica.

No cimo do edificio havia uma grande estrella, no centro tinha um relogio, logo por baixo crusavam-se duas palmas, que cingiam as iniciaes P. I. coroadas pelas armas das duas dynastias, rematando com o emblema da companhia; em todas as janellas estavam dispostas alternadamente bandeiras italianas e portuguezas, nas do primeiro pavimento appareciam no centro, as iniciaes L. M.

Tornava-se apparatosa esta illuminação, pela idéa, e por ser guarnecida com mais de dois mil bicos de gaz.

No alto da calçada do Marquez de Abrantes tambem levantaram um arco a expensas dos moradores da freguezia de Santos o Velho; era feito em gosto arabe, sua altura era de 10,5 metros e largura 10. A cada um dos lados tinha quatro columnas com a circumsferencia de 2,8 metros. Na parte superior haviam sete medalhas com as iniciaes L. I e M. S.; as primeiras assentavam em campo azul, e as segundas em campo vermelho. O espaço desde a orla até á cimalha, que era guarnecido de listões azues e brancos, terminava com as armas de Saboya e Bragança enfeitadas de bandeiras portuguezas e italianas, era illuminado por 800 lanternas, junto ao arco tocava

variadas peças de musica a sociedade philarmonica Apolinea. Á similhança do que se praticou em Alcantara, as creanças do asylo de Santa Catharina estavam n'uma galeria deitando flores na occasião em que passavam suas magestades.

No Alto da Pampulha festejaram igualmente, com um arco triumphal da ordem dorica, o real consorcio. Mediu d'altura 12 metros, e de largura 8, decorado com 4 paineis de fórma oval, contendo os brazões de Portugal e Italia, pintados em transparentes, no fecho da volta um escudete, moldurado, com as iniciaes—L. M.—doirado, em campo azul celeste, e no architrave—6 *de outubro de* 1862—em letras bronzeadas. Sobre a platibanda tinha hasteadas 5 bandeiras, 2 italianas e 3 portuguezas. Era illuminado com 824 lumes.

A sociedade *Euterpe* coadjuvou esta festa, indo para ali tocar, todas as noites.

Junto ao edificio das religiosas do Sacramento em Alcantara tambem estava um arco de boa fórma, bem decorado e embandeirado e com alguns disticos alusivos ao real consorcio. As philarmonicas denominadas *Nova Euterpe* e *Recreio dos Artistas* ali tocaram durante as noites festivas. Concorreram para este festejo, bem como para soccorrer no dia do ca-

samento de el-rei 150 familias pobres, os moradores da freguezia de Nossa Senhora da Lapa.

A camara municipal do concelho de Belem erigiu um magnifico arco triumphal ás portas de cidade, em Alcantara, media toda a altura dezesete metros, desde a base até á circumferencia onze, de largura seis.

Aos lados, quasi ao rez da rua, havia duas tribunas servindo de corêtos aonde tocavam duas bandas de musica. Tendo pela parte superior dois quadros com as armas de Portugal e Italia e em seguida, proximo ao arco, dois genios coroando a passagem. Rematava este arco uma cimalha geral dividida em intervallos mostrando as iniciaes dos nomes dos reaes esposos. Por cima d'esta cimalha lia-se, dentro de um retabulo sustido por genios enterlaçados com folhas de ornamento, *Camara Municipal*. Aos lados era guarnecido de mastros com bandeiras e galhardetes portuguezes e italianos.

Illuminou-se convenientemente em todas as cinco noites festivas, as musicas tocavam amiudadamente os hymnos, e o povo repetia vivas a el-rei e á rainha.

Das janellas da frente e da parte anterior do arco na occasião da passagem do cortejo as creancinhas desemparadas do asylo de Ajuda deitavam versos e

folhas de rosas sobre os jovens monarchas. Foi em verdade, uma lembrança assás delicada para as reaes personagens. O sr. D. Luiz tem dado sobejas provas da sua caridade, de quanto é benigno e affavel o seu coração, e só deixa de suavisar os males quando não cabe no possivel dar toda a elasticidade á sua compaixão.

No terceiro dia de gala, suas magestades, como estava determinado no programma para os festejos reaes, assistiram no theatro de D. Maria á representação do drama historico em cinco actos *Egas Moniz*.

Foi uma festa explendida. A rica e elegante sala do nosso primeiro theatro de declamação tinha sido expressamente renovada para aquella noite. Os ornatos todos doirados sobresaiam na alvura das paredes que fazia distinguir ainda mais o carmezim do fundo dos camarotes. O sumptuoso lustre d'aquelle theatro tinha sido tambem doirado de novo e a luz que se espalhava por entre os seus crystaes, juntava-se á dos candelabros de bronze doirado, cada um de quatro lumes, pregados nas columnas dos camarotes em todas as ordens. Era a illuminação tão brilhante que ao entrar na sala se nos afigurava a claridade do mais bello dia de estio.

N'esta athmosphera luminosa, figurae explendidas toiletes das damas, as fardas vistosas dos cava-

lheiros da côrte, tudo galas e brilho, tudo a emanar e a reflectir luz, e tereis a idéa ainda que imperfeita do explendor da sala do theatro de D. Maria II, no momento em que suas magestades appareceram na tribuna real.

Eram dez horas da noite; a impaciencia do publico, que anceava pelo momento de ver e de admirar a formosa princeza, traduziu-se em milhares de vivas de amor e de enthusiasmo.

Suas magestades tomaram logar na tribuna real, tendo el-rei á sua direita o principe Humberto, e ficando á esquerda da rainha o senhor D. Fernando e o infante D. Augusto.

A formosa princeza, amada a estas horas por quantos a teem já visto, trajava um vestuario branco, tendo a banda azul clara a tiracol, e na cabeça uma linda coroa de flôres escarlates. Mais vivas porem, do que as flôres da grinalda, lhe viçavam as rozas da juventude sorrindo á esperança.

Como dissemos representou-se n'essa noite o drama *Egas Moniz*, original do exm.º sr. Jose da Silva Mendes Leal, uma das nossas maiores g'orias litterarias, que os altos cuidados da governação publica, na pasta da marinha, roubam actualmente ao tracto da poesia.

Este drama havia sido premiado no concurso dramatico do anno passado, e com razão fora escolhido para subir á scena em tão festiva noite.

Egas Moniz é um nome que symbolisa, nas paginas gloriosas da nossa historia, os antigos brios e a nunca desmentida lealdade dos cavalleiros portuguezes. O illustre poeta, a quem a nossa scena deve tantos dos seus triumphos, fazendo reviver no theatro o vulto heroico do aio de Affonso Henriques prestou um duplicado serviço ás lettras e á patria.

Não pode ter cabimento n'este logar um juizo critico sobre a nova producção do sr. Mendes Leal. Diremos apenas, o que deve já ser previsto por todos, que o estylo é brilhante de vigor e de colorido, que os caracteres desenhados com toda a verdade, sobresaem no quadro onde o rigor historico se alia á sublimidade da concepção.

No fim do primeiro acto repetiram-se as acclamações e os vivas. As notas dos hymnos nacionaes confundiram-se com as do hymno do rei da Italia que o nosso povo venera e admira.

Levando no coração as remeniscencias d'esta festa e de tantos applausos sairam suas magestades do theatro perto da meia noite, victoriados pelo povo que se agglomerava em toda a praça de D. Pedro.

A noite seguinte tambem foi de festa para o real theatro de S. Carlos. Suas magestades e altezas assistiram á representação lyrica do *Ernani*, opera que subiu n'aquella noite á scena em consequencia da imprevista doença do tenor Mongini que nos privou de ouvir pela primeira vez a sua voz.

Pouco mais seria das nove horas quando, corridas as cortinas, appareceram suas magestades el-rei e a rainha, o sr. D. Fernando e seu augusto filho o infante D. Augusto e o principe Umberto.

A presença da excelsa princeza excitou primeiro uma espectativa sympathica, depois um decidido e vivo enthusiasmo; as palmas e os vivas repetiam-se insensivelmente.

A prima donna Lotti della Santa, Benaventano, Nery e Antonuci acompanhados pela orchestra e córos deram começo ao espectaculo cantando o hymno. A vasta e magestosa sala d'este theatro que se achava vistosamente illuminada apresentava um indisivel aspecto. Povoavam os camarotes familias da mais elevada sociedade, as damas estavam, pode dizer-se, vestidas a capricho, e algumas ricamente adereçadas. Na platéa não houve um só espectador que deixasse de attender aos deveres da etiqueta.

Nos intervallos dos actos a orchestra tocava o

hymno, e os vivas e acclamações eccoavam de todos os lados, o que suas magestades agradeciam com as mais vivas demonstrações de contentamento.

No ultimo dia de gala toda a tropa da guarnição de Lisboa, de grande uniforme e em ordem de marcha, reuniu em grande parada no Campo pequeno.

Formava tres brigadas. A 1.ª, ligeira, commandada pelo sr. brigadeiro Taborda compunha-se dos batalhões de caçadores n.ºs 2, 4 e 5. A 2.ª commandada pelo sr. brigadeiro Francisco Horta era composta pelos regimentos de infanteria n.º 1, 2 e 10. A 3.ª commandada pelo sr. brigadeiro João Horta era formada por toda a infanteria da guarda municipal e pelo regimento n.º 16.

O sr. tenente general conde da Ponte de Santa Maria, depois de passar revista ás tropas, tomou o commando da divisão.

Eram quasi cinco horas da tarde quando suas magestades entraram no campo, sendo recebidas com ruidosas acclamações.

A carruagem que conduzia a joven rainha e a sua camareira mór a sr.ª duqueza da Terceira, foi collocar-se defronte da tropa que já estava formada em linha.

El-rei o sr. D. Luiz montando a cavallo, e acompanhado do principe Umberto e de um numeroso estado maior, dirigiu-se a galope para o sr. general commandante da divisão. A tropa fez as respectivas continencias, e o sr. D. Luiz, depois de passar rapida revista a toda a tropa, foi collocar-se ao lado da carruagem real. A divisão desfilou depois por batalhões em columna aberta de pelotões e n'esta ordem passaram em continencia pela frente de suas magestades.

Todos os corpos iam retomar as suas posições anteriores, a divisão executou a continencia final marchando toda a infanteria em linha de columnas, seguida pela cavallaria e artilheria.

Terminada esta continencia, el-rei despediu-se do sr. general, e elogiou toda a tropa que estava muito aceiada e de bella apparencia; appresentava um apparato verdadeiramente bellico, aquelle garbo militar proprio de soldados portuguezes. A *guarda municipal* sobretudo podia, pelo pessoal e uniforme, servir de modelo.

O nosso génio é decididamente militar e militante, digam se póde haver melhores presenças, mais verdadeiros modos militares, typos tão guerreiros como os do marechal Saldanha, dos generaes conde de Santa Maria, visconde da Luz e de muitos outros

soldados que se encontram pelas fileiras do nosso exercito?

Foi extraordinaria a concorrencia que incessantemente victoriava, levantava clamorosos vivas á rainha de Portugal a el-rei o senhor D. Luiz, ao rei Victor Manuel e á Italia.

Tudo se passou na mais perfeita harmonia, na melhor ordem, sem a mais leve desintelligencia.

Foram para este excellente e pacifico povo de Lisboa, os cinco dias dos festejos reaes, de pura folgança, de completa alegria, de verdadeiro prazer. Parecia que a escolha da princeza a senhora D. Maria Pia de Saboya para rainha de Portugal havia sido feita a votos do povo! Tal foi o enthusiasmo e a sincera satisfação com que todos applaudiram o casamento d'el-rei o senhor D. Luiz.

Cumpre agora registrar um facto que nos veiu justificar que se a princeza d'Italia é bella pela sua candura e formosura, não o é menos pelo esplendor da virtude que a exalça com os seus fulgores luminosos.

—A rainha de Portugal, ao dizer o ultimo adeus a seu augusto pae, pediu-lhe como especial graça, n'aquella hora tão solemne, o perdão para todos os

presos politicos da Italia. El-rei Victor Manoel accedeu ao pedido; e quem não havia acceder, se era a voz energica, mas piedosa, de um anjo que se tinha elevado para pedir tal concessão!

É isto o bastante para encarecer a singularidade, e sublimar a grandeza de suas glorias. É a prova mais sublime dos sentimentos christãos bebidos desde a mais tenra idade nas maximas de uma educação religiosa.

Sua magestade el-rei da Italia constituiu em dote a sua alteza real a serenissima princeza Maria, sua filha, a somma de 500:000 francos, alem da somma que lhe vier a pertencer proveniente do dote de sua magestade a fallecida rainha Maria Adelaide, sua mãe.

Independentemente do referido dote, sua magestade el-rei de Italia fez presente á real princeza da quantia de 100:000 francos destinada á adquisição do seu enxoval, alem de anneis e joias no valor de 250:000 francos.

Sua magestade a rainha recebe, pelo thesouro de Portugal, a dotação que lhe foi garantida pela lei de 1 de julho do presente anno (1862), a quantia de réis 60:000$000 annuaes.

O diadema que lhe fôra offerecido é de elegantissimo feitio e de delicadissimo lavor, foi avaliado em 20:000$000 de réis.

É marchetado por 4:000 pedras de diversas qualidades e tamanhos, havendo entre ellas uma de extraordinario brilho e grandeza.

Sua magestade el-rei o sr. D. Fernando brindou a augusta princeza com tres riquissimas joias, um delicado ramo de pedras preciosas, para o peito, um relogio com a competente cadeia tudo cravejado de brilhantes e rubins, e um collar de saphyras finissimas. Parece que o valor d'estas tres joias se eleva a trinta contos de réis.

Offereceu-lhe igualmente a grã-cruz da ordem de Nossa Senhora da Conceição e a banda da ordem de Santa Isabel.

O papa offereceu tambem á sr.ª D. Maria Pia de Saboya, sua afilhada, um rico album sacro cravejado de preciosissimas pedras, o qual, alem d'outras obras d'arte, tem duas pinturas admiraveis representando uma a *Virgem Maria*, outra o *Ecce homo*.

A imperatriz dos francezes deu-lhe um broche riquissimo no valor de cinco contos de réis.

A rainha de Hespanha presenteou-a com oito magnificos cavallos andaluzes.

A rainha de Inglaterra enviou-lhe um delicado bracellete, obra de finissimo lavor, feita por um dos primeiros joalheiros de Londres.

A imperatriz do Brazil tambem enviou á formosa princeza um lindo collar de perolas de subido preço.

Os membros do conselho commercial da cidade de Milão, offereceram-lhe, como tributo de affecto e homenagem, um primoroso quadro do celebre pintor italiano Luiz Bise: representa a cathedral de Milão. É adornado por uma rica e elegante moldura, obra do entalhador Maccichini e decorado com os escudos das casas de Saboya e de Bragança.

A cidade de Napoles, por intervenção do seu syndico, o commendador Colonna, apresentou um brinde que consiste n'um collar, pulseiras, dois alfinetes de peito, um d'uma só peça do valor de 3:000 francos, e doze botões grandes para um traje de amazona, varios botões para mangas, pentes e alfinetes de toucado, tudo em uma rosa, de rara belleza. Este magnifico brinde tem o valor de 5:400$000 réis.

Muitas outras cidades taes como Turim, Genova,

Palermo, Bolonha, etc., fizeram tambem ricos e delicados offerecimentos.

Os operarios de Roma não se esqueceram da filha do rei liberal, fizeram-lhe varias dadivas d'algum valor.

A communa de Faenza offereceu uma lindissima meza de costura com incrustações de marfim.

Além d'estes brindes sua magestade a rainha dignou-se ainda receber muitos outros objectos offerecidos por varias personagens e diversas corporações.

Do jornal do commercio extratamos as discretas e energicas felicitações que vão ler-se, por ellas se conhece o que são e quanto valem os italianos:

« Chamamos a attenção dos leitores para a eloquente felicitação dirigida pelos operarios de Turim a S. M. a rainha D. Maria. É a linguagem sentida e leal dos homens do povo, filhos extremosos da Italia, que saudam a sua princeza, que d'elles se afasta para seguir seu brilhante destino. Anjo de paz e de beneficencia, chamam elles á augusta rainha; e elles bem a conhecem; viram-n'a nascer e crescer, e com razão suppõem que, com a despedida da sua formosa Italia, a augusta filha de Victor Manuel será o anjo da paz que faça esquecer discor-

dias funestas, e restitua a liberdade a quem tanto tem pugnado por libertar a sua patria.

Oxalá a voz dos operarios seja o prognostico de tão feliz nova.

Eis-aqui o que lemos nos jornaes d'Italia:

Lê-se na *Gazzetta di Torino:*

«Espera-se hoje em Turim S. A. R. a duqueza de Genova, á qual deviam ser apresentados os membros da commissão portugueza.

A junta municipal, á qual se reuniram muitos conselheiros communaes, tendo-se dirigido hoje ao meio dia em 12 carroagens de grande gala ao palacio real, teve a honra de ser recebida por S. A. R. a princeza Pia, rodeada de toda a côrte, e de lhe offerecer o album com que o municipio a brindava.

O syndico, marquez de Rozá, leu a seguinte mensagem:

«Real Alteza!

«A cidade de Turim vos pede que aceiteis com animo benigno este respeitoso tributo de affecto.

«Aceitae-o como uma lembrança de quem ornou de flores o vosso berço, e tomou grande parte nas alegrias da vossa juventude.

« Tendes sido até aqui, na côrte de Victor Manuel, o espelho da bondade e da innocencia.

«Agora tornareis feliz o joven monarcha que vos estende a mão de esposo; e, rainha, sereis para o povo lusitano o anjo da paz e da beneficencia.»

S. A. R., mui commovida, dignou-se responder com palavras cheias de affabilidade e cortezia, manifestando a sua gratidão pelo brinde que a sua cidade natal quiz offerecer-lhe, e assegurando que jámais d'ella se esqueceria.

Pouco depois da junta se ter despedido, o syndico tornou a entrar, acompanhando a deputação da corporação dos operarios, a qual tambem quiz apresentar á augusta princeza uma mensagem cheia de affectuosas expressões.

S. A. prodigalisou tambem os seus agradecimentos á corporação dos operarios; e para provar toda a sua gratidão, dignou-se conceder a honra de lhe beijarem a mão aos vinte membros da deputação.

O municipio e os operarios, a ajuizarmos pela

commoção que se lhes desenhava nos rostos, jámais hão de esquecer esta conjunctura ao mesmo tempo fausta e dolorosa, que mais uma vez serviu para provar quão estreito e sincero é o vinculo de affecto entre o rei e todas as classes do povo n'esta terra onde tão profundas raizes teem criado as tradições dynasticas.»

Da *Gazetta del Popolo* transcrevemos a mensagem, a S. A. R. a princeza Maria Pia, pela deputação da corporação dos operarios de Turim, a qual se compõe de mais de onze mil socios. Eis a mensagem.

«Os operarios, os filhos do trabalho, tambem querem despedir-se de vossa real alteza e saudal-a. A vossa união com a antiga casa de Bragança, com o illustre e joven rei d'uma nação amiga e, a par da nossa, governada por instituições livres e constitucionaes, foi por nós acolhida com jubilo, porque de ha muito estamos habituados a partilhar as alegrias e as tristezas da augusta casa de Saboya, a qual ligou os seus destinos aos da Italia. Dentro em pouco vereis, real princeza, aquella terra que acolheu no exilio o vosso illustre avô, o qual, desenrolando a bandeira nacional, associou a monarchia á liberdade, e com exemplo mostrou aos italianos como se combate e se morre por ella... Se acaso aquella terra podesse despertar em vós uma triste e dolorosa recordação, que ao menos vos console

a idéa de que elle vive ainda na lembrança d'um povo grato, o qual não poderia, sem se deshonrar, olvidar que foi sobre a loisa da martyr do Porto que elle alevantou o pedestal do seu engrandecimento! Uma nuvem, que ha poucos dias cobria o horisonte, pôde talvez offuscar por um instante o contentamento de vosso presado pae... e nós vimos com immenso pesar que iam ser perturbados os mais bellos dias da vossa vida por essas discordias intestinas que tanto mal já causaram á joven Italia.»

Tambem a sociedade dos artistas lisbonenses offereceu um preciosissimo ramo de flores artificiaes, obra do insigno florista Constantino.

Na carta que elle escreveu á sociedade, acompanhando o ramo, lia-se — «O meu empenho seria ir em pessoa reunir-me á sociedade dos artistas para a apresentação d'este emblema de respeitosa homenagem; mas não posso, com grande magoa do meu coração, realisar esse desejo, por estar ainda muito convalescente de uma grave doença que soffri. » — Estas palavras, bem como todo o conteudo da carta, são uma prova dos sentimentos de patriotismo, e da nobreza de seu coração. Este artista, que tão longe vive da patria, por vezes nos tem certificado que se não esquece, e que se preza de ser portuguez.

Uma deputação de artistas nacionaes entregou, n

occasião do desembarque, o mimoso brinde a sua magestade el-rei, que o offereceu á augusta princeza, lendo um dos membros n'esse mesmo acto a seguinte felicitação:

**Sociedade dos artistas lisbonenses**

«Senhor. — A commissão nomeada pela sociedade dos artistas lisbonenses vem aos pés de vossas magestades tributar, em nome da associação que representa, as suas homenagens de consideração e profundo respeito, e offerecer a vossas magestades um ramo de flores como demonstração dos sentimentos que animam os artistas portuguezes por tão auspicioso consorcio.

N'este dia sobremaneira jubiloso seja-nos tambem permittido, a nós operarios, a manifestação dos sentimentos que existem no coração de um povo inteiro; e a commissão admittida, em tão solemne momento, á augusta presença de vossas magestades, folga de ser interprete dos votos dos artistas portuguezes n'esse contentamento e alegria que por toda a parte se observa.

Que vossas magestades sejam os protectores da nossa industria, e o paiz alcançará a prosperidade e o engrandecimento que todos desejâmos.

**Resposta de sua magestade**

«Fazei presente á sociedade dos artistas lisbonenses, que representaes, as demonstrações do nosso

agradecimento pela offerta que em seu nome vindes fazer á rainha minha adorada esposa, e pelas expressões de jubiloso affecto de que sois tão fieis interpretes.

Dizei á sociedade dos artistas lisbonenses que, para a industria portugueza ter jus á protecção que desejaes, bastarão os esforços empregados por tão patriotica corporação no proposito de desenvolver importantes ramos da riqueza publica. O trabalho, gloria e força das nações, tem em si mesmo a sua honra, e por si se recommenda á mais alta solicitude.»

O sr. D. Luiz recebeu varios brindes de diversos portuguezes cujos nomes omittimos por não tornar demasiadamente longa esta breve descripção.

O provedor do asylo de mendicidade solemnisou o real consorcio de uma maneira propria do seu caracter liberal e do seu coração bondoso e beneficente.

Admittiu no asylo, dezeseis pobres, e mandou dar um apetitoso jantar aos asylados.

A expensas suas, mandou distribuir nos dias 7, 8 e 9 um jantar a todas as pessoas pobres que ali se apresentassem. No primeiro dia appareceram seis-

centas pessoas; no segundo e terceiro foi maior a concorrencia.

Uma commissão de benemeritos cavalheiros solemnisou de egual modo o consorcio de el-rei distribuindo um jantar a quatrocentas pessoas. Este acto de philantropia effectuou-se na praça da Figueira. Em quasi todas as freguezias os respectivos moradores se quotisaram entre si a fim de soccorrerem os necessitados, concorrendo d'esta sorte para que n'estes dias a alegria entrasse até no triste alvergue do pobre.

Agora vamos dar uma noticia da habitação de suas magestades.

Não é nosso este trabalho, appareceu no *Jornal Mercantil* da cidade do Porto, é bastante curioso, como o leitor verá, por isso nos propozemos a transcrevel-o, pedindo para isso a devida venia.

« Vamos entrar nos aposentos reaes.

Estamos na primeira sala. É a destinada para os creados particulares da rainha e para os criados particulares do rei. É n'esta que um certo numero de criados revesados de horas a horas, está sempre ás ordens de suas magestades.

Esta sala foi feita de novo. Está forrada de papel azul dourado. Tem cortinado e reposteiros, tudo de demasco de padrão egual ao do papel, moveis de estylo antigo. Tem esta sala, que é a do centro do palacio para a parte do Tejo, duas janellas de sacada para a galeria ajardinada ou varanda balaustrada.

Seguem-se immediatamente á direita d'esta primeira sala (para a parte da barra) os aposentos da rainha e para a esquerda, mas tudo na mesma correnteza, com janellas de sacada para a referida galeria ou balaustrada, os aposentos de el rei, terminando estes aposentos isto é os de el-rei, no salão da recepção da côrte nos dias ordinarios. Este salão é o do torreão, por baixo da sala do throno. Os aposentos da rainha tomam todo o espaço que ha desde o centro do edificio até onde as obras pararam, mas espaço inteiramente igual ao destinado aos aposentos de el-rei. A parte concluida do palacio da Ajuda tem para o lado do Tejo 18 janellas além das tres do torreão. D'estas 18 janellas pertencem duas á já descripta sala do centro, destinada para os creados de serviço, oito aos aposentos de el-rei e egual numero aos aposentos da rainha.

Vamos agora á descripção d'estes aposentos.

O primeiro é um pequeno gabinete quadrado, com uma sacada. É o destinado para as criadas de

serviço da rainha. Dá entrada para a sala do piano e para o quarto de banho.

Entremos primeiro n'este quarto.

A banheira é de metal, envernisado de branco, com meias canas douradas. Tem uma fórma elegante. Se não fosse oblonga poderiamos comparal-a com uma jarra de lindissimo feitio. Sobe-se para a banheira, posto que de altura commum, e desce-se para o banho por degraus de veludo carmezim.

O pavimento d'este quarto é coberto de oleado. Nas duas portas, uma a do gabinete por onde entramos com o leitor, e outra para um quarto interior, ha reposteiros de riquissimo tissu de lã carmesim, com guarnições bordadas de matiz, sobre fundo branco. Estas guarnições têem um palmo de largo. Os quatro angulos do quarto do banho são guarnecidos de sophás estofados. A agua para o banho, tanto a quente como a fria, é conduzida por encanamentos especiaes com torneiras douradas sobre a banheira. Sobre esta ha tambem o banho de chuva. As paredes d'este quarto são de estuque, as portas brancas e douradas. No quarto interior em que já fallámos estão as roupas, toalhas e os mais aprestos proprios de banho.

Saiamos agora pela mesma porta por onde entrámos.

Segue-se a sala do piano. É aqui que começa a riqueza, a opulencia, a magnificencia, tudo em fim quanto de bello e de precioso se póde gosar na terra.

As paredes são forradas de damasco de seda verde enramado de ouro. No centro de cada lado da sala ha quatro espelhos de quinze palmos de altura e oito de largura. Todos estes quatro espelhos têem riquissimas e elegantes molduras e «consoles» doiradas. Sobre as «consoles» riquissimas pedras de marmore de Carrara. A guarnição do fogão d'esta sala é do mesmo marmore. Sobre a «console» que fica entre as duas janellas de sacada que ha n'esta sala está um relogio de muito custo. É todo de bronze. Tem mais de meio metro de altura. O mostrador do relogio está na esphera que uma figura, representando parece-nos que a «Perseverança», tem debaixo do braço esquerdo.

No centro d'esta sala ha um riquissimo lustre de metal dourado com lindos ornatos de cristal.

As cadeiras são todas douradas e estofadas. Os estofos são da mesma seda das paredes. Tambem são da mesma seda os cortinados e os reposteiros. Os cortinados teem *doubles* de riquissimas rendas de

linho. A alcatifa é avelludada. Muitos e todos ricos e bonitos ornatos sobre as consoles, meza de centro e uma lindissima secretaria.

Segue-se a sala da *toilette*. O forro das paredes, os cortinados e os resposteiros são de setim carmezim, com enramamento branco. A alcatifa é tambem avelludada. A mobilia é toda encrustada de tartaruga com engastes e marchetaria de metal doirado. É admiravel a delicadeza dos embutidos. Esta mobilia devia custar rios de dinheiro. Sobre o espelho movel de vestir, sustentado em columnas, tudo tambem de tartaruga e metal, ha um lindo escudo de prata sustentado por dois cherubins igualmente de prata.

Ha tambem um lustre muito rico n'esta sala e placas aos lados dos espelhos.

Segue-se o quarto da cama.

Aqui são tantas as coisas ricas que não sabemos por onde começar a descripção.

Vá pelas paredes. São todas forradas de setim azul com enramamento de oiro. Toda a mobilia é de ébano com ornatos e embutidos de metal fosco em partes e brilhante em outras. A cama, no estylo francez, é de um trabalho e de um gosto indiziveis. Toda de

ebano como a demais mobilia, tambem com ornatos e embutidos de metal, o seu custo, que anda por tres contos de réis, parece ainda ser pouco. A cabeceira da cama é mais elevada do que o lado dos pés. No centro da cabeceira estão as armas portuguezas, em metal. Os cortinados da cama, que são do mesmo setim enramado de oiro, pendem de um docel collocado junto ao tecto, que n'esta sala, como em todas as outras dos reaes aposentos, está na altura de 34 palmos. Os cortinados, descendo de tão grande altura, são apanhados aos lados da cabeceira da cama. O docel é um alto relevo e dourado. Tem no remate as armas de Portugal e Saboya, ambas debaixo da corôa real portugueza. Todo o cortinado como o docel são formados de setim branco. Ha por baixo d'este riquissimo cortinado outro de rendas de linho de Bruxellas. Este cortinado de rendas cobre toda a cama pousando na alcatifa. A coberta da cama é do mesmo setim dos cortinados.

A alcatifa é aveludada. É a mais rica de todos os aposentos.

O cortinado da cama custou dois contos de réis. Os cortinados das janellas tambem teem *double* de rendas de linho.

No tecto do quarto da cama da rainha ha uma

rica pintura antiga e n'ella o seguinte distico: *Providentiam deorum quies augustorum.*

A descripção d'este quarto de cama podia ser muito mais minuciosa, mas nós não a podemos fazer. Com o que até ali já tinhamos visto de esplendido e de sumptuoso, e com o que ali fomos ver, principiámos a sentir um perfeito deslumbramento. A vista tambem cança, a razão parece turvar-se diante dos quadros das magnificencias da terra. Deviamos parar, suspender por alguns momentos a sofreguidão da nossa curiosidade provinciana, mas não o podiamos fazer ainda que quizessemos. Restava muito que ver, e o cavalheiro que nos acompanhava devia precisamente ter mais que fazer. Muita foi a sua bondade. Mas pelo que fica dito podem os leitores julgar do resto dos adornos do quarto da cama da rainha.

Passemos agora á sala immediata, á ultima dos aposentos da rainha.

A descripção d'esta sala ou do que já está e do que ha-de vir para ella, encheria dous ou tres «Commercios do Porto» sem que a sua leitura cançasse pelo menos as leitoras. É esta ultima sala a guarda-roupa da rainha. Mas nós não podemos dizer senão o que vimos. Vimos a sala toda guarnecida de riquissimos guarda-vestidos de mogno, com ornatos de muito trabalho e de muita elegancia. São todos

unidos uns aos outros, formando de cada lado da sala um só movel completo. Todos estes guarda-vestidos teem portas de madeira. Só os do centro teem grandes vidros, tendo por dentro seda verde em pregas. Os guarda-vestidos de um dos lados teem gavetas, grandes e pequenas, proporcionadas aos objectos a guardar. Esta sala é esteirada.

Acabaram os aposentos particulares da rainha.

Segue-se agora os de El-rei.

Na descripção d'estes não temos que nos deter, porque nada ha que admirar. Não ha forros de seda nas paredes. São todas cobertas de papeis dourados, riquissimos em qualidade e em gosto. Os cortinados e reposteiros são em harmonia com os papeis. Ha a mesma harmonia nos estofos da mobilia. El-rei tem numero egual de aposentos aos que tem a rainha. Tem tambem quarto de banho, sala de vestir, quarto de cama, sala de guarda-roupa e mais o seu gabinete particular com a sua secretária.

Todos os aposentos reaes tem communicação com um corredor que dá serventia para as salas da recepção ordinaria da côrte e para as escadarias do andar nobre. As salas da recepção ordinaria da côrte são no lanço do palacio para a parte da actual entrada

e desde esta até ao torreão do mar. A primeira d'estas salas é a dos archeiros.

Todas as salas de recepção ordinaria foram agora forradas de riquissimas tapecerias antigas, representando magnificos quadros. Estas tapecerias, estavam ha muitos annos nas casas da arrecadação dos paços reaes.

Como o palacio da Ajuda tem proporções para tudo, a grande sala chamada dos archeiros, no andar nobre, fica reservada só para as recepções de grande gala, audiencias de embaixadores e mais actos de apparatosa solemnidade. A sala do despacho de el-rei com os ministros e a do conselho de estado politico é uma das de recepção ordinaria da corte. Parece-nos que já dissemos que estas salas communicam immediatamente com os aposentos particulares de el-rei.

Principiemos agora a subir escadas.

Primeiro que cheguemos ao andar nobre, encontramos no pavimento chamado ante-solo uma grande galeria de quartos com janellas para o pateo. Grande numero d'estes quartos estão preparados para as pessoas do sexo masculino que vem na comitiva da rainha. É alli que estas personagens tem de ser hospedadas. Nos busaninhos, que já dissémos fica-

rem no andar mais alto do palacio, estão tambem preparados os quartos das damas e mais senhoras e criadas, que devem ficar no paço. As damas que vem na comitiva hão-de ser ali tambem hospedadas. Contamos no ante-solo e nos busaninhos trinta e dois quartos promptos e mobilados com mais ou menos riqueza, mas todos com riqueza. Ainda se deviam preparar hoje mais quartos.

Passámos por fim ao andar nobre.

As primeiras salas que vimos foram as da parte do Tejo. Eram as occupadas até agora por el-rei. De hoje em diante vão-no ser pelo senhor infante D. Augusto que fará ali a sua residencia effectiva. Sua alteza chegou esta manhã de Mafra. Vem completamente restabelecido.

Não faremos a descripção d'estas salas. Algumas são forradas de seda antiga. Era esta a parte do palacio que estava bem conservada. O senhor D. Miguel de Bragança tambem teve ali os seus aposentos. As salas que necessitavam de novo forro, levaram-no agora. Umas de papel rico, e outras de seda.

Adiante.

Entremos na sala que está preparada para a ceia

no dia do baile, que hade ter logar oito dias depois do casamento.

Fica esta sala para o lado do pateo. É contigua á sala muito conhecida dos «tres estados.» As paredes estão estucadas a lustre, e sobre o lustre ornatos a oleo. As portas são douradas. Sobre cada porta, que são seis, ha enormes espelhos. Quatro riquissimos lustres, todos de crystal, e 20 placas de 20 lumes cada uma, além de seiscentas luzes em castiçaes e serpentinas de prata, distribuidas no bufete, hão-de tornar esta sala n'um perfeito paraizo. O bufete é em fórma de meia laranja. Eleva-se no fundo da sala a toda a altura d'esta. Desde cima até baixo hade ser guarnecido com as pratas da casa real. No centro será collocada uma pequena baixella de ouro.

Nas extremidades do grande bufete mas em toda a volta d'elle, pois que toma tres lados da sala, estarão as viandas. É de lindo effeito a disposição do bufete em amphitheatro.

A mobilia d'esta sala é de mogno.

Sala do baile.

É esta a notavel sala dos «tres estados» e hoje a mais rica que ha em Portugal. Não sabemos se

poderá haver mais rica em alguma parte. As suas immensas paredes são forradas de setim branco com grandes fachas azues. As fachas são guarnecidas com molduras douradas. A seda d'esta sala foi fabricada em Lisboa.

Ha na sala do baile quatro espelhos monstros, com as molduras maiores e mais ricas que temos visto. Ha no centro da sala tres lustres. O do centro é de 40 luzes. São todos de metal dourado com ornatos de crystal. Na altura de um terço da sala ha uma ordem de placas, tambem de metal e crystal.

Fez-se-lhe um espaçoso coreto para a musica. Todas as portas são douradas. O solho é de Flandres, todo novo, e feito aos quadrados de taboas eguaes, de tres polegadas de largura.

N'esta sala é que deve ter logar o jantar do dia do casamento.

Está esplendidamente preparada para isto, mas o pouco tempo que ha, não permitte preparal-a com tanta grandeza e propriedade como a sala da ceia. Todavia, fica riquississima.

A sala do baile tem no tecto uma rica pintura do insigne pintor Taborda. É allegorica á outhorga da carta de 1826. Lá está o distico bem conhecido por

muitos dos nossos leitores: — «Na historia não tens par.»

Alludia isto á abdicação de D. Pedro IV depois de haver dado a carta aos portuguezes.

Vamos agora á capella. Não reparem os leitores em não termos principiado por ella. Fazemos a descripção do que vimos pela mesma ordem por que fomos vendo as coisas. Não é falta de reverencia, no fazer d'estas descripções, começar pelo profano. Além d'isto ainda temos de levar os leitores a muitas salas depois de sairmos da capella. Assim veio esta a tomar por acaso o logar mais distincto da descripção, que é o do centro.

A capella estava prompta de toda a obra de canteiro, faltava-lhe o solho e toda a obra de ornatos e de estuque. Tudo agora está feito. Foi hoje benzida e ámanhã celebrar-se-ha n'ella a primeira missa.

As janellas da capella são para o pateo. A capella tem o espaço do salão do baile do club portuense. A differença póde ser para menos mas pouca será. Tem um rico retabulo, feito agora. Representa Nossa Senhora das Graças. A pintura é do sr. Fonseca, lente da academia de Bellas Artes de Lisboa.

As paredes da capella e as galerias que a circui-

tam, destinadas para as pessoas da casa real, são de marmore. Aos lados do altar ha duas columnas inteiriças, de 40 palmos cada uma, de rico marmore côr de rosa, chamado de «Salema». É tambem marmore portuguez. A tribuna real, isto é, a de suas magestades e de suas altezas, é forrada de seda e alcatifada.

O tecto é pintado a claro escuro como o do tribunal do commercio do Porto. Toda a obra da capella é feita por artistas portuguezes. Vimos ali tres pintores do Porto. O mestre da pintura foi o sr. José Faustino, quasi octogenario mas de uma habilidade e actividade raras. Tivemos a honra de lhe ser apresentado na sala do throno, em cujas decorações o distincto artista estava occupado.

As portas da capella são de pau santo. A banqueta é de prata massiça.

Entremos agora nas salas principaes do palacio.

É a primeira a grande sala dos archeiros. Está como estava. Tem-se conservado no melhor estado, com o seu rico tecto e pinturas das paredes.

Segue-se a primeira sala de recepção. É a conhecida pela sala da acclamação de D. João IV, pela rica pintura que tem d'este nobre heroico feito portu-

guez. Esta sala fica como está, com alguns retoques na pintura.

Está em continuação a segunda sala de recepção. É a sala chamada de D. João VI, tambem pela pintura que ali ha allusiva a este bondoso monarcha. As paredes d'esta sala foram hontem mesmo forradas de seda carmezim. As pinturas tinham soffrido tanto com a humidade, que não foi possivel restaural-as.

Segue-se a sala do throno. As paredes foram forradas de novo de riquissimo damasco de seda, côr de purpura. O docel é de damasco de veludo. Já estão no throno as duas cadeiras para suas magestades.

Todas as salas da recepção assim como a do throno tem alcatifas riquissimas, novas. As credencias da sala do throno são douradas de novo e cobertas de veludo carmezim.

Todos os cortinados destas ultimas salas principaes do palacio, são tambem de damasco de seda carmezim. A mobilia propria das mesmas salas é dourada. Todas as cadeiras e assentos, para as poucas pessoas que gosam da honra de se assentar nos dias de cortejo e recepção, são estofadas do mesmo damasco.

A sala do throno continua a ser a que sempre foi. É a do torreão.

A entrada do Paço fica sendo pela primeira porta á esquerda dentro do vestibulo. É a que está entre as estatuas da «Justiça e da Prudencia.»

Como fallamos em estatuas ahi vai a relação das que estão no vestibulo do palacio. Concluimos assim á porta da rua a descripção que quizemos fazer, mas que não sabemos se ficará de modo que se entenda. Com a pressa com que a fazemos não nos pode sair melhor das mãos. Desejavamos mandal-a no correio de hoje e para conseguir isto estamos a escrever desde as 5 horas da manhã. São agora 5 da tarde.

Eis a relação das estatuas, que são todas de marmore.

Amor da Patria
Amor da virtude
Clemencia
Affabilidade
Perseverança
Piedade
Humanidade
Annuncio bom ou Boa nova
Acção virtuosa

Innocencia
Desejo
Diligencia
Providencia
Lealdade
Liberalidade
Intrepidez
Gratidão
Generosidade
Conselho
Consideração
Constancia
Justiça
Prudencia
Honestidade
Decoro

São 25. Faltam ainda 5. Ha logares para 30.

Foram todas feitas desde 1818 até 1830. A *Perseverança* foi a ultima. Tambem das 25 estatuas feitas, só uma foi de auctor estrangeiro. Foi este o italiano Carlos Comatucci. Fez a estatua «Liberalidade», que dizem os entendedores ser a mais imperfeita. Todas as mais são feitas pelos artistas portuguezes Machado, J. G. Viegas, J. J. d'Aguiar, Barros, pae e filho, e Faustino José Rodrigues.

E ainda não damos por concluida a conta do que vimos hontem. Fóra do palacio da Ajuda encontrá-

mos 762 trabalhadores a terreplanar o largo, desfazendo uma montanha de 9 a 15 palmos de altura e mais 200 e tantos a fazer a rampa que agora põe o palacio em communicação facil e bella com a calçada que vem de Belem. Nunca vimos trabalhar com tanta actividade, nem tanta gente junta. Mas é que hoje deve ficar tudo prompto. Quem ha poucos dias passasse pelo palacio da Ajuda e só hoje tornasse a passar desconheceria completamente todo o terreno em volta.

Hoje a praça em frente do palacio está magnifica. Do lado do Tejo tambem ha um largo muito espaçoso. É o que fica debaixo da galeria ou balaustrada para onde olham as sacadas dos aposentos reaes.

Concluimos por referir um nome que merece todo o elogio. Todas as obras feitas dentro de tão curto praso, dentro e fóra do palacio, foram dirigidas pelo sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, architecto da casa real. Os ornatos e adornos tambem tem sido dirigidos por este distinctissimo cavalheiro. »

Não é para admirar as galas e as festas que houve para receber a excelsa rainha de Portugal.

As circumstancias em que nos achamos, depois das deploraveis e calamitosas perdas originadas por

uma causa, digamos assim, ainda não conhecida, nos levam a apreciar este consorcio como uma grande felicidade para este reino.

As festas, as pompas, o estrondo que houve para solemnisar o consorcio real, vão levar ao futuro o annuncio de uma nova era, que, pelos alicerces que já estão lançados, indica uma base segurissima no edificio social, e nos interesses e augmentos d'este reino.

Antes do derradeiro ponto final, temos ainda um dever a cumprir. Temos a saudar a Italia!

Saudemos pois, a Italia, a patria das artes e da velha liberdade classica, a patria de Brutus e de Scevola. — Saudemos sim a Italia, nossa irmã, que opprimida pela mão do despotismo, chegou a libertar-se heroicamente da odiosa e execravel tyrannia que a humilhava. Sustentae, povo illustre, esse principio que nasceu com o homem, e que só para vergonha da humanidade póde ser contestado por espiritos rasteiros e mal intencionados.

FIM.

Typographia Universal — Rua dos Calafates, 110.